



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Sonia Steinhauser Motta

**Motivações e experiências de alunos em Projeto de Extensão
Universitária em hospital pediátrico: o projeto “Alunos Contadores
de Histórias do IPPMG / UFRJ”**

Rio de Janeiro

2013

Sonia Steinhauser Motta

Motivações e experiências de alunos em Projeto de Extensão Universitária em hospital pediátrico: o projeto “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG / UFRJ”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Cavalcanti de Aguiar

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

M921 Motta, Sonia Steinhauser.
Motivações e experiências de alunos em Projeto de
Extensão Universitária em hospital pediátrico : o projeto
"Alunos Contadores de Histórias do IPPMG/UFRJ" /
Sonia Steinhauser Motta. – 2013.
124 f.

Orientadora: Adriana Cavalcanti de Aguiar.
Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Extensão universitária - Teses. 2. Contadores de
histórias - Teses. 3. Crianças – Assistência hospitalar –
Teses. 4. Comunidade e universidade - Teses. I. Aguiar,
Adriana Cavalcanti de. II. Universidade do Estado do Rio
de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 378(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sonia Steinhauser Motta

Motivações e experiências de alunos em Projeto de Extensão Universitária em hospital pediátrico: o projeto “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG / UFRJ”

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política, Planejamento e Administração em Saúde.

Aprovada em 15 de abril de 2013.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Cavalcanti de Aguiar
Instituto de Medicina Social – UERJ

Banca Examinadora: _____

Prof. Dr. Ruben de Araújo Mattos
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof.^a Dra. Ana Inês Sousa
Pró-Reitoria de Extensão – UFRJ

Prof.^a Dra. Sylvia Maria Porto Pereira
Faculdade de Medicina – Universidade Estácio de Sá

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Margot (in memoriam), minha maior incentivadora e apoiadora, pelo exemplo de vida;

Para Maria Luiza, Letícia e todos os que ainda virão se juntar a elas, pela alegria que trazem e renovação da vida que representam.

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigada:

A todos os alunos “contadores” de histórias que já participaram, participam e vão ainda participar do projeto, pela solidariedade e esperança no futuro que representam;

A Regina Fonseca, principal responsável pela realização do Projeto Alunos Contadores de Histórias, pelo exemplo de dedicação às crianças e aos familiares do IPPMG e pela parceria junto ao projeto;

A nossos alegres, criativos e compromissados alunos bolsistas e apoiadores, pela grande ajuda, ideias novas e estímulo;

Aos alunos “contadores” que repartiram conosco suas vivências, trazendo contribuições essenciais para este estudo;

A todos que de alguma maneira contribuíram para o desenvolvimento do projeto e a todos que hoje acreditam e apoiam a iniciativa;

A Lillian, Rose-Léa, Elisa, Regina e Graça, em nome de todos os funcionários do Ambulatório Materno-Infantil do IPPMG, pelo privilégio e prazer de durante tantos anos ter feito parte desta equipe dedicada e coesa;

A meus muitos amigos do IPPMG, por terem compartilhado comigo seus conhecimentos permitindo uma atuação diferenciada junto as nossas crianças e suas famílias;

Aos meus pacientes e familiares, que me ensinaram o significado de determinação e o verdadeiro valor da vida;

A minha orientadora Adriana, por ter me recebido gentilmente para orientação, me incentivando a reflexão sobre o estudo;

A meus professores e colegas de mestrado, pelo aprendizado e convívio proveitosos;

A minha amiga Olga, em nome das minhas queridas amigas de todas as horas, pelo apoio, cumplicidade e alegria de nossos encontros;

A Pedro, pelo amor, paciência e companheirismo;

A Gabriela, João Pedro e Carolina, meus filhos, pelo real significado que deram à minha vida e pelo estímulo constante ao crescimento;

Enfim, a toda minha grande e maravilhosa família, por uma vida sempre em movimento.

A universidade será democrática se souber usar o seu saber hegemônico para recuperar e possibilitar o desenvolvimento autônomo de saberes não hegemônicos, gerados nas práticas das classes sociais oprimidas e dos grupos ou estratos socialmente discriminados.

Um novo senso comum estará em gestação quando essas classes e grupos se sentirem competentes com o saber hegemônico e, vice-versa, quando os universitários começarem a ter consciência de que sua sabedoria de vida não é maior pelo fato de saberem mais da vida, uma consciência que se adquire em práticas situadas nas fronteiras da competência profissional. Para estas situações limites não há receita nem itinerários. Cada um constrói as suas.

Boaventura de Sousa Santos, 1989, p. 56.

RESUMO

MOTTA, Sonia Steinhauser. *Motivações e experiências de alunos em Projeto de Extensão Universitária em hospital pediátrico: o projeto “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG/ UFRJ”*. 2013. 124f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Este estudo investigou as motivações de alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para participar de um projeto de Extensão Universitária em um hospital pediátrico, assim como as contribuições percebidas pelos estudantes em relação às suas trajetórias pessoais e profissionais relacionadas à participação no projeto. O Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias” é desenvolvido no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) há quatro anos e visa à melhoria do cuidado junto à clientela, através da oferta de uma atividade lúdica, a “contação de histórias”, que representa algo de positivo num momento de muitas perdas e sofrimento. A cada semestre é realizada uma seleção e, após a capacitação, os alunos passam a contar histórias para as crianças, os adolescentes e seus familiares, nos diversos setores assistenciais da instituição durante duas horas por semana, por no mínimo seis meses. Foi realizado um estudo exploratório usando os métodos quantitativo e qualitativo. Os dados utilizados foram provenientes da análise de registros existentes em documentos do projeto e de dois grupos focais realizados com alunos. A análise dos dados apontou que os alunos participantes buscam o projeto no intuito de poder realizar uma atividade solidária, junto às crianças. Suas percepções sobre a experiência e suas contribuições, de uma maneira geral, são muito positivas, e revelam amadurecimento e redimensionamento de valores com ampliação da visão social, através de uma atividade a qual referem ser prazerosa. As principais dificuldades observadas foram a falta de flexibilização curricular e o desconhecimento das propostas da Extensão Universitária por grande parte do corpo discente e também dos docentes e técnico-administrativos dos diversos cursos. O projeto está sintonizado com as propostas da Política Nacional de Extensão Universitária e o presente estudo espera contribuir para o aprimoramento das atividades de Extensão Universitária em ambientes institucionais análogos.

Palavras-chave: Extensão universitária. Formação cidadã. Hospital pediátrico.

ABSTRACT

This study investigated the motivation of students of the Federal University of Rio de Janeiro to take part of a University Extension Project at a children hospital and also their perceptions of the contribution of their engagement in this project for their personal and professional lives. The project: "Story Tellers Students" is developed at Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) since 2008 and aims at the improvement of the care of the patients through the offer of a playful activity, the "story telling", which may represent something positive in a period of much losses and suffering. Participant's enrollment starts at the beginning of each semester and, after being trained, the students spend two hours weekly, for at least six month telling stories to children, teenagers and their families in the several care sectors of the institution. An exploratory study was performed, using quantitative and qualitative methodology. The data used where collected from records of pre-existent documents, and from data collected through two focal groups realized with students. The analysis revealed that the participant students looked for the project to develop a solidarity action next to children. The perception about the experiences they had and about the contribution of this participation for their lives is, for most of them, very positive, they gained maturity and they were able to reshape their personal values with a consequent enlargement of their social vision, through the development of a pleasant activity. The main difficulties observed where the little flexibility of the curriculum and the lack of awareness of the objectives of the University Extension as a whole by most students and also from the teachers and other co workers of the most courses. The project is aligned with the proposals of the National University Extension Policy and the study hopes to contribute to the improving of the activities of University Extension in similar institutions.

Keywords: University extension. Civic education. Pediatric hospital.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Número de alunos participantes, crianças e adolescentes atendidos e horas atuadas a cada turma de alunos do Projeto “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG”	62
Gráfico 1 - Número de alunos participantes por turma e sexo	63
Gráfico 2 - Número de alunos participantes no projeto por faixa etária	64
Gráfico 3 - Distribuição dos períodos acadêmicos frequentados pelos alunos participantes ao ingresso no projeto.....	65
Gráfico 4 - Distribuição dos cursos cujos alunos participaram do projeto, por turma	66
Gráfico 5 - Percentual de alunos participantes que referiram participação pregressa em atividade voluntária	67
Gráfico 6 - Distribuição da frequência de atuação dos alunos das turmas 3 a 6 do projeto	69
Quadro 2 - Distribuição dos códigos descritivos e categorias das respostas ao Instrumento 1	71
Quadro 3 - Distribuição dos códigos descritivos e categorias das repostas ao Instrumento 3	76
Quadro 4 - Temas de análise e categorias gerais e específicas	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A UNIVERSIDADE BRASILEIRA: DEMANDAS E DESAFIOS	17
1.1 A universidade pública no Brasil	17
1.2 A extensão universitária no Brasil	24
2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO NO RIO DE JANEIRO	34
2.1 A Universidade Federal do Rio de Janeiro – histórico	34
2.2 A Universidade Federal do Rio de Janeiro – hoje	37
2.3 A extensão universitária na UFRJ	38
2.4 O Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira	42
2.5 O Projeto “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG	45
3 MÉTODOS	53
3.1 População alvo	54
3.1.1 <u>Critérios de inclusão</u>	54
3.1.1.1 <u>Análise documental</u>	54
3.1.1.2 <u>Grupos focais</u>	54
3.1.2 <u>Critérios de exclusão</u>	54
3.1.2.1 <u>Análise documental</u>	54
3.1.2.2 <u>Grupos focais</u>	55
3.2 Coleta de dados	55
3.2.1 <u>Análise documental</u>	55
3.2.2 <u>Grupos focais</u>	57
3.3 Metodologia de análise de dados	59
3.3.1 <u>Dados quantitativos</u>	59
3.3.2 <u>Dados qualitativos</u>	60
3.4 Questões éticas	61
4 RESULTADOS	62
4.1 Dados quantitativos	62
4.1.1 <u>Perfil demográfico e acadêmico</u>	62
4.1.2 <u>Avaliação de participação pelo Critério de Horas Atuadas</u>	69
4.2 Dados qualitativos	70

4.2.1	Motivações e expectativas	71
4.2.2	Percepções sobre a participação no projeto.....	76
4.2.2.1	Interação dialógica.....	80
4.2.2.2	Impacto na formação do estudante	82
4.2.2.3	Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.....	83
4.2.2.4	Interdisciplinaridade e interprofissionalidade.....	86
4.2.2.5	Flexibilização curricular.....	88
5	DISCUSSÃO	90
5.1	Perfil demográfico e acadêmico dos alunos	90
5.2	Motivações referidas	92
5.3	Percepções sobre contribuições para formação pessoal e profissional	94
5.4	Diferenças identificadas nas motivações e contribuições entre os dois grupos	96
5.5	Considerações finais	98
5	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – Normas e rotinas do Projeto Alunos Contadores de Histórias/IPPMG	105
	APÊNDICE B – Termo de compromisso	107
	APÊNDICE C – Tema livre: “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG/UFRJ” – maio/2010	109
	APÊNDICE D – Tema livre: “Projeto de Extensão Universitária Alunos Contadores de Histórias do IPPMG” – outubro/2010	110
	APÊNDICE E – Tema Livre: “Quantificação do tempo médio do Contação de Histórias doadas aos Pacientes da UPI/IPPMG” – outubro/2011.....	111
	APÊNDICE F – Tema livre: “Avaliação do perfil dos alunos do curso de Graduação em Engenharia da UFRJ que participam do Projeto Alunos Contadores de Histórias” – outubro/2011.....	113
	APÊNDICE G – Tema livre: “Conhecimentos e percepções dos médicos da UPI e UTI/ IPPMG sobre o Projeto Aluno Contadores de Histórias” – outubro/2011	114
	APÊNDICE H – Tema livre: “Perfil dos alunos participantes do	116

Projeto Alunos Contadores de Histórias – IPPMG” – outubro/2012	
APÊNDICE I – Tema livre: “Comemorações de datas festivas –	117
Projeto Alunos Contadores de Histórias/IPPMPG” – outubro/2012	
APÊNDICE J – Instrumento 1 – Questionário pré-projeto	118
APÊNDICE L – Instrumento 2 – Planilha de acompanhamento de atuação dos alunos	120
APÊNDICE M – Instrumento 3 – Questionário de avaliação de participação no Projeto	121
APÊNDICE N – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	123

INTRODUÇÃO

Contar histórias... Essa é uma atividade bem conhecida por todos. O ato de contar histórias para crianças é um costume passado de geração para geração, ainda que hoje talvez tenha sua importância reduzida em função do aparato tecnológico de mídia disponível. Estudos demonstram que, entre os séculos IX e X, começou a circular oralmente a literatura popular, que iria se transformar na hoje denominada literatura infantil (COELHO, 1985). Contar histórias oferece – tanto para ouvintes, quanto para “contadores” – a possibilidade de viajar para um mundo mágico no qual tudo pode acontecer e onde todos os desfechos são possíveis (MANFERRARI, 2011).

O presente estudo tem início com a “contação de histórias”, uma das atividades lúdicas oferecidas aos pacientes do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desde 2005. No cargo de Assessora da Direção para Coordenação da Política de Humanização no IPPMG, em fevereiro de 2006, de comum acordo com a Direção, foi estabelecido como um dos objetivos de trabalho do grupo a organização e avaliação das atividades de humanização desenvolvidas dentro do IPPMG, de modo que estas se desenvolvessem dentro das diretrizes institucionais.

Um dos grupos que atuava na instituição era a Organização Não-Governamental “Instituto Rio de Histórias”, que capacita voluntários para contar histórias para crianças em hospitais públicos no Rio de Janeiro (FONSECA, 2007). Esta iniciativa visa oferecer uma fonte de prazer para as crianças e acompanhantes, resgatar o lado saudável dos pacientes, utilizando o imaginário como facilitador da elaboração de situações difíceis, além de representar uma possibilidade de fortalecimento do vínculo com a equipe de saúde e da adesão ao tratamento (CALDIN, 2002). O brincar e a apresentação das histórias são temas bastante estudados (CALDIN, 2001; WINNICOT, 1975), com vantagens bem estabelecidas para o desenvolvimento da criança (MANFERRARI, 2011). A “contação de histórias” não demanda um espaço diferenciado e o custo do material usado é baixo. Nesse sentido, essa iniciativa apresentava todos os requisitos para ser desenvolvida em parceria com a instituição, visando à melhoria do cuidado com os pacientes.

A principal dificuldade encontrada era a capacitação e permanência dos contadores de histórias voluntários, uma vez que as características de localização do IPPMG, dentro da Cidade Universitária – com acesso relativamente difícil e conseqüentemente com restrição dos horários de atuação – limitavam o número de voluntários atuando na instituição. Pensando em trabalhar com a clientela presente na Cidade Universitária, a possibilidade desta atuação foi oferecida a alunos da UFRJ, já que estes muitas vezes têm horários vagos na sua estrutura curricular e manifestam interesse em desenvolver uma atividade solidária.

Em agosto de 2008, foi realizado o primeiro treinamento de “contação de histórias” para alunos da universidade. A procura por parte do corpo discente, bem como o grau de envolvimento do mesmo na atividade, superou as expectativas da coordenação. Por se tratar de uma atividade desenvolvida exclusivamente com alunos da UFRJ, a Direção do IPPMG incentivou a implementação da proposta como projeto de Extensão Universitária, o que foi aprovado em maio de 2009 pela Comissão de Ensino, Pesquisa e Extensão do IPPMG. A seguir, a proposta foi encaminhada à Câmara de Extensão do Centro de Ciências da Saúde (CCS) e aprovada como Projeto de Extensão Universitária da UFRJ, em novembro de 2009, recebendo a denominação de “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG”.

A formalização da iniciativa como um projeto de extensão universitária demandou o aprofundamento da reflexão sobre fundamentos, propostas e possibilidades da extensão universitária e o significado da participação dos estudantes em uma atividade solidária desenvolvida em um hospital pediátrico público.

O potencial da Extensão Universitária era, até então, pouco problematizado pela coordenação, em especial seu potencial para uma formação cidadã. Com a grande procura dos alunos – não só os da área da saúde, mas também a procura significativa daqueles da área tecnológica –, surgiu o questionamento: “por que tantos jovens procuram o projeto?”.

Para compreender melhor a procura e a participação desses estudantes em uma atividade de extensão, para muitos desvinculada de sua formação técnica, foi necessário investigar algumas características da participação de jovens em tais atividades e nos movimentos sociais. A partir do ingresso da coordenadora do projeto no Mestrado em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, foi realizada uma reflexão sobre o papel

da universidade, as políticas educacionais e reformas para contextualizar os desafios da Universidade na atualidade, com ênfase no papel da Extensão Universitária no Brasil e, de uma maneira particular, na UFRJ. As perguntas que orientam este estudo são: “O que move jovens universitários a participarem do Projeto Alunos Contadores de Histórias?” e “Quais as percepções dos alunos sobre as possíveis contribuições da participação no projeto para sua formação pessoal e profissional?”.

Uma questão acessória, mas não menos importante, indaga a existência de diferenças significativas de motivação e significado atribuído às experiências entre alunos dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo e os da área da saúde.

O presente documento apresenta um estudo de caso sobre a participação de jovens em um projeto de Extensão Universitária de uma Unidade Assistencial da UFRJ, que se destaca pela grande procura para participação por alunos das diversas áreas da Universidade. A divisão do documento foi feita em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, é debatida a literatura sobre a universidade no Brasil, a expansão do ensino superior, as crises da universidade, o histórico da Extensão Universitária e as propostas atuais da Política Nacional de Extensão Universitária do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX).

O segundo capítulo apresenta a UFRJ, incluindo as propostas da Extensão Universitária nessa instituição, além de aspectos históricos e dados assistenciais do IPPMG, para então descrever o Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG”, seus objetivos e operacionalização.

No terceiro capítulo, são descritos os métodos que foram usados neste estudo exploratório, utilizando os parâmetros quantitativo e qualitativo.

O quarto capítulo apresenta os resultados e, por último, no quinto capítulo, são discutidos os resultados e apresentadas as considerações finais.

O objetivo geral do estudo é:

Analisar a experiência de alunos da UFRJ que participam do Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira”.

Os objetivos específicos incluíram:

- Traçar o perfil demográfico e acadêmico dos alunos na ocasião de sua inserção no projeto;
- Descrever as motivações referidas pelos alunos para participação no projeto;
- Estudar as percepções dos alunos sobre as contribuições da participação no projeto para a sua formação pessoal e profissional;
- Identificar possíveis diferenças nas motivações e contribuições do projeto para os alunos provenientes dos cursos ligados à área da saúde e do curso de Serviço Social em relação aos alunos provenientes dos cursos de Engenharia, Matemática, Física e Arquitetura e Urbanismo.

O trabalho espera oferecer uma contribuição para a melhor compreensão dos processos que envolvem a participação de alunos em projetos de Extensão Universitária, favorecendo a melhoria do desenvolvimento do próprio projeto e de sua institucionalização no IPPMG e na UFRJ. Para a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), a incorporação de estudos sobre a Extensão Universitária em programas de mestrado, doutorado ou especialização levam à qualificação das ações extensionistas, sendo, nesse sentido, sugerida a produção acadêmica a partir das atividades de extensão no formato de teses, dissertações, livros, artigos ou outros produtos.

1 A UNIVERSIDADE BRASILEIRA: DEMANDAS E DESAFIOS

Neste capítulo, estão comentados alguns aspectos do desenvolvimento da universidade brasileira, do século XX até os tempos atuais e os desafios enfrentados pela educação superior, em função das crises vivenciadas hoje pelas instituições universitárias. Apresenta as propostas da Extensão Universitária no Brasil e discute sua importância para a formação dos estudantes.

1.1 A universidade pública no Brasil

Até o final do século XIX, as universidades eram responsáveis pela guarda e transmissão do saber para a conservação da ordem e da cultura clássica, sem haver um efetivo compromisso com a formação profissional, diferentemente do que passa a ocorrer nas últimas décadas em que a universidade vem assumindo diferentes funções, como o ensino, a pesquisa e a extensão – tríade muitas vezes conflitante, em decorrência das demandas e interesses diversos que cada uma destas funções apresenta (CASTRO, 2004).

Com a implementação da industrialização, durante o século XIX, a modernidade atinge sua plenitude, passando a haver uma mobilidade maior dos indivíduos, devido a uma divisão de trabalho mais complexa, sendo necessário que se desenvolva uma cultura com maior grau de abrangência para envolver todos os membros da sociedade. Nesse contexto, a universidade moderna se afirma, passando a ter grande importância, livrando-se das dependências em relação à Igreja, desenvolvendo uma nova relação com o Estado. A partir daí, no século XX, diversos modelos institucionais de ensino superior surgem e se consolidam, em função das peculiaridades das sociedades e suas trajetórias nas diversas regiões. Na América Latina, as universidades seguiram principalmente o modelo francês, com um padrão de universidade rígida e elitista (GROPPO, 2011).

Para que se compreendam os desafios da universidade pública no Brasil nos tempos atuais, algumas questões relevantes sobre o ensino superior precisam ser revistas.

A educação nacional visa ao desenvolvimento pessoal, social e profissional do ser humano. O artigo 205 da Constituição Federal trata do direito à educação nos seguintes termos:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A Lei 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, adota a perspectiva ampliada de educação, em consonância com a Constituição Federal. Em seu Artigo 1º define :

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Quando trata dos princípios e fins da educação nacional, o Artigo 2º aponta as bases sobre as quais deve se assentar o desenvolvimento da pessoa, do cidadão e do trabalhador:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Fica explícito, portanto, que a *liberdade* e a *solidariedade* são os principais valores que norteiam a educação nacional.

O núcleo do ensino universitário é o ensino da graduação. Segundo dados do Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) do Ministério da Educação (INEP, 2009), o Brasil contava, em 2009, com 2.314 Instituições de Ensino Superior (IES), sendo que 245 públicas e 2.069 privadas, ou seja, apenas 10,6% das IES são públicas enquanto 89,4% são privadas. Em 2007, funcionavam 23.488 cursos de graduação presenciais. Em 1991, o total de matrículas (públicas e privadas) foi de 1.565.056, sendo que 56,2% destas na Região Sudeste, demonstrando a concentração das IES nesta região. De 1991 a 2009, o número de matrículas mais do que triplicou, chegando a 5.115.896. Destas, 73,6% foram em instituições privadas e apenas 26,4% em instituições públicas. Mesmo com todo o crescimento, em 2008, cerca de 50% das instituições ainda se mantinham concentradas nos quatro estados da Região Sudeste. Em relação à evolução do número de matrículas,

de 2001 a 2009, o número total de matrículas no Brasil aumentou cerca de 120%, sendo de 43% o aumento das matrículas nas IES públicas e cerca de 80% nas IES privadas (INEP, 2009). É importante ressaltar que o aumento do número de vagas oferecidas não representa o mesmo aumento no número de matrículas. Em 2007, o percentual de vagas ociosas foi de 47,5%. Além disso, verifica-se também um grande número de evasões. Em 2007, por exemplo, a taxa média de evasão no Brasil foi de 41,9%, sendo de 27,4% no ensino público federal e de 44,6% no ensino privado, chamando atenção para o desperdício que expressa (SEVERINO, 2009).

Esses dados chamam atenção devido à grandiosidade dos números e a sua complexidade, além de confirmarem a necessária e evidente expansão do ensino superior. Entretanto, se somarmos o número de evasões ao número de vagas que se mantem ociosas, percebemos uma incapacidade do sistema educacional em dar conta de um de seus principais objetivos, que é o de formar profissionais, provavelmente pela falta de uma real preocupação com um projeto nacional de desenvolvimento do ensino superior no país (SEVERINO, 2009).

No Brasil, a reforma universitária elaborada durante o regime militar, orientada por uma racionalidade administrativa e econômica, enfatizava a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, com um foco especial na pesquisa. A institucionalização da carreira docente e a implantação dos cursos de pós-graduação permitiram a consolidação das universidades públicas, quase todas federais, entretanto sem que houvesse uma efetivação de sua autonomia devido à presença do regime autoritário. Além disso, a expansão da demanda que se fazia necessária ocorreu principalmente às custas do estímulo à iniciativa privada, o que levou a um crescimento acentuado do ensino superior privado, gerando um sistema duplo: universidades públicas e unidades particulares, que se distinguiam principalmente pela qualidade do ensino (MENDONÇA, 2000).

De meados dos anos 90 até os dias atuais, a política educacional modificou grande parte do arcabouço jurídico institucional, afetando de maneira significativa o ensino superior. Em 1994, o governo de Fernando Henrique Cardoso investiu em uma política educacional pautada pelas diretrizes definidas pelo Banco Mundial, com incentivo às instituições privadas de ensino superior, valorização da produção, distribuição dos recursos estatais por critérios de desempenho e priorização da educação fundamental e secundária em detrimento da educação superior pública. As transformações normativas e institucionais da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional levaram o ensino superior brasileiro a seguir as tendências de outros países, no que se refere à vinculação avaliação–financiamento, estimulando uma política educacional vinculada ao mercado, que tem levado as instituições públicas brasileiras a criar parcerias público-privadas, que podem significar uma privatização dissimulada. A escassez de recursos incita as instituições a procurarem fontes alternativas como prestação de serviços, assessorias, consultorias, cursos de especialização e até cobrança de taxas (GROPPO, 2011).

Marilena Chauí, em conferência proferida na sessão de abertura da 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), abordou as perspectivas da universidade pública, argumentando que esta deve ser compreendida como uma instituição social, ou seja, elemento de uma prática social legitimada pela sociedade, que reconhece suas atribuições e sua autonomia. Ressaltou que a universidade moderna se desenvolveu a partir da conquista da ideia da autonomia do saber em relação a Igreja e ao Estado, ou seja, com a ideia de um conhecimento desenvolvido por uma lógica própria, determinado pelo método científico. Esse ideário conferiu legitimidade a uma universidade compreendida então como pública e laica. A partir das lutas sociais e políticas desencadeadas no século XX, educação e cultura passaram a ser consideradas direitos dos cidadãos, fazendo com que a universidade se tornasse uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber. Acompanhando as mudanças sociais, econômicas e políticas do Estado, sua autonomia só se garante na presença de um Estado republicano e democrático (CHAUÍ, 2003).

Chauí (2003) situa todas essas questões para problematizar as mudanças ocorridas na universidade pública após a reforma do Estado realizada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, quando educação e cultura foram tratadas como componentes de um setor de serviços não exclusivo do Estado, podendo ser privado ou privatizado, deixando de serem concebidas como direitos. A universidade passou a ser definida como organização e não mais como instituição social. A pensadora ressalta que as organizações têm suas práticas definidas por objetivos, além de serem regidas administrativamente, por uma concepção centrada em gestão, planejamento, controle e resultados. O questionamento de sua existência e de sua função, fundamental para as instituições sociais, no caso das organizações não faz sentido.

Para Chauí, a mudança da concepção de uma universidade como instituição social para uma de organização prestadora de serviços é consequência da maneira como o capitalismo se desenvolveu, favorecendo a fragmentação de vários aspectos da vida social, fomentando a presença de organizações particulares que competem entre si. Freitag apud Chauí (2003) chama de “universidade operacional” esta universidade produzida por uma visão organizacional, que se estrutura por normas e valores independentes do conhecimento, da formação intelectual e da pesquisa. Nela, grande parte das pesquisas é determinada pelas exigências do mercado, impostas pelos financiadores.

O Projeto de Reforma do Ensino Superior de 2006 apresentou a educação superior como um “bem público” em vez de um direito do cidadão, vinculando-a ao desenvolvimento econômico ao assumir como pressuposto de que a educação superior deveria contribuir para integrar a economia nacional à economia mundial (GROPPO, 2011). Entretanto, algumas importantes iniciativas que representaram possibilidades concretas de expansão do ensino superior gratuito e de melhorias para o Ensino, a Pesquisa e a Extensão devem ser lembradas: o Plano de Expansão com Interiorização das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), de 2006, e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), de 2007 (FORPROEX, 2012).

Grosso (2011) observa que aspectos importantes das transformações sócio-históricas componentes da chamada globalização devem ser considerados na análise das relações entre o ensino superior e a sociedade brasileira atual, considerando em especial as forças privatizadoras do capital; as orientações das agências supranacionais, como o Banco Mundial e o papel do Estado, atuando como regulador e avaliador mais do que um financiador deste ensino.

Chauí, em 2003, já sugeria que para haver uma mudança da universidade pública com valorização da formação e da democratização era necessário voltar a se considerar a educação superior como um direito do cidadão, e como tal, fosse universal, além de ser necessária uma recusa à privatização do conhecimento, ou seja, uma contraposição ao modelo proposto pelo Banco Mundial implantado no Brasil.

Severino (2009) ressalta que estamos vivendo uma época na qual a capacidade de produção e transmissão das informações se faz de maneira extremamente rápida, de modo a levar a uma “planetarização” da economia, da

política e da cultura. Verifica o fortalecimento da iniciativa privada, com uma redução da ingerência do Estado nos negócios humanos e uma ênfase das leis do mercado. Ressalta que, apesar de todo o desenvolvimento, as condições de vida das pessoas ainda são extremamente desiguais e injustas, com características críticas desta situação na América Latina.

É importante refletir sobre as mudanças verificadas em todos os aspectos da vida, decorrentes da lógica de mercado, que leva a uma competitividade acentuada para dar resposta a um padrão econômico utilitarista (SEVERINO, 2009). Nesse contexto, a educação superior acaba propondo a aquisição de competências para que se possa competir nesse mercado, mais do que efetivamente para um saber fazer contextualizado técnica e socialmente. Os indivíduos avaliados pelo seu desempenho tendem a se tornar competidores e não parceiros no desenvolvimento de tarefas em seus postos de trabalho. Para este autor:

O impacto principal é a impregnação de uma ideologia individualista, consumista e idealista. Os jovens não saem formados do ensino superior, mas, deformados, com uma visão medíocre e egoísta da vida social e de sua participação nela (SEVERINO, 2009, p. 259).

Verifica que no Brasil, numa sociedade marcada por tantas iniquidades, há necessidade de produção de um conhecimento efetivamente pertinente, baseado nas reais demandas da população.

Severino reitera que:

Cabe à universidade como instituição, como lugar específico do ensino superior dedicar-se à formação do cidadão autêntico, pois seu papel mais substantivo vai além da formação do profissional, do técnico, do especialista (SEVERINO, 2009, p. 258).

Segundo esse autor, independente da área de profissionalização, a universidade deve oferecer não apenas a instrução técnica, mas também uma formação integral que permita ao indivíduo se entender como cidadão, comprometido com as questões sociais. Ressalta a importância da Extensão Universitária nesse processo, ao levar o aluno a vivenciar sua realidade social (SEVERINO, 2009).

Nesse sentido, a universidade deve ser um ambiente diferenciado, onde o ensino, a pesquisa e a extensão estejam voltados para a formação profissional e técnica, e, em especial, para a formação de cidadãos autônomos e conscientes que contribuam para o desenvolvimento da sociedade. A responsabilidade social e a

finalidade da universidade devem ser a produção um conhecimento, social e cientificamente relevante, assim como de tornar este conhecimento acessível a todos (BOTOMÉ, 2001). A pesquisa deve estar vinculada ao desenvolvimento de um conhecimento, que permita ao indivíduo uma intervenção no mundo social. Demo (2001) discute a importância do papel formador da universidade, da necessidade de valorização da pesquisa e da reconstrução do conhecimento. Ressalta que para que isto se efetive é necessária uma política educacional voltada para a cidadania. A educação para a cidadania é responsabilidade de todas as instituições formadoras, cabendo à universidade proporcionar ao estudante acesso aos saberes e às práticas de uma cidadania ativa, que tenham um significado para a futura prática profissional.

As questões apresentadas até o momento nos permitem compreender melhor as crises enfrentadas pela universidade nas últimas décadas. A primeira delas é a chamada crise da hegemonia, resultante das contradições enfrentadas pela universidade a partir da metade do século XX. Além da esperada produção de um conhecimento exemplar, da alta cultura para a formação das elites, passou a existir a necessidade da produção de padrões culturais médios e conhecimentos instrumentais para a formação de uma mão de obra qualificada para dar conta do desenvolvimento socioeconômico. Diante da incapacidade da universidade de responder a esse desafio, o Estado passa a buscar fora da universidade meios para solucionar essas questões, deixando a universidade de ser a única responsável pelo ensino superior e a pesquisa, gerando uma crise de hegemonia da universidade. A segunda crise é a crise da legitimidade resultante da pressão pela democratização da universidade, gerando uma contradição entre a manutenção de saberes especializados, mantidos através de um acesso restrito e uma avaliação de competências, e a reivindicação de oportunidades iguais para toda a população. A pressão social levou à estratificação e à diferenciação interna das universidades, gerando diversos dualismos como o ensino superior universitário e o não universitário. A terceira crise, a crise institucional, resultante de uma pluralidade de fatores já descritos neste capítulo, é a crise mais recente e a mais visível, devendo-se basicamente a uma crise da autonomia da universidade. Enquanto a universidade era considerada um bem público, assegurado pelo Estado, sua autonomia científica e pedagógica dependiam de recursos financeiros do Estado. A partir do momento em que esta deixa de ser um bem público, não tendo que ser exclusivamente garantido pelo Estado, gerou-se a crise institucional (GROPPO, 2011;

SANTOS,1989). Para Boaventura Santos (2004), as mudanças nas últimas décadas foram muito profundas. Além da mercadorização do ensino superior, houve também mudanças nos processos de conhecimento e de sua contextualização social. Para que a universidade possa vir a contribuir para a solução dos problemas sociais, é necessário o desenvolvimento de alternativas de pesquisa, de formação, de extensão e de organização. Acredita que a área da extensão possa ter um significado muito especial, através de uma participação ativa na integração social (SANTOS, 2004).

Para o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORPROEX), há uma expectativa de que as diretrizes, que devem orientar as ações da Extensão Universitária, apresentadas à sociedade em junho de 2012, possam contribuir para a superação das três crises da Universidade Pública (FORPROEX, 2012).

Apresentaremos a seguir algumas questões que acreditamos ser importantes para a compreensão das possibilidades e potencialidade da Extensão Universitária.

1.2 A extensão universitária no Brasil

A primeira referência legal às atividades de extensão no Brasil é feita no artigo 42 do Decreto Lei 19.851 de 1931, que cita:

...a extensão universitária será efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário... à difusão de conhecimentos úteis à vida individual ou coletiva, à solução de problemas sociais ou à propagação de ideias e princípios que salvaguardem os altos interesses nacionais (NOGUEIRA, 2005, p.18)

Naquela época, a intenção era de divulgar as atividades técnicas e científicas da universidade e oferecer acesso às suas atividades aos grupos que dela não participavam (FORPROEX, 2006). Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 4.024, refere-se à extensão vinculando-a a cursos ministrados por docentes, dirigidos a grupos já ligados às universidades, como cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão. Ou seja, a concepção de extensão presente no início do século era de extensão enquanto realização de cursos e conferências e/ou de prestação de serviços (NOGUEIRA, 2005).

O movimento estudantil, nos anos 60, teve forte influência nas atividades de extensão, buscando um comprometimento com as classes populares e com o proletariado urbano e rural, porém de maneira desvinculada da universidade. Em 1964, com a instalação da ditadura militar, há um combate intenso desse movimento, assim como de outros segmentos da sociedade civil, sendo instalado um rígido controle ideológico. O governo militar, entretanto, apoiou algumas experiências que tinham ação centrada nos estudantes, como o Projeto Rondon e o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC). Houve ainda a criação de estruturas próprias de coordenação da extensão, como a constituição de Pró-Reitores, decanatos e departamentos de extensão, favorecendo sua institucionalização (ROCHA, 2001). O CRUTAC e o Projeto Rondon tinham como propósito proporcionar aos jovens universitários a oportunidade de levar “cultura”, desenvolvimento e saúde à população mais desvalida em comunidades rurais, dentro de um espírito humanitarista, que atribuía a miséria à incapacidade dessa população analfabeta e inculta de melhorar suas condições de vida e não às condições socioeconômicas adversas nas quais viviam (NOGUEIRA, 2005). Nesse sentido, o regime militar fortaleceu as ações das universidades de caráter de prestação de serviços assistencialistas, no intuito de integrar comunidades marginalizadas, apontando para uma concepção na qual a relação com a população passa a ser compreendida como importante para as atividades universitárias (TAVARES, 2001).

O Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) é criado em 1965 no intuito de implementar a extensão. Em suas propostas, verifica-se a valorização da institucionalização da extensão (NOGUEIRA, 2005).

A lei 5.540/68, da Reforma Universitária, torna a Extensão Universitária obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino superior. Assume a indissociabilidade entre as atividades de Ensino e Pesquisa, porém trata a Extensão como a maneira pela qual são repassadas para a comunidade as atividades de Ensino e o resultado de suas Pesquisas, por meio de cursos e serviços especiais. De modo que persiste a concepção da extensão como realização de cursos e conferências e de prestação de serviços (SOUSA, 2001).

Os primeiros sinais de mudança na concepção da extensão se encontram nas ações de extensão praticadas pelos estudantes na década de 60, com a presença de um compromisso de conscientização das classes populares, na valorização da

interdisciplinaridade e na busca por uma integração com as instâncias governamentais. Apesar do retrocesso devido ao golpe militar, essas propostas ressurgem em seguida, ainda na década de 70, dentro das propostas para a Extensão Universitária elaboradas pelo próprio Ministério de Educação e Cultura (MEC), com termos diferentes, mas com a manutenção destas ideias (NOGUEIRA, 2005).

No seminário realizado em Fortaleza/Ceará, em 1972, o CRUB traça as Diretrizes da Extensão Universitária, defendendo a ideia de que a extensão estivesse vinculada ao ensino e à pesquisa, estabelecendo o tripé sobre o qual a universidade deveria se firmar (NOGUEIRA, 2005).

Em 1974, o MEC cria uma coordenação centralizada, a Coordenação de Atividades de Extensão (CODAE), vinculada ao Departamento de Assuntos Universitários/MEC, que teve importante participação no avanço da concepção de Extensão, na definição de diretrizes nacionais para as universidades e na proposta de articular a Extensão ao Ensino e à Pesquisa. A partir da criação do CODAE, o MEC assume essa coordenação nacionalmente e, em abril de 1975, divulga o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, no qual a extensão deveria estender suas atividades às outras instituições e à população, visando a uma retroalimentação dos outros componentes, o ensino e a pesquisa. Sob influência das ideias de Paulo Freire, para quem a população não deveria ser vista como objeto da ação extensionista e sim como sujeito da ação, levando a uma troca de saberes acadêmicos e populares, a ideia da “transmissão de conhecimento” começa a ser substituída por uma proposta de “trocas de saberes”. No contato com a sociedade, o conhecimento seria testado e confrontado com a realidade para, a seguir, retornar à universidade. Em 1979, devido à reforma administrativa no MEC, a CODAE é extinta, sem que outro órgão ficasse responsável pela extensão, comprometendo a continuidade das ações (NOGUEIRA, 2005).

Entretanto, a extinção da CODAE não impediu que a reflexão sobre as questões da Extensão continuassem, em especial as propostas de articulação da Extensão com o Ensino e a Pesquisa e a ideia de troca de saberes. Essa discussão passa a ser coordenada a partir de meados dos anos 80 pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) (NOGUEIRA, 2001).

O FORPROEX foi criado em 1987, a partir de um movimento que trazia em sua concepção o debate sobre os compromissos da Universidade como instituição pública, da necessidade de aproximação com a sociedade e de um resgate da produção de conhecimentos não fragmentados. (FORPROEX, 2006).

Finalmente, a Constituição de 1988, em seu artigo 207, firma o princípio da indissociabilidade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (SOUSA, 2001). Nesse mesmo ano, com o reconhecimento legal da Extensão Universitária como atividade acadêmica, foi realizado o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão, que definiu de maneira precisa a extensão universitária no Plano Nacional de Extensão Universitária:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula a relação transformadora entre universidade e sociedade.

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à oportunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.

Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 2001).

Essa conceituação expressa uma postura da universidade diante da sociedade. A função básica da universidade deveria ser a produção e socialização do conhecimento, buscando acordos e ações conjuntas entre universidade e população. Procura retirar o caráter de terceira função da extensão, buscando dimensioná-la como uma política, uma metodologia que interligasse a universidade com a sociedade, reafirmando assim o compromisso social da mesma. Ao afirmar que a extensão é parte indispensável do pensar e do fazer universitários, assume-se uma luta pela institucionalização destas atividades, que possibilitem uma transformação social. Com relação à pesquisa, prioriza metodologias participativas e visa à criação e à recriação de conhecimentos que possibilitem uma transformação social. Em relação ao ensino, busca um novo conceito de sala de aula que não se limite ao espaço físico da dimensão tradicional, mas compreenda todos os espaços dentro e fora da universidade (FORPROEX, 2001).

Em 1994, através da portaria nº 265 de 01/08/1994, o MEC constituiu uma Comissão de Extensão formada pelos dirigentes do FORPROEX, pela diretora do Departamento de Política do Ensino Superior da Secretaria de Ensino Superior

(SESu) e pelo Chefe da Divisão de Extensão e Graduação, no intuito de elaborar as diretrizes do Programa de Fomento à Extensão Universitária - PROEXTE (NOGUEIRA, 2000). A Comissão de Extensão assume no PROEXTE o conceito de extensão elaborado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores, de uma prática acadêmica que visa vincular o ensino e a pesquisa às demandas da sociedade, sendo apresentadas duas linhas de ação para apoio financeiro: a Linha I pressupõe a articulação da Universidade com a Sociedade, a Linha II pressupõe a integração da Universidade com o Ensino Fundamental (NOGUEIRA, 2005). Esse financiamento é interrompido pelo MEC em 1996, trazendo dificuldades para a continuidade dos programas que vinham recebendo apoio.

Em consonância com os preceitos constitucionais de indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.364, de 20/12/1996, mantém as indicações da Constituição sobre autonomia e as possibilidades para a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, citando no Art. 43, inciso VII:

... promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (Brasil, 1996).

Em 1998, o FORPROEX, em parceria com a Secretaria de Educação Superior do Ministério de Educação e Cultura (SESu/MEC), apresenta o Plano Nacional de Extensão, que explicita as bases conceituais para o desenvolvimento da extensão/universidade comprometida com “a transformação da sociedade brasileira em direção à justiça, à solidariedade e à democracia” (FORPROEX, 2001).

O Plano Nacional de Extensão assume que para a formação do profissional cidadão é imprescindível sua efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá de enfrentar.

Listaremos a seguir alguns dos objetivos do Plano Nacional de Extensão que consideramos mais significativos:

1. Reafirmar a extensão como processo acadêmico;
2. Assegurar a dimensão bidirecional entre universidade e sociedade;
3. Dar prioridade às práticas voltadas para atendimento das necessidades sociais emergentes;
4. Estimular atividades cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da universidade e da sociedade;
5. Criar condições para participação da universidade na elaboração de políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para se constituir em

organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas...
(FORPROEX, 2001)

O Plano Nacional de Educação (PNE 2001 – 2010), aprovado em 2001 pela Lei de nº 10.172, reitera a responsabilidade das Universidades nas suas funções em relação ao Ensino, Pesquisa e Extensão, assim como a exigência de que no mínimo 10% dos créditos exigidos para a graduação sejam reservados para o desenvolvimento de atividades extensionistas (BRASIL, 2001).

Em 2003, com a mudança do governo federal, um novo cenário político se apresenta e o Programa de Fomento à Extensão (PROEXTE), extinto em 1996, é retomado pelo Ministério de Educação e Cultura, além de serem obtidos apoios significativos para o fomento das ações extensionistas das universidades públicas mediante editais públicos lançados por diferentes ministérios (CASTRO, 2004).

Em documento de 2006, sobre a Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular, o FORPROEX afirma verificar uma consolidação do pensamento crítico sobre essa questão, buscando junto às demais instâncias envolvidas estratégias para sua efetivação, como a existência de um currículo dinâmico, flexível e transformador. A utilização de metodologia ensino-aprendizagem problematizadora é sugerida, visando à produção de um conhecimento que possa resultar em:

- Democratização do conhecimento;
- Instrumentalização do processo dialético teoria/prática;
- Promoção de interdisciplinaridade;
- Participação efetiva da comunidade na Universidade;
- Visão integrada do social;
- Relação transformadora entre a Universidade e as demais instâncias sociais (FORPROEX, 2006, p.22).

O histórico da Extensão Universitária no Brasil aponta para uma luta constante, no campo das políticas educacionais, pela busca de um espaço acadêmico em que a teoria e a prática possam trazer soluções transformadoras para a Sociedade e o Estado.

No documento sobre a indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, do FORPROEX, há referência ao anseio por uma Universidade pautada em novos paradigmas, que levem em conta o respeito à ética, à diversidade cultural e à inclusão social, cuja atuação se amplie para envolver não só os segmentos sociais tradicionalmente privilegiados, mas a sociedade como um todo. O trabalho tradicional, voltado para a especialização entendida como a produção do conhecimento novo e para a ciência universal deve ser mantido; porém espera-se

que ele busque a interdisciplinaridade, com a perspectiva de estruturação dos problemas sociais e do desenvolvimento regional e local. Ressalta-se a importância de avaliação da relevância social dos trabalhos de pesquisa a serem realizados, componente novo e essencial para avaliação de estudos científicos (FORPROEX, 2006).

Esse mesmo documento reitera que a formação acadêmica deve ser pensada de forma crítica e plural, visto que a noção da competência profissional envolve não só o domínio do conhecimento acumulado (conteúdo) e suas aplicações mais imediatas, mas também as formas como o conhecimento é produzido nas áreas científicas, bem como sua contextualização histórica.

A capacidade de (re)criar o conhecimento qualifica a competência do indivíduo, portanto, há uma necessidade de se incentivar a formação de uma atitude investigativa, que desenvolva nele o interesse em estar continuamente aprendendo. Para o desenvolvimento destas competências, Pesquisa e Extensão são imprescindíveis. Dessa maneira, o processo de aprendizagem passa a se basear e a depender de observações pessoais, de atitudes reflexivas que decorram do diálogo e da interação com a realidade, para compreendê-la e transformá-la. Assim, criam-se condições para que a formação do estudante contemple também os aspectos sociais e políticos, promovendo a conscientização crítica.

O fim dos currículos mínimos, determinado pela LDB, permite inclusão de atividades “complementares” nos projetos pedagógicos, abrindo assim a possibilidade da introdução das atividades de Extensão nos currículos, apontando para uma flexibilização curricular. A flexibilização curricular traz ainda a ideia da liberdade, dando autonomia ao estudante para construir seu caminho, seu currículo e sua identidade, a partir da compreensão de que tudo o que se faz ou se vivencia em uma instituição de ensino superior faz parte do Currículo (FORPROEX, 2006).

Os documentos oficiais publicados até 2006 sobre a Extensão Universitária expressam o desenvolvimento de uma proposta para resgatar e implementar o papel fundamental da Universidade Pública, que é o de ser um agente transformador da sociedade voltado para os interesses e necessidades da maioria da população, visando à diminuição das desigualdades e da exclusão social. A importância do desenvolvimento de uma relação entre a universidade e os setores sociais marcados pelo diálogo, pela troca de saberes, em vez da simples oferta dos conhecimentos acumulados pela universidade à sociedade é trazido de maneira clara.

Já no início dos anos 2000, a Extensão Universitária apresenta dispositivos formais e legais definidos, estando superada a concepção de que a Extensão Universitária seja um conjunto de processos de difusão do conhecimento desenvolvido nas universidades ou a mera prestação de serviços. A Extensão passa a ser compreendida como um instrumento de inter-relação da Universidade com a sociedade, de democratização do conhecimento e de reconstrução desse conhecimento a partir das trocas obtidas junto à sociedade (FORPROEX, 2012).

No XXXI Encontro Nacional do FORPROEX, realizado em Manaus (AM) em maio de 2012, foi aprovada a Política Nacional de Extensão Universitária. Essa política foi desenvolvida de forma ampla e participativa ao longo de três anos e reitera o compromisso das universidades signatárias, com mudanças na universidade pública, para que se torne um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia. Nesse encontro, apresentou-se o seguinte conceito de extensão:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.15)

A Política Nacional de Extensão Universitária reafirma os objetivos já pactuados e acrescenta alguns novos objetivos, necessários para dar conta dos novos desafios e oportunidades que surgem. São eles:

- reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade;
- estimular atividades cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
- criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população...;
- possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;
- considerar as atividades voltadas para o desenvolvimento, produção e preservação cultural e artística como relevantes para a afirmação do caráter nacional e de suas manifestações regionais;
- estimular a educação ambiental e o desenvolvimento sustentável como componentes da atividade extensionista;
- valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade (FORPROEX, 2012, p. 5-6).

No documento do FORPROEX (2012), as diretrizes que devem orientar as ações de Extensão Universitária são: a “Interação Dialógica”; a “Interdisciplinaridade

e Interprofissionalidade”; a “Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão”; o “Impacto na Formação do Estudante” e o “Impacto e Transformação Social”.

A “interação dialógica” propõe uma interação entre a universidade e a sociedade calcada no diálogo e na troca de saberes. Visa à produção de um conhecimento novo, a partir dessas trocas, que contribua para a superação das desigualdades sociais. Pressupõe uma via de mão dupla: da universidade para a sociedade e vice-versa, na qual os saberes adquiridos pelos atores sociais em sua prática cotidiana e na vivência comunitária contribuam para a produção do conhecimento.

A “interdisciplinaridade e interprofissionalidade” buscam integrar os conhecimentos das diversas áreas de conhecimento e disciplinas para uma atuação mais eficiente sobre realidade social, a partir do reconhecimento da complexidade desta realidade e da relativa ineficiência de ações muito especializadas ou holistas isoladamente.

A diretriz de “indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão”, além de reafirmar a extensão como processo acadêmico, ressalta a importância da vinculação desta às atividades de ensino e pesquisa para que tenham maior efetividade. Coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica, que vem a ser o processo de aquisição de competências para o exercício profissional, assim como de sua formação cidadã, processo de reconhecimento de sua participação na garantia de direitos e deveres e de transformação social, a partir de um novo conceito de “sala de aula”.

Nessa proposta, entende-se como sala de aula, ou espaço de ensino-aprendizado, todos os espaços dentro e fora da Universidade, nos quais se desenvolvam as trocas que permitirão ao aluno conhecer e (re)construir a realidade social. O estudante e a comunidade na qual se desenvolve a ação devem ser coparticipantes, ao invés de agentes passivos que recebem conhecimentos previamente validados. Em relação à pesquisa, a extensão deve priorizar as metodologias participativas, que envolvam alunos, professores e comunidade.

As atividades de extensão devem ainda proporcionar um “impacto na formação do estudante” a partir da ampliação da visão social que possibilitam, pelo contato direto com a realidade e os problemas existentes.

A diretriz “impacto e transformação social” reafirma a Extensão Universitária como instrumento através do qual a universidade interage com os outros setores da

sociedade, visando a mudanças que permitam a redução das desigualdades sociais e o aprimoramento das políticas públicas (FORPROEX, 2012).

Muitos desafios se colocam para que a Extensão Universitária passe a fazer parte do cotidiano das universidades. Para possibilitar a implementação da Extensão, diversos aspectos curriculares precisam ser construídos e normatizados. Entre os de maior prioridade estão os processos de aprovação das ações, o monitoramento e a avaliação destas, as formas de financiamento, a valorização da participação dos docentes e a forma de participação dos técnico-administrativos e da comunidade externa. Para viabilizar a participação dos alunos, há de se buscar a flexibilização curricular e a integralização dos créditos nas atividades de extensão.

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO DE CASO NO RIO DE JANEIRO

Este capítulo descreve o objeto desse estudo. Inicialmente é apresentado um histórico sobre a Universidade Federal do Rio de Janeiro. No segundo item, estão descritos alguns aspectos da universidade nos dias de hoje, como: sua estrutura física e organizacional, além de alguns dados sobre o alunado da graduação. A Extensão Universitária na UFRJ e o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira são descritos no terceiro e quarto item respectivamente, e, por fim, é apresentado o Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG”.

2.1 A Universidade Federal do Rio de Janeiro – histórico

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada pelo Decreto de número 14.343 de 07/09/1920, com nome de Universidade do Rio de Janeiro. Esse decreto agregava as três instituições de ensino superior já existentes nesta época: a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito e a Escola Politécnica. (ROMANELLI, 2010).

Diferente do que ocorreu na América Espanhola, onde as ordens religiosas e a monarquia criaram universidades em todo continente a partir do século XVI, no Brasil, a coroa portuguesa obrigava a elite a se submeter ao monopólio da educação superior exercido por Coimbra com intuito de mantê-la na condição de súditos.

A seguir apresentaremos um breve relato da criação e desenvolvimento da UFRJ, retirados do histórico apresentado no documento elaborado para o PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional (UFRJ, 2006).

Segundo esse documento, a Universidade do Rio de Janeiro foi criada em um contexto de intensificação de movimentos de renovação social, política e cultural durante a década de 1920. Entretanto, a mera justaposição das três instituições, que não possuíam sequer localização comum, não garantiu a sua transformação em universidade, fazendo com que, desde sua fundação, apresentasse uma de suas

características que manteve ao longo do tempo: a fragmentação. Devido à dificuldade de acesso às suas vagas, desde o início também se apresentava elitista.

Em 1931, outras instituições já pré-existentes, a Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, a Faculdade de Belas Artes e o Instituto Nacional de Música foram também incorporadas à instituição. Em 1937, passou a ser chamada Universidade do Brasil, incorporando mais outras instituições, como o Museu Nacional, criado em 1782, além de serem criados outros institutos. A lei 452 de 1937 já estabelecia como meta a criação da Cidade Universitária, porém sua construção só se iniciou em 1949, sendo inaugurada apenas em 1972. A proposta desta lei, entretanto, não modificava a natureza fragmentada da Universidade, causada por essa justaposição de unidades acadêmicas.

Em 1945, nova reforma recompõe a universidade em 18 faculdades e institutos, e o decreto presidencial, de 1946, incorpora à Universidade o Instituto de Puericultura e o Instituto de Nutrição. Apesar do crescimento da universidade, que se dava pela pressão da sociedade por mais vagas no ensino superior, algumas de suas características permaneciam inalteradas: fragmentação do ponto de vista acadêmico e direcionamento quase que exclusivo para a formação profissional. Nessa época, a universidade desenvolvia pouca pesquisa, que dependia, então, de iniciativas individuais. Estas limitações entravam em choque com a realidade de um país que, apresentava desde os anos 50, uma aceleração do desenvolvimento industrial.

Em 1962, o Conselho Universitário criou uma Comissão Especial para tratar dessas questões, cujo relatório acabou servindo de base para a reforma realizada já na ditadura militar, em 1965, quando passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As políticas durante o regime militar foram variadas e contraditórias: houve uma brutal repressão política e intelectual que se abateu sobre professores e estudantes, muitos deles impedidos de lecionar e estudar. Sob outro aspecto, ocorreu a adoção de várias normas que visavam à modernização do ensino, como a introdução da estrutura departamental e o sistema de créditos e o incentivo à modernização da universidade através do fortalecimento da pós-graduação e da pesquisa. Verifica-se, desta maneira, que a expansão do sistema de pós-graduação e pesquisa na universidade brasileira foi induzida pelo governo militar através de suas agências de fomento, contando com a colaboração da comunidade científica,

de maneira que o efeito modernizante visado e proporcionado constituiu-se com fortes traços de centralização e inteiramente a margem da institucionalidade existente.

Em consequência dessas políticas, houve grandes avanços na UFRJ, fazendo com que atualmente ela seja considerada uma instituição com elevado grau de excelência no ensino da graduação e pós-graduação, porém as características presentes desde sua constituição foram mantidas: a fragmentação, a dispersão geográfica, o elitismo e a autorreferência.

Mesmo com a redemocratização do país, a UFRJ não conseguiu modificar essas características. Após a derrota da ditadura militar, intensificaram-se a reorganização e a organização de movimentos de todo tipo da sociedade civil, assim como na universidade. O Diretório Central de Estudantes reabriu em 1978, em 1979 foi criada a Associação dos Docentes da UFRJ e em 1982 a Associação dos Servidores Técnico-Administrativos adquiriu estrutura sindical. A participação dos professores, funcionários e alunos tem produzido mudanças significativas no plano da gestão institucional e nas políticas universitárias nas últimas décadas. A inclusão de representantes dos três segmentos nos Organismos Superiores criou condições políticas adequadas para a definição de um projeto de Universidade mais coerente com os desafios que se apresentam à instituição nos tempos atuais (UFRJ, 2006).

Nos debates desenvolvidos para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, da UFRJ/2006, os movimentos sociais da comunidade universitária tiveram papel significativo, trazendo questionamentos importantes para o debate público sobre os rumos da universidade brasileira. Um dos temas presentes nessa agenda de debates foi o entendimento de que a universidade brasileira carecia de um projeto de longo prazo, democraticamente pactuado, que transpusesse seus limites acadêmicos e, para que esta mudança se processasse, seria necessário incorporar diretrizes sociais e nacionalmente referenciadas. As discussões reforçavam ainda que a universidade não deveria se restringir ao seu espaço intramuros e apontavam a necessidade de um envolvimento com as demandas e expectativas da sociedade, devendo a UFRJ participar, para isto, dos grandes debates e dos processos de disputa que definem os rumos da sociedade da qual faz parte.

O diagnóstico feito nesses debates foi o de que, apesar da qualidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão, a instituição apresentava ainda enormes

desafios para poder cumprir sua missão, como: a insuficiência de recursos; a desqualificação do serviço público; a fragmentação que gera desperdícios de recursos humanos e materiais e o caráter elitista das formas de ingresso e o isolamento entre as unidades da universidade e entre estas e as demais instituições e instâncias da sociedade (UFRJ, 2006).

Com veremos a seguir, a partir de 2011, o ingresso na UFRJ passa a ser pelo Sistema de Seleção Unificado do Ministério da Educação (SISU/MEC), democratizando o acesso à universidade.

2.2 A Universidade Federal do Rio de Janeiro – hoje

A UFRJ ocupa hoje um conjunto amplo de prédios e terrenos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro e fora dela. Cerca de 34 mil alunos de graduação estão alocados nos 154 cursos e habilitações de graduação oferecidos em suas 52 unidades acadêmicas, distribuídas em dois campi - Cidade Universitária / Rio de Janeiro e Macaé, nas Unidades do Centro Rio e Praia Vermelha, além do Pólo de Xerém, no Município de Duque de Caxias (UFRJ, 2011).

O ingresso dos alunos a partir de 2011 se dá através do Sistema de Seleção Unificado do Ministério de Educação (SiSu/MEC), sendo efetuado com base nos resultados obtidos pelos estudantes no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Em 2012, foram oferecidas e preenchidas 9.150 vagas.

Tem como missão:

Proporcionar à sociedade brasileira os meios para dominar, ampliar, cultivar, aplicar e difundir o patrimônio universal do saber humano, capacitando todos os seus integrantes a atuar como força transformadora. Mais especificamente, a Universidade destina-se a completar a educação integral do estudante, preparando-o para:

- exercer profissões de nível superior;
- valorizar as múltiplas formas de conhecimento e expressão, técnicas e científicas, artísticas e culturais;
- exercer a cidadania;
- refletir criticamente sobre a sociedade em que vive;
- participar do esforço de superação das desigualdades sociais e regionais;
- assumir o compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade;
- lutar pela universalização da cidadania e pela consolidação da democracia;
- contribuir para a solidariedade nacional e internacional (UFRJ, 2006, p.11).

Desde o início da atual gestão da Reitoria, a estrutura organizacional da UFRJ passou a ser composta pelos seguintes setores:

- Pró-Reitoria de Graduação (PR-1);
- Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PR-2);
- Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PR-3);
- Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4);
- Pró-Reitoria de Extensão (PR-5);
- Pró-Reitoria de Gestão e Governança (PR-6);
- Superintendência Geral de Assuntos Estudantis;
- Superintendência de Atividades Fora da Sede;
- Coordenadoria de Relações Institucionais e Relações com a Sociedade.

Em 2009 e 2010, a UFRJ obteve a nota máxima na avaliação realizada pelo Ministério da Educação (MEC). A avaliação é realizada através do Índice Geral de Cursos da Instituição (IGC), indicador de qualidade de instituições de educação superior, que considera, em sua composição, a qualidade dos cursos de graduação e de pós-graduação (mestrado e doutorado). No que se refere à graduação, é utilizado o Conceito Preliminar de Curso (CPC) e, no que se refere à pós-graduação, é utilizada a Nota Capes. O resultado final está em valores contínuos (que vão de 0 a 500) e em faixas (de 1 a 5) (INEP, 2012).

2.3 A Extensão universitária na UFRJ

A Extensão Universitária na UFRJ é coordenada pela Pró-Reitoria de Extensão, a PR-5. Esta atua em consonância com a política de extensão pactuada nacionalmente pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Ensino Superior Brasileiras (FORPROEX), do qual a UFRJ participa ativamente em comissões de trabalho, assim como na presidência do Fórum, desde a sua criação, em 1987, quando a Prof.^a Dulce Chiaverini atuou na Coordenação Provisória Colegiada. Nos biênios 2004-2005 e 2009-2010, o FORPROEX foi presidido pelos

Pró-Reitores da UFRJ, Marco Antônio França Faria e Laura Tavares Ribeiro Soares, respectivamente.

As questões apresentadas a seguir foram retiradas do Relatório de Gestão da PR5 – 2005 a 2011. Devido à fragmentação da UFRJ, já referida no histórico sobre a universidade, e do reduzido grau de institucionalização das ações de Extensão na UFRJ, a política de Extensão adotada, na gestão 2005 - 2011, foi baseada em dois grandes princípios: o da integração e da institucionalização. Essa proposta visava atender à implantação das diretrizes do Plano de Ação aprovado no I Fórum de Extensão da UFRJ, realizado em 2006:

- Criação de mecanismos democráticos e transparentes que permitissem a participação da comunidade universitária na definição, implementação e avaliação das ações de extensão da UFRJ;
- Estímulo à extensão desenvolvida pelos Centros e Unidades Acadêmicas;
- Proposição de atividades de extensão que permitissem maior articulação com as atividades de pesquisa e ensino, promovendo a interdisciplinaridade (UFRJ, 2011, p.11).

Dentro das estratégias estabelecidas nesse Plano de Ação, destacam-se o fortalecimento do Fórum de Extensão da UFRJ, a valorização da Extensão no âmbito acadêmico e a articulação de iniciativas de diferentes esferas de poder público, visando ao atendimento de interesses sociais. Um dos temas centrais dos debates foi a promoção da flexibilização curricular, com a inclusão das atividades de extensão desenvolvidas pelos estudantes como créditos de disciplinas. Os princípios que norteiam as atividades de extensão na UFRJ são: a indissociabilidade Extensão-Ensino-Pesquisa, a valorização da extensão como atividade acadêmica, o caráter inter e transdisciplinar de suas atividades e o vínculo e compromisso com populações-alvo (UFRJ, 2011).

Esse processo de reforço da institucionalização da Extensão na UFRJ vem ocorrendo desde 2006, época em que também era promovido pela reitoria um debate sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Tratava-se de, simultaneamente, pensar a Universidade que se desejaria no futuro, ao mesmo tempo em que se desenvolvessem propostas que representassem possibilidades concretas de mudanças (SOARES, 2011)

No caso da Extensão, além da valorização das múltiplas iniciativas empreendidas pelas Unidades da UFRJ, o esforço seria superar um dos principais problemas apresentados no PDI – a fragmentação. Nesse sentido a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão vem trabalhando em torno de eixos integradores dos

atuais projetos: **áreas temáticas** – grandes temas em torno dos quais se possam agrupar múltiplos projetos; **território** – visa integrar iniciativas existentes num mesmo território, muitas vezes sem qualquer contato; e ainda **grupos populacionais**, de maneira articulada como o eixo anterior, para integrar múltiplas e dispersas iniciativas sobre determinados grupos populacionais, sobretudo aqueles considerados de maior risco social.

Além disso, a institucionalização da extensão na UFRJ passa pela democratização das decisões e pela ampliação da participação de todos os segmentos envolvidos em suas atividades: professores, técnico-administrativos, estudantes, instituições governamentais e não governamentais parceiras nos desenvolvimentos dos projetos e as comunidades nas quais estes se desenvolvem.

Segundo o mesmo relatório, diversos instrumentos e estratégias têm sido utilizados para implementação dessas propostas, como o Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX). A primeira edição do PIBEX (2005/2006) teve como um dos principais objetivos a identificação e sistematização das informações dos projetos já existentes, como a sua fundamentação conceitual e metodológica, adequação da metodologia aos objetivos, detalhamento das atividades a serem desenvolvidas, processo e indicadores de avaliação, resultados esperados, equipe de trabalho e áreas temáticas em que estavam inseridos, sendo concedidas 413 bolsas neste ano. O PIBEX estimula a integração acadêmico-institucional através da definição dos eixos integradores – território, população e área temática – bem como da integração dos projetos em programas, propiciando um conjunto articulado de ações interdisciplinares, com participação de professores, alunos e técnicos de diversas unidades e centros da UFRJ. As últimas edições do PIBEX vêm garantindo a continuidade das ações já em curso e visam estimular novas iniciativas que possam ampliar a formação profissional e cidadã de estudantes de graduação. Em 2011, foram concedidas 800 bolsas de extensão e em 2012 foram 900.

Desde o início, o PIBEX exige a apresentação de resultados no Congresso de Extensão para renovação dos programas e projetos na edição subsequente. Para a PR5, este evento tornou-se um instrumento de avaliação de resultados e um espaço para a articulação e planejamento de ações futuras. É incentivada a troca de experiências entre a comunidade universitária, assim como com representantes do poder público, de movimentos sociais e de outras instituições de ensino superior envolvidas em atividades extensionistas, visando a transformação social. O

Congresso de Extensão representa hoje o principal mecanismo de intercâmbio e divulgação das ações de extensão da UFRJ, com publicação sistemática de Anais contendo todos os trabalhos apresentados. Em 2006, o número de trabalhos apresentados no Congresso foi de 234, chegando a 429 o número de trabalhos apresentados em 2012. Atualmente, a realização do Congresso de Extensão de maneira integrada com a Jornada de Iniciação Científica, Artística, Tecnológica e Cultural, na Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, objetiva não apenas o intercâmbio, mas a efetiva integração entre a pesquisa e a extensão com a participação conjunta de bolsistas dos projetos de iniciação científica (PIBIC) e dos projetos de extensão (PIBEX), visando à indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

Para fins de organização e sistematização das ações de extensão, a Extensão da UFRJ vem utilizando as definições do FORPROEX, estando estas classificadas em programas, projetos, curso e evento. Segundo essas definições:

- Programa é o “conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, preferencialmente integrando as ações de extensão, pesquisa e ensino. Tem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo”.
- Projeto é uma “ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado”.

Todas as ações de extensão devem ser classificadas segundo a área temática. Essa classificação deve observar o objeto ou assunto que é focado na ação. São áreas temáticas: comunicação, cultura, direitos humanos e justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e produção e trabalho. Além disso, as ações de extensão devem ser classificadas pela “Linha de Extensão” à qual se relacionam, o que visa à construção de programas. Atualmente, a PR-5 tem definidas 53 linhas de extensão e as suas formas de operacionalização mais frequentes (UFRJ, 2011).

A importância dessas propostas e ações que vêm sendo adotadas deve ser reiterada; entretanto, na coordenação de um projeto de extensão é percebido o enorme esforço que ainda deve ser feito para que os objetivos propostos venham a ser atingidos. No IPPMG, unidade acadêmico-assistencial da UFRJ, a institucionalização da extensão universitária ainda se faz de forma muito incipiente,

sendo compreendida em grande parte como a promoção de cursos e eventos, sem um entendimento adequado dos objetivos dos projetos de extensão. A falta de flexibilização curricular é um grande problema para esse projeto, dificultando a participação dos alunos, que conseguem atuar apenas em seus horários livres, uma vez que os cursos não contabilizam a carga horária dedicada ao projeto, muito menos liberam os alunos para uma participação nele. Essa falta de flexibilização dificulta sobremaneira a proposta de interdisciplinaridade, visto não haver possibilidade de se promover espaços de integração dos alunos participantes de maneira regular, já que suas agendas não podem ser organizadas incluindo o projeto, apenas sendo possível dedicarem a ele o que dispõem de tempo ocioso. A maioria dos depoimentos dos alunos, justificando a saída do projeto, apresenta a dificuldade de acúmulo das atividades de extensão às atividades acadêmicas como principal motivo para esta saída. Esta também tem sido a justificativa dos alunos que, apesar de pretenderem permanecer por mais tempo participando do projeto, não se interessam pela bolsa de extensão, pelos compromissos de carga horária que significa.

2.4 O Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira

O Instituto Nacional de Puericultura, atual Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), foi incorporado à Universidade do Brasil em 1937 e teve diversas sedes até o ano de 1953, quando o então diretor e catedrático de Puericultura e Clínica da 1ª Infância da Faculdade Nacional de Medicina, prof. Raimundo Martagão Gesteira, obteve os recursos para a construção do Instituto, na Cidade Universitária. O Instituto foi criado para atender às finalidades de Ensino e Pesquisa na área pediátrica, a partir da assistência prestada a essa população.

Atualmente, o IPPMG faz parte do conjunto de unidades acadêmico-assistenciais da UFRJ e presta assistência hospitalar e ambulatorial de média e alta complexidade, além de desenvolver atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na área da Saúde da Criança e do Adolescente. Sedia o Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFRJ, recebendo alunos da graduação da Faculdade de Medicina da UFRJ e também da graduação em Nutrição do Instituto de Nutrição da

UFRJ. Além dos Programas de Residência Médica em Pediatria, Genética Médica, Cancerologia Pediátrica, Cirurgia Pediátrica e Residência em Especialidades Pediátricas, desenvolve um Programa de Residência Multiprofissional em Pediatria e diversos cursos de pós-graduação lato sensu (especialização) em Especialidades Pediátricas. É também Centro de Referência de Promoção da Saúde da Criança do Ministério da Saúde.

O Instituto possui uma Unidade de Pacientes Internos, uma Unidade de Tratamento Intensivo, um setor de Quimioterapia Ambulatorial – o “Aquário Carioca”, um setor de atendimento e realização de procedimentos ambulatoriais –, o “Hospital-Dia” e uma Emergência Pediátrica. Acompanha pacientes ambulatoriais nos serviços de Pediatria Geral e em 19 especialidades pediátricas, além de desenvolver diversos programas específicos, tais como: Acompanhamento da Criança Portadora de Anemia Falciforme, Acompanhamento da Criança Diabética, Atenção à Criança Vítima de Violência, Atendimento a Crianças Portadoras de Deficiências. É Centro de Referência do Ministério da Saúde para Doenças Onco-Hematológicas e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Infelizmente, devido a já citada fragmentação da UFRJ, o IPPMG funciona de maneira independente das outras unidades acadêmico-assistenciais da universidade, havendo pouca integração entre essas unidades, mesmo com o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, que se situa ao lado do IPPMG na Cidade Universitária. Apesar de ser uma unidade assistencial da universidade, funciona como campo de treinamento praticamente só para os alunos da graduação da Faculdade de Medicina, incluído os alunos de graduação em Fonoaudiologia e Fisioterapia. Nos anos 80 e 90, houve uma experiência muito positiva de integração com o Instituto de Nutrição Josué de Castro, através um estágio curricular para alunos da graduação em Nutrição na área da Saúde Materno-Infantil no ambulatório IPPMG, que foi praticamente desarticulada nos últimos anos. Nessa mesma época, buscou-se efetivar o estágio de alunos do Instituto de Psicologia da UFRJ, realizado por cerca de quatro anos, o que não foi possível devido à falta de docentes do Instituto de Psicologia para coordenar esse estágio no IPPMG. A Escola de Enfermagem Anna Nery tem utilizado o IPPMG, ao longo dos anos, como campo de estágio eventual para seus alunos, porém sem integração efetiva com as atividades assistenciais da instituição. Esses aspectos demonstram a pouca oportunidade de atividades inter e transdisciplinares na instituição, em especial para discentes. As

poucas atividades dessa natureza estão restritas aos profissionais de saúde da própria instituição – médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e fisioterapeutas, em alguns dos serviços em que atuam.

Em relação às atividades de pesquisa, a instituição funciona como referência municipal, estadual e/ou nacional para determinadas patologias (síndrome da imunodeficiência adquirida, doenças onco-hematológicas, diabetes, anemia falciforme, mucopolissacaridoses etc.), desenvolvendo pesquisas nestas e em outras áreas.

A Extensão Universitária ainda é em grande parte compreendida de forma restrita, significando atividades como capacitação, cursos, eventos e alguma prestação de serviços à comunidade. Verifica-se uma falta de integração da extensão com o ensino e a pesquisa desenvolvidos no IPPMG. Atualmente o Instituto serve de campo para quatro projetos de Extensão, sendo dois próprios (“Alunos Contadores de Histórias” e o “Projeto Biblioteca Viva”) e dois de outras unidades da UFRJ (Escola de Educação Física e Desportos e Faculdade de Educação). Esses projetos estão ligados à Divisão de Extensão e ao Núcleo de Humanização do IPPMG. São bem vistos na instituição por proporcionarem atividades lúdicas às crianças, porém ainda não há uma compreensão adequada de suas propostas enquanto atividades de Extensão Universitária.

A produção assistencial do IPPMG, em 2011, foi de 54.065 consultas médicas e 17.280 consultas de outros profissionais de nível superior (psicologia, nutrição, serviço social, fisioterapia e enfermagem) para pacientes ambulatoriais, além de ter prestado aproximadamente 19.500 atendimentos de urgência. A média de internações foi de 198 internações por mês.

O perfil assistencial do IPPMG traz como consequência um perfil específico de clientela pediátrica: pacientes com patologias complexas, que exigem investigação e tratamentos demorados e/ou pacientes com patologias crônicas, muitas vezes incuráveis, exigindo internações demoradas e acompanhamento ambulatorial prolongado e/ou por período indeterminado. Durante o período de adoecimento, em especial nas situações de internações e/ou necessidade de vindas frequentes ao hospital, as crianças e os adolescentes passam por muitas perdas e momentos de dor e sofrimento. Essa experiência estressante pode ser amenizada pelo fornecimento de certas condições, entre elas a participação em atividades lúdicas. O lúdico neste processo preenche um espaço que gera prazer e divertimento resgatando o lado saudável da criança/adolescente (WINNICOT, 1975).

Refletindo sobre o conceito da integralidade, esta deve ser compreendida como ações no sentido de identificar e atender o conjunto de necessidades de ações dos serviços de saúde que um paciente apresenta e que, mesmo quando ligada à aplicação do conhecimento biomédico, não deve ser uma atribuição apenas dos médicos, mas de toda a equipe de saúde (MATTOS, 2001). Nesse sentido, oferecer no dia a dia da hospitalização e do atendimento ambulatorial um espaço para a recreação, a “contação de histórias” ou outras iniciativas que permitam à criança ou ao adolescente desenvolverem atividades não relacionadas à rotina hospitalar, como meio de construir vivências positivas em meio a muitas perdas, demonstra uma preocupação da equipe de saúde com uma abordagem mais abrangente das necessidades dos pacientes, visando desta maneira à integralidade do cuidado.

2.5 O Projeto “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG”

Você pode sair de prova estressado, contrariado, mas isso aqui é meio que um oásis. Chegava aqui, esquecia de tudo...
(GF.5)

O Projeto “Alunos Contadores de Histórias” tem como um de seus objetivos oferecer a alunos da graduação e da pós-graduação da UFRJ um espaço de aprendizado e de transformação durante o desenvolvimento de um trabalho de “contação de histórias” para crianças atendidas no IPPMG. Foi encaminhado à Divisão de Extensão do IPPMG e aprovado como projeto de extensão pela Comissão de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da instituição em 06/05/2009. Em 16/11/2009, o projeto foi aprovado pelo Conselho de Coordenação do Centro de Ciências da Saúde como Projeto de Extensão Universitária da UFRJ.

A coordenação do projeto vem sendo exercida por mim e pela especialista em literatura infantil, Regina de Almeida Fonseca. Cabe salientar que a proposta de treinamento e a operacionalização do projeto foram desenvolvidas por nós, contando com a aprovação da Chefia da Divisão de Extensão e dos profissionais que atuavam no Núcleo de Humanização nessa época. Uma profissional do Serviço de Psicologia oferece apoio significativo na discussão de algumas propostas, impasses e dificuldades. Durante o treinamento, além da profissional do Serviço de Psicologia,

participam ainda profissionais da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do IPPMG e da Faculdade de Letras/UFRJ.

As percepções e afirmativas sobre o projeto descritas neste item se apoiam em observações e discussões realizadas ao longo desses quatro anos pela coordenação no acompanhamento da atuação dos alunos durante as atividades.

É sabido que a “contação de histórias”, a apresentação dos contos infantis e a utilização do imaginário ajudam as crianças a elaborarem as perdas e pode significar um importante fator de aproximação e diálogo entre pacientes, familiares, contadores e profissionais de saúde (CALDIN, 2002).

Como já referido no item anterior, a hospitalização e o acompanhamento ambulatorial prolongado são experiências desgastantes, envolvendo a adaptação da criança às várias mudanças que ocorrem no seu dia a dia, contudo o estresse pode ser amenizado pelo fornecimento de certas condições como: presença dos familiares, disponibilidade afetiva dos profissionais da saúde, atividades lúdicas e outras. O lúdico nesse processo preenche um espaço que gera prazer e divertimento. A oportunidade de participar desse tipo de atividade ameniza o desconforto causado pela hospitalização, facilita o processo de elaboração da experiência da doença e da internação. Pode favorecer um melhor o vínculo com os profissionais, propiciando uma melhor adesão ao tratamento.

A atividade de “contação de histórias” foi inicialmente realizada no IPPMG por voluntários externos, através de uma parceria com a ONG “Instituto Rio de Histórias” (FONSECA, 2007). A dificuldade de manter estes voluntários na instituição, aliado ao fato da instituição ser um hospital universitário, contribuíram para a proposta de inclusão de alunos na lista de voluntários. Visando oferecer essa oportunidade de trabalho solidário para os estudantes, decidiu-se pela realização de um treinamento específico para alunos, dando-se início então ao projeto “Alunos Contadores de Histórias”.

O primeiro treinamento foi realizado em agosto de 2008, constando de encontros de duas horas semanais, por quatro semanas. Inscreveram-se trinta alunos de diversos cursos. Dezesesseis alunos, dos cursos de Medicina, Nutrição, Educação Física, Educação Artística e Letras, completaram o treinamento teórico e o estágio prático, passando a frequentar, durante duas horas semanais, as dependências do instituto em horários compatíveis com suas atividades curriculares. Os alunos foram acompanhados pela coordenação do projeto, sendo avaliados

assiduidade, dificuldades e envolvimento. Naquele semestre, 1.961 crianças e adolescentes foram atendidas, com um total de 580 horas de atividades desenvolvidas por 19 contadores, sendo 16 alunos da graduação da UFRJ. Estes dados são registrados mensalmente no “Diário dos Alunos Contadores de Histórias”, instrumento no qual o aluno assina presença, especifica hora de chegada e saída e número de crianças para as quais contou histórias.

No mês de dezembro de 2008, os alunos responderam a um questionário de avaliação e participaram de uma reunião com os responsáveis pelo projeto, para relatarem sua experiência. Como será aprofundado adiante, os ganhos percebidos nos relatos dos estudantes, além daqueles para os pacientes e acompanhantes, conforme observado fortaleceram a ideia da implantação formal da proposta, como um projeto de extensão universitária.

Em setembro de 2009, por dificuldades em fazer alterações em suas metas de atuação, o que inviabilizou priorizar o treinamento dos alunos da UFRJ, a ONG Instituto Rio de Histórias se retirou da parceria no Projeto Alunos Contadores de Histórias.

A partir de 2010, têm sido realizados dois treinamentos anuais, no início de cada semestre letivo. A equipe responsável pelo projeto, composta atualmente por dois coordenadores e cinco bolsistas, seleciona alunos dos diferentes cursos da UFRJ. Para tal, no início de cada semestre é realizada ampla divulgação do treinamento nas diferentes unidades acadêmicas da UFRJ, através da colocação de cartazes em locais estratégicos; por correio eletrônico junto a professores, alunos e outros profissionais dos diferentes cursos; na página eletrônica (*fanpage*) do grupo e através da veiculação das informações nos sites e grupos de relacionamento virtuais disponíveis de diversos cursos da universidade. Essa divulgação dificilmente é homogênea para todos os cursos, pois não há um canal único, na UFRJ, para circulação deste tipo de informação.

As inscrições dos candidatos são realizadas por meio eletrônico em período pré-determinado, sendo a primeira seleção realizada pela ordem de recebimento das candidaturas, uma vez que a demanda tem sido muito acima da oferta de vagas. Para incentivar a interdisciplinaridade, é oferecido um número de vagas por curso, proporcional ao número de inscrições de cada curso, dentro do total de vagas disponibilizadas.

Após essa primeira seleção, os alunos passam por um treinamento com carga horária de 20 horas, que também tem caráter seletivo. Consta de atividades teóricas e práticas. Desde 2009 são oferecidas cinco palestras: “O Projeto de Extensão Universitária Alunos Contadores de Histórias – IPPMG”, apresentada pela coordenação; “A Importância e o Significado das Atividades de Humanização durante a Hospitalização”, proferida pela psicóloga Maria de Fátima O. Santos, do Serviço de Psicologia da instituição; “Introdução à Literatura Infantil”, realizada pela profa. Georgina Martins, da Faculdade de Letras/UFRJ; “Aspectos Fundamentais sobre Controle de Infecção Hospitalar”, apresentada pela Dra. Ana Cristina Cisne Frota, da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do IPPMG e “Um Olhar Humano na Formação Universitária”, realizada pelo Dr. José Nivaldo da Fonseca, psiquiatra e Doutor em Filosofia. São desenvolvidas oficinas de “contação de histórias” nas quais os alunos são divididos em grupos de no máximo 15 participantes, para serem apresentados à arte de contar histórias. Por último é realizado um estágio supervisionado de quatro horas, dividido em duas horas, por duas semanas consecutivas, em todos os setores assistenciais do IPPMG, a saber: Central de Acolhimento, salas de espera dos Ambulatórios de Pediatria Geral, de Especialidades Pediátricas, de Reabilitação do Desenvolvimento Neuro-Psicomotor, além do Hospital-Dia, dos Setores de Quimioterapia e Emergência e das Unidades de Pacientes Internos e de Terapia Intensiva. A seleção definitiva demanda a participação em 100% das atividades do treinamento e a aceitação, por parte dos alunos, das condições exigidas, que incluem a observância das Normas e Rotinas dos Alunos Contadores de Histórias (APÊNDICE A) e da assinatura de um Termo de Compromisso (APÊNDICE B) nos quais estão dispostas as exigências de atuação adequada dos alunos em uma unidade hospitalar. Cerca de 15% dos alunos inscritos desistem ou são excluídos por não participarem de todas as atividades do treinamento.

Após a capacitação, os alunos se comprometem a dispor de duas horas semanais, ao longo de um semestre letivo, para contar histórias nos diversos setores do IPPMG. São realizados ainda encontros em dias agendados, para a comemoração de datas festivas, quando, além da “contação de histórias”, o grupo costuma realizar outras atividades, tais como tocar músicas e cantar com os pacientes e os funcionários presentes.

Visando à qualificação do projeto, junto aos estudiosos da literatura, buscou-se parceria com a Faculdade de Letras/UFRJ efetivada através de duas professoras integrantes da equipe de coordenação e pesquisa na área de Literatura Infantil e Juvenil da Sala Glória Pondé da Faculdade de Letras da UFRJ, formalizada em dezembro/2009. Outra parceria firmada foi com a Agência UFRJ de Inovação da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, através da coordenação do Setor de Inovação Social da Agência, que classificou o projeto como Projeto de Inovação Social, por seu potencial transformador, em especial no processo de formação dos alunos em nossa universidade.

No segundo semestre de 2010, implementou-se uma nova proposta, desenvolvida com alunos que queriam permanecer no projeto após o término do período de seis meses. Foi realizada uma seleção junto aos interessados e sete alunos continuaram no projeto, como “alunos apoiadores”, desenvolvendo atividades de apoio ao projeto, além de continuarem contando histórias. Essa proposta trouxe novas ideias para o projeto, além de uma ajuda substancial para os coordenadores. Esses alunos participam da recepção, das oficinas e estágio das novas turmas de contadores de histórias, além de desenvolverem diversas outras atividades, como a organização de planilhas, facilitação da comunicação eletrônica entre coordenadores e alunos, organização de eventos em datas festivas e produção de material de divulgação sobre o projeto.

Durante o ano de 2011, a Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ concedeu seis bolsas para o projeto. Realizada nova seleção para concessão das bolsas, o projeto passou a contar com seis alunos bolsistas e três alunos apoiadores. Em 2010 e 2011, esses alunos participaram da elaboração de cinco trabalhos aprovados e apresentados como temas livres em congressos, a saber: “Alunos Contadores de Histórias IPPMG/UFRJ”, no VII Congresso de Extensão da UFRJ, realizado em outubro de 2010 (APÊNDICE C); “Projeto de Extensão Universitária Alunos Contadores de Histórias do IPPMG”, no III Congresso de Pediatria da UFRJ, realizado em maio de 2011 (APÊNDICE D); “Quantificação do Tempo Médio de Contação de Histórias doadas aos Pacientes da UPI/IPPMG” (APÊNDICE E); “Avaliação do Perfil dos Alunos dos Cursos de Graduação em Engenharia da UFRJ que participam do Projeto Alunos Contadores de Histórias” (APÊNDICE F); “Conhecimentos e Percepções dos Médicos da UPI E UTI/IPPMG sobre o Projeto Alunos Contadores de Histórias” (APÊNDICE G), apresentados no VIII Congresso

de Extensão da UFRJ realizado em outubro de 2011. O trabalho “Quantificação do Tempo Médio de Contação de Histórias doadas aos Pacientes da UPI/IPPMG” recebeu uma menção honrosa do Congresso.

Em 2012, cinco alunos foram contemplados com bolsas do PIBEX e quatro alunos permaneceram como apoiadores sem interesse em receber bolsas. Foram elaborados dois trabalhos, apresentados como temas livres no IX Congresso de Extensão Universitária da UFRJ, realizado em novembro de 2012: “Perfil dos Alunos Participantes do Projeto Alunos Contadores de Histórias – IPPMG” (APÊNDICE H) e “Comemorações de Datas Festivas – Projeto Alunos Contadores de Histórias/IPPMG” (APÊNDICE I). Esse segundo trabalho também foi contemplado com uma menção honrosa do Congresso de Extensão.

De agosto de 2008 a dezembro de 2011, foram realizados seis treinamentos com a participação de 262 alunos dos mais diversos cursos da UFRJ.

Em fevereiro de 2012, foram abertas inscrições para um novo treinamento e em poucos dias 302 alunos, de 26 cursos diversos, enviaram mensagens buscando se inscrever no projeto. Em julho de 2012, 415 alunos de 25 cursos se inscreveram, mostrando o interesse desses jovens em participar de uma atividade que não está vinculada a sua formação técnica.

Estão presentes diferentes formas de participação. Enquanto parte dos alunos se envolve mais do que o esperado, solicitam permanecer no projeto após os seis meses, alguns se tornam apoiadores e/ou bolsistas, chegando a participar do projeto de dois a três anos, outros, mesmo demonstrando empenho para participar e entusiasmo logo no início das atividades, participam por pouco tempo, desistindo do projeto sem completar os 75% da carga horária estimada para o recebimento do certificado.

A intenção inicial era oferecer a oportunidade de contar histórias para crianças hospitalizadas para alunos de cursos ligados à área da saúde, supondo que muitos se interessariam por estabelecer contato precoce com uma unidade hospitalar. A premissa era de que a atividade de “contação” poderia modificar o olhar desses futuros profissionais, ampliando a percepção das necessidades dos pacientes de maneira a possibilitar uma melhora na sua relação profissional de saúde-paciente.

Todavia, houve uma procura significativa por alunos da área tecnológica. Um motivo possível para esse número grande de alunos dessa área é o fato da Escola

Politécnica da UFRJ oferecer cerca de 700 vagas por semestre, ou seja, recebe um quantitativo de alunos muito grande, maior do que os outros cursos. A Faculdade de Medicina, por sua vez, oferece atualmente 90 vagas por semestre. Além disso, há um incentivo por parte da direção da Escola Politécnica para a participação no projeto, por achar a iniciativa proveitosa para seus alunos. De toda forma, o interesse destes alunos tem surpreendido por sua intensidade.

O convívio com os participantes vem indicando que os estudantes da UFRJ, que procuram o projeto, são jovens que, como tantos, procuram diferentes espaços de trocas e estabelecimento de novos contatos e amizades. Mas, além disto, parecem estar à procura de uma oportunidade de atuar e se sentir útil, podendo eventualmente fazer a diferença para alguém. A atuação em uma instituição hospitalar – e particularmente a atuação junto a crianças/adolescentes doentes – oferece uma oportunidade de solidariedade junto a um grupo que se apresenta naquele momento em condições muito desfavoráveis.

O método utilizado no projeto, a “contação de histórias”, provavelmente também favorece o interesse dos estudantes, visto que todos gostam de histórias, o que faz com que as atividades desenvolvidas sejam também prazerosas para os estudantes. Para Manferrari (2011), contar histórias é uma ação, e o narrar se realiza no contexto de uma relação. Segundo a autora, a necessidade de reconhecimento é uma importante motivação para nossas ações e nos acompanha por toda a vida, desde a infância. Ser valorizado pelo destinatário de sua narrativa é o principal desejo de quem conta histórias. A atenção e o interesse do ouvinte demonstram um reconhecimento, o contrário daquela forma sutil de desvalorização que consiste no não escutar. Este pode ser um dos fortes apelos do projeto, numa época em que pouco tempo se dedica ao diálogo e à escuta.

As falas de um dos alunos do curso de engenharia elétrica, sobre a experiência de iniciar o contato com as crianças e seus acompanhantes para contar histórias, assim como dos ganhos na comunicação percebidos pelo desenvolvimento da atividade, nos remetem à reflexão de Manferrari sobre a iniciativa de ser narrador:

Eu sou muito tímido. Ai eu falei: como é que eu vou chegar lá no meio de uma família? Porque não é só a criança, fica mãe, pai, um monte de gente... e contar uma história para ela... Não consigo, não consigo às vezes... aí eu pensei: ah...vamos logo, e eu fui, eu fiquei muito impressionado... Eles dão toda uma estrutura para você. (GT.6)

No relacionamento pessoal, no trabalho, eu vou ficar mais tranquilo, menos tímido... Tem vários seminários que a gente tem que apresentar, ficava nervoso. Depois do projeto, não fico nervoso... Não vou sentir mais esta vergonha. Eu não penso, vou em frente agora. (GT.6)

3 MÉTODOS

A presente pesquisa é um estudo exploratório sobre as motivações e as experiências dos alunos da UFRJ que procuram e são selecionados para participar do Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG”.

A Extensão Universitária ainda é pouco estudada e grande parte dos estudos realiza uma avaliação geral dos programas e projetos de extensão, para fins organizacionais e de suas propostas acadêmicas e seu grau institucionalização. Cabe ampliar o foco investigando como a Extensão Universitária vem produzindo (ou não) aprendizagem e amadurecimento, buscando compreender as motivações e as vivências dos alunos que participam do projeto, inferindo possíveis contribuições destas na formação técnica e cidadã dos alunos.

O estudo utilizou métodos quantitativo e qualitativo, sendo os dados provenientes da análise de registros existentes na gestão do projeto e de grupos focais realizados com alunos.

Cabe destacar que, embora o projeto “Alunos Contadores de Histórias” se desenvolva em uma unidade hospitalar da universidade, vinculada, portanto, ao Centro de Ciências da Saúde (CCS), existe uma grande demanda por parte de alunos de outras áreas, em especial a tecnológica. Por este motivo, procuramos estudar as duas questões principais, analisando as respostas de alunos em dois grandes grupos. O Grupo A incluiu alunos dos cursos da área da saúde, que participaram do projeto: medicina, farmácia, terapia ocupacional, biomedicina, fisioterapia, fonoaudiologia, nutrição, enfermagem, odontologia, educação física, saúde coletiva e ciências biológicas. Neste grupo foram incluídos os alunos do curso de Serviço Social, por sua proximidade com as questões da saúde. O Grupo B incluiu os alunos dos cursos de engenharia, matemática aplicada, física e arquitetura e urbanismo. Os registros dos alunos dos outros cursos - letras, pedagogia, comunicação visual, pintura, educação artística, composição de interiores, direito e relações internacionais - foram utilizados apenas para a descrição do perfil demográfico e acadêmico ao ingresso no projeto.

3.1 População alvo

3.1.1 Critérios de inclusão

3.1.1.1 Análise documental

A análise documental incluiu os registros dos 262 alunos que participaram do projeto de agosto de 2008 a dezembro de 2011.

3.1.1.2 Grupos focais

Para os grupos focais foram incluídos alunos das turmas 5 e 6, que atuaram entre fevereiro de 2011 e dezembro de 2011, com intenção de minimizar vieses de memória. Foram selecionados alunos cuja intensidade de participação foi considerada adequada, ou seja, que haviam atuado pelo menos 24 horas das 40 horas desejadas, durante os seis meses de participação.

3.1.2 Critérios de exclusão

3.1.2.1 Análise Documental

Para a análise dos dados referentes às motivações e expectativas alegadas ao ingresso no projeto foram excluídos os 138 questionários (Instrumento 1) dos alunos das quatro primeiras turmas, uma vez que o preenchimento era realizado após a palestra introdutória que descreve o projeto e seus objetivos, por entender que as respostas dadas após a palestra introdutória poderiam ter sido influenciadas

pela mesma, interferindo na autenticidade destas.

Foram excluídos ainda os seis questionários dos alunos de cursos não incluídos no Grupo A ou B por se tratar de um número de alunos pouco expressivo no total.

Para a análise do tempo de participação foram excluídos os dados dos 45 alunos das duas primeiras turmas, uma vez que a "Planilha de Acompanhamento de Atuação dos Alunos" (Instrumento 2) foi implantada a partir da terceira turma, em fevereiro de 2010.

3.1.2.2 Grupos Focais

Foram excluídos os alunos que, sendo convidados para participar do grupo focal, não apresentaram disponibilidade para comparecer à reunião na data agendada.

3.2 Coleta de Dados

3.2.1 Análise documental

As fontes de dados utilizadas foram os registros regularmente preenchidos ao longo da operacionalização do projeto. A seguir são apresentados elementos do desenvolvimento do projeto, para explicitar as circunstâncias em que estes documentos são obtidos.

A seleção de alunos ocorre no início de cada período letivo. É realizada uma ampla divulgação através de cartazes junto as diversas unidades acadêmicas e por meio eletrônico. Como descrito no capítulo anterior, as inscrições são realizadas por correio eletrônico, sendo aceitos os candidatos por ordem de inscrição, obedecendo a um critério de distribuição proporcional de vagas para os diversos cursos, visando

a interdisciplinaridade. Durante quatro a seis semanas os alunos passam por atividades teórico-práticas, com uma carga horária de 20 horas no total, incluindo um estágio supervisionado de quatro horas. É exigida a presença em 100% das atividades do treinamento. Após a capacitação, os alunos se comprometem a atuar durante duas horas por semana, por um período mínimo de seis meses.

Para fins deste estudo, analisou-se os dados de registros dos 262 alunos que completaram o treinamento e atuaram no projeto desde o primeiro grupo, em agosto de 2008 até dezembro de 2011.

No período estudado foram realizados seis processos seletivos. Ao início de cada treinamento, é solicitado o preenchimento de um formulário – o “*Questionário Pré-Projeto*” ou Instrumento 1, com dados de identificação do participante, que inclui ainda questões abertas sobre as motivações e expectativas em relação ao projeto (APÊNDICE J).

A partir de fevereiro de 2011, ou seja, no treinamento do quinto e do sexto grupo, o preenchimento do questionário passou a ser realizado antes da palestra introdutória, que descreve o projeto e seus objetivos, uma vez que a coordenação percebeu que as respostas ao questionário após a palestra poderiam estar sendo influenciadas pela mesma, interferindo na autenticidade das respostas.

Durante o estágio supervisionado, é solicitado aos participantes que escrevam depoimentos livres sobre suas experiências, para que estas possam ser acompanhadas pelos coordenadores do projeto, possibilitando intervenções caso necessário. Estes depoimentos são enviados às coordenadoras por via eletrônica e armazenados em arquivo próprio, sendo impressos para análise e arquivamento.

O acompanhamento do trabalho é feito pelas anotações registradas no “*Diário do Contador*”. Neste registro, disponível aos contadores na sala de guarda do material do projeto, o “*contador*” assina presença, registra o tempo que durou sua visita e contabiliza o número de crianças atendidas. As horas atuadas são contabilizadas mensalmente em planilha desenvolvida para este fim, “*Planilha de Acompanhamento de Atuação dos Alunos*”, ou Instrumento 2 (APÊNDICE L) e ao final dos seis meses, o aluno recebe um certificado com o número de horas que atuou. Como critério de frequência adequada, considera-se a atuação por pelo menos 75% do número de horas estimadas para o período.

Ao fim do período, solicita-se a todos os alunos que respondam ao “*Questionário de Avaliação de Participação no Projeto*”, ou Instrumento 3

(APÊNDICE M) com perguntas abertas sobre “pontos positivos”, “pontos negativos”, “avaliação do aluno sobre a influência do projeto sobre sua vida pessoal e profissional” e “sugestões”. O preenchimento deste instrumento é facultativo e passou a ser utilizado a partir da terceira turma, cujo treinamento foi realizado em fevereiro de 2010. Os alunos participantes são incentivados a responder o questionário ao fim dos seis meses de participação. A entrega dos certificados não está vinculada ao preenchimento deste instrumento, de modo que o questionário é enviado por correio eletrônico a todos participantes, mesmo aos que apresentaram uma frequência de participação baixa. Reitera-se sempre a importância desta avaliação, inclusive por parte alunos que por ventura apresentaram dificuldades e/ou abandonaram o projeto. Entretanto, apenas cerca de 25% dos alunos (n= 70) preencheram esta avaliação. De modo que este registro traz informações importantes porém estas devem ser compreendidas como informações oferecidas pelos participantes respondentes, presumivelmente os mais motivados, não devendo ser generalizadas para o total dos alunos.

Como os “contadores” são estimulados a escrever suas experiências e partilhá-las com todo o grupo, existem relatos, enviados por correio eletrônico ao longo da participação por parte de alguns alunos, que também são arquivados para utilização quando da avaliação do trabalho.

Resumindo, os registros disponíveis, utilizados como fonte de dados para o estudo, são:

Instrumento 1 - Questionário Pré-Projeto (n= 262);

Instrumento 2 - Planilha de Acompanhamento de Atuação do Aluno (n= 223);

Instrumento 3 - Questionário de Avaliação de Participação no Projeto (n= 68);

Instrumento 4 – Depoimentos (n= 96).

3.2.2 Grupo Focal

A coleta de dados sobre as motivações para participação e em especial das percepção dos alunos sobre possíveis contribuições do projeto para suas trajetórias pessoal e profissional também foi realizada pela técnica de grupo focal. Esta técnica possibilita que o pesquisador provoque um debate e recolha informações, sem

realizar uma entrevista com perguntas diretas. Conforme Minayo (1993), essa técnica, é adequada para o estudo de representações e relações dos diferentes grupos profissionais, dos processos de trabalho e também da população, pois permite a geração de ideias e opiniões espontâneas por meio da discussão entre os participantes da temática proposta pelo pesquisador. O grupo focal tem ainda a possibilidade de permitir a formação de consensos sobre determinado assunto a partir da interação do grupo (MINAYO, 2011), pois os participantes dirigem seus comentários aos outros participantes, ao invés de interagirem apenas com o moderador, ampliando o espectro das opiniões, trazendo à lembrança detalhes de experiências esquecidas. Para Morgan (1997), a técnica do grupo focal permite uma coleta de dados a partir da interação dos participantes do grupo, porém sobre um tema trazido pelo pesquisador, ou seja, o foco é determinado pelos interesses do estudo.

Foram realizados dois grupos focais, o Grupo I, com seis alunos de diversos cursos da Escola Politécnica de Engenharia, representativo dos alunos dos cursos da Área Tecnológica, de Ciências Exatas e de Arquitetura e Urbanismo e outro, o Grupo II, com seis alunos da Faculdade de Medicina e uma aluna da Faculdade de Odontologia, representativo da Área da Saúde.

Os alunos do Grupo I foram selecionados aleatoriamente entre os 64 alunos de engenharia que tiveram uma participação considerada adequada e/ou média, ou seja, atuaram por no mínimo 24 horas no projeto. Foram selecionados alunos do curso de engenharia por ser este o curso com número de alunos mais expressivo fora da área da saúde (93 alunos). Não foram os que atuaram necessariamente por maior número de horas, pois dos 15 inicialmente selecionados, com participação significativa, 5 se encontravam em intercâmbio no exterior, um não respondeu à chamada e outros 5 não puderam comparecer no dia marcado, de maneira que outros foram chamados e apenas 3 da primeira seleção efetivamente participaram do grupo. Todos os participantes do grupo focal haviam atuado mais de 30 h, contando histórias no IPPMG.

Os alunos que participaram do Grupo II, foram alunos selecionados aleatoriamente entre os 56 alunos da área da Saúde e do curso de Serviço Social, que tiveram uma participação considerada desejada e/ou média, ou seja, atuaram por no mínimo 24 horas no projeto. Neste grupo também houve dificuldade em encontrar um horário viável, de modo que foi feito contato com 13 alunos com

participação significativa. Um aluno não respondeu as mensagens e todos os outros tinham muita dificuldade para participar do grupo devido a não disponibilidade do tempo suficiente para participar (duas horas), mesmo sendo realizado na hora do almoço ou tinham outra atividade no mesmo horário neste dia da semana. A média de tempo de *contação de histórias* dos participantes do grupo focal foi de 36 horas.

Os encontros duraram cerca de 90 minutos cada, sendo conduzidos pela pesquisadora e por outra profissional participante da coordenação do projeto, nos dias 10 e 22 de outubro de 2012. As perguntas que orientaram os grupos foram: “Como você entrou em contato com o projeto?” “Quais suas expectativas ao ingressar?” “Como você avalia sua participação?” “Você gostaria de dar exemplos de alguma experiência marcante?”. As reuniões foram gravadas, sendo feitas anotações durante as sessões e posteriormente a transcrição literal destas pela pesquisadora. O material transcrito e a gravação em áudio foram armazenados em arquivos digitais.

3.3 Metodologia de Análise dos Dados

3.3.1 Dados Quantitativos:

Os dados para a elaboração do perfil acadêmico e demográfico dos alunos foram extraídos da folha de identificação do participante, parte integrante do instrumento 1. As variáveis quantitativas analisadas foram: idade, sexo, curso e período ao ingresso no projeto, presença de experiência pregressa de participação em atividade voluntária e avaliação do número de horas atuadas no projeto. Os dados foram armazenados e analisados através programa Excel.

3.3.2 Dados Qualitativos

Realizou-se a análise temática de conteúdo das respostas abertas dos registros existentes e selecionados para este fim, assim como da transcrição das falas dos grupos focais. A análise dos registros foi realizada, apesar do conhecimento das limitações deste método (FLICK, 2009), uma vez que, ao longo dos três anos de desenvolvimento do projeto uma quantidade significativa de documentos – como os instrumentos 1, 2 e 4 - foram preenchidos e arquivados para contemplar diferentes propósitos.

Para a análise das motivações e expectativas referidas pelos alunos, foi necessária uma revisão sobre a participação da juventude nos últimos anos (BOGOSSIAN E MINAYO, 2009; SPOSITO, 1999), das possibilidades pensadas com o incentivo ao protagonismo juvenil (COSTA, 2006) e do papel da universidade na formação cidadã (ROCHA E SIQUEIRA, 2009).

Para o estudo da contribuição para as trajetórias pessoais e profissionais dos alunos oferecidas pelo projeto, buscadas nas respostas, depoimentos e falas dos participantes sobre suas experiências durante a participação no projeto, usou-se como referencial as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2012), em especial nas questões trazidas pelas diretrizes de *interação dialógica*, que orienta o desenvolvimento de relações marcadas pelo diálogo e troca de saberes; de *interdisciplinaridade e interprofissionalidade*; na diretriz de *indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão* que coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica e cidadã e na diretriz que visa o *impacto na formação do estudante*.

Foi desenvolvido uma matriz para análise dos instrumentos e da transcrição das falas dos grupos focais buscando mapear as motivações que levam os alunos a buscarem a participação no projeto, as expectativas em relação à atividade a ser desenvolvida, o impacto das experiências no hospital como *contadores de histórias* e as percepções dos alunos em relação a participação nas atividades e a contribuição percebida para sua formação. Em relação à contribuição do projeto para os alunos buscou-se tematizar a possível influência para sua trajetória pessoal como cidadão e para o futuro exercício profissional.

O processo de análise dos documentos e da transcrição do grupo focal se deu pela leitura flutuante dos registros, visando um contato intenso com o material, buscando o conhecimento do conteúdo deste (BARBOUR, 2009; GIBBS, 2009). Em seguida, foi realizada a organização do material, para reconhecer sua representatividade, homogeneidade e pertinência. Posteriormente foi realizada a classificação e agregação dos dados para identificação dos núcleos de sentido, aglutinados em novos núcleos temáticos, aglutinados em novos núcleos temáticos, do qual retiramos nossas categorias empíricas (BARDIN, 2011).

3.4 Questões Éticas

O projeto atende aos requisitos dispostos nas resoluções 196/96, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social/ UERJ e pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IPPMG/UFRJ, local onde o projeto se desenvolve.

4 RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados do estudo. Inicialmente são descritos os dados gerais de todos os alunos participantes desde agosto de 2008 a dezembro de 2011. Seguem-se os resultados referentes à análise das motivações dos estudantes para procurarem o projeto e das expectativas em relação a essa participação. Por último, são apresentados os resultados referentes às percepções dos participantes sobre possíveis contribuições para suas trajetórias pessoais e profissionais pela participação nas atividades de “contação de histórias” para pacientes e seus acompanhantes no IPPMG analisados à luz das propostas da Política Nacional de Extensão Universitária.

4.1 Dados quantitativos

As variáveis quantitativas analisadas foram: idade, sexo, curso e período ao ingresso no projeto, presença de experiência pregressa de participação em atividade voluntária e avaliação do número de horas atuadas no projeto. A distribuição dos dados coletados será apresentada em gráficos para facilitar sua visualização.

4.1.1 Perfil demográfico e acadêmico

Para a descrição geral dos alunos, foram utilizados os registros do Instrumento 1, preenchidos pelos 262 estudantes que iniciaram o treinamento para o projeto de agosto de 2008 a dezembro de 2011.

O quadro 1 apresenta a evolução do número de alunos selecionados e que cumpriram todo o treinamento, passando a atuar no IPPMG, desde a primeira turma em agosto de 2008 até dezembro de 2011, quando a sexta turma de alunos estava desenvolvendo atividades, assim como o número de horas atuadas por eles. O número de alunos aumentou muito, quase quatro vezes, de 2008 a 2011,

demonstrando o aumento da procura do projeto a partir da melhor divulgação e do reconhecimento das atividades desenvolvidas. Em 2011, o número de participantes estabiliza uma vez que a coordenação reconheceu ser este o número máximo de alunos a serem acompanhados adequadamente durante a participação no projeto. A tabela traz ainda dados sobre o número de crianças e/ou adolescentes que foram atendidos pelo projeto e o número de horas de atividade desenvolvidas pelo total de alunos. Como já explicado anteriormente, esses dados são retirados do “Diário do Contador”, formulário no qual cada aluno anota o número de horas de atividades desenvolvidas no dia e o número de crianças que participaram das atividades.

Quadro 1 – Número de alunos participantes, crianças e adolescentes atendidos e horas atuadas em cada turma de alunos do Projeto “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG” – AGO 2008 – DEZ 2011

	TURMAS						Total
	1 Ago 08	2 Fev 09	3 Fev 10	4 Jul 10	5 Fev 11	6 Jul 11	
Número de alunos	17	22	43	56	64	60	262
Crianças e adolescentes atendidos ⁽¹⁾	1.478	1.543	3.601	4.138	7.468	4.665	22.893
Número de horas atuadas	307	292	970	1.035	1.592	1.297	5.493

Fonte: Coordenação do Projeto

(1) O número de crianças e adolescentes atendidos representa o número de vezes que estes são atendidos pelo projeto. A mesma criança/adolescente pode ouvir histórias de vários contadores e algumas por diversos dias.

O gráfico 1 apresenta a evolução do número dos alunos por turma e sexo dos participantes, permitindo uma melhor visualização do aumento do número de alunos a cada turma. Na última turma, há uma pequena queda do número de participantes em relação à turma anterior, de 64 na turma 5 para 60 na turma 6. A justificativa para essa queda é o fato de ter sido definido, a partir de 2011, um número máximo de alunos selecionados para participação no treinamento, 75 alunos, e ter havido uma maior desistência de alunos durante o treinamento na turma 6, da ordem de 20% em relação à turma 5, da ordem de 15%. Traz ainda a informação do número de alunos do sexo feminino e masculino em cada turma, sendo verificado o aumento do número de alunos do sexo masculino a partir do ingresso de alunos dos cursos de engenharia no projeto.

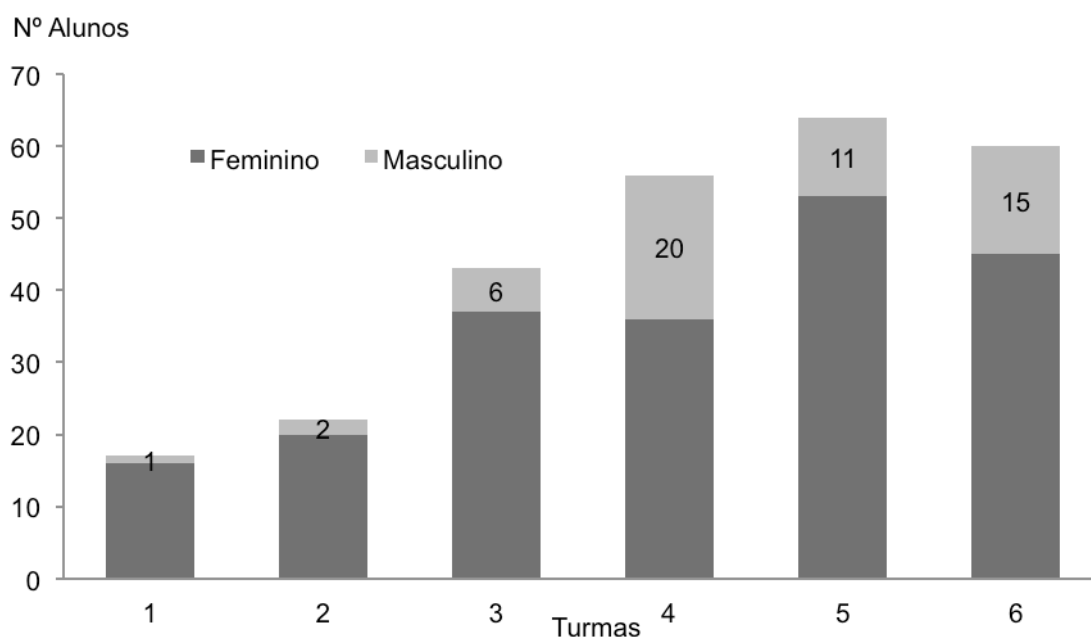


Gráfico 1 – Número de alunos participantes por turma e sexo – IPPMG – AGO 2008 – DEZ 2011 (n = 262). Fonte: Coordenação do Projeto.

O gráfico 2 apresenta a distribuição das idade dos alunos ao ingressarem no projeto. A média da idade é de 22,2 anos, com a mediana em 21,5 anos. Verifica-se que 54,1% dos alunos estão entre 20 e 22 anos, o que coincide com a idade habitual dos alunos dos períodos iniciais na universidade.

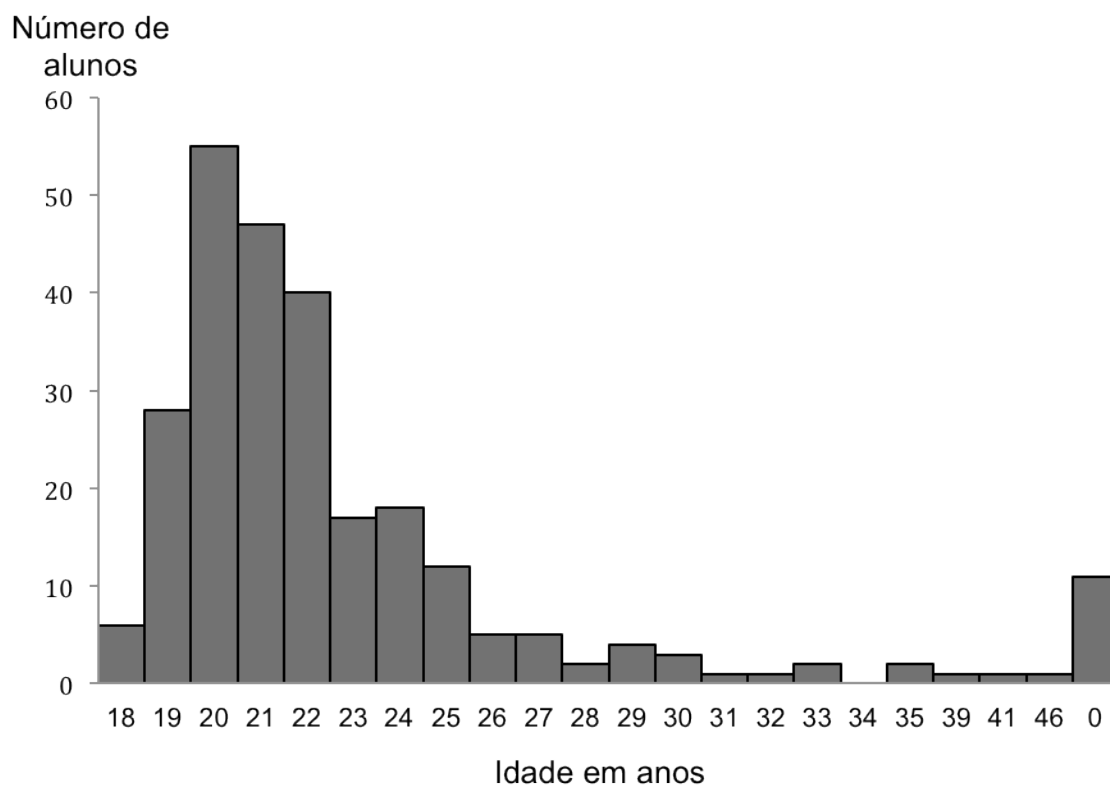


Gráfico 2 – Número de alunos participantes no projeto por idade ao ingressar no projeto – IPPMG – AGO 2008 – DEZ 2011 (n = 262). Fonte: Coordenação do Projeto.

O gráfico 3 apresenta os períodos acadêmicos frequentados pelos alunos ao ingressarem no projeto. A distribuição dos períodos é ampla, com uma concentração de participantes cursando entre o segundo e o sétimo período ao ingressarem no projeto. Possivelmente os alunos de períodos iniciais do curso frequentado contam com mais tempo livre e menos compromissos, permitindo a inserção em outras atividades não curriculares. Provavelmente, também, ao ingressarem na universidade estejam em busca de opções diferentes que os permitam conhecer novos e diferentes espaços e pessoas.

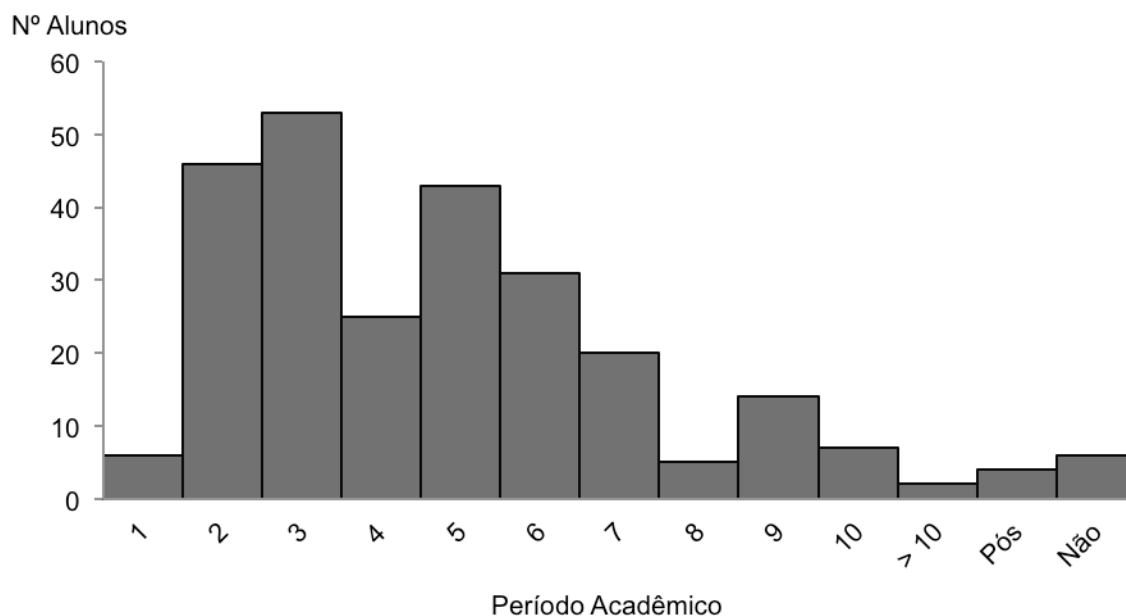


Gráfico 3 – Distribuição dos períodos acadêmicos frequentados pelos alunos participantes ao ingresso no projeto – IPPMG – AGO 2008 – DEZ 2011 (n = 262).
Fonte: Coordenação do Projeto.

O gráfico 4 apresenta a distribuição dos cursos frequentados pelos alunos que foram selecionados para participar do treinamento, desde a primeira turma em agosto de 2008 até a sexta turma em 2011. Verifica-se a ampliação da variedade de cursos cujos alunos procuraram o projeto, demonstrando um interesse para participação por alunos de todas as áreas, a partir de uma melhor divulgação do projeto junto aos alunos da UFRJ.

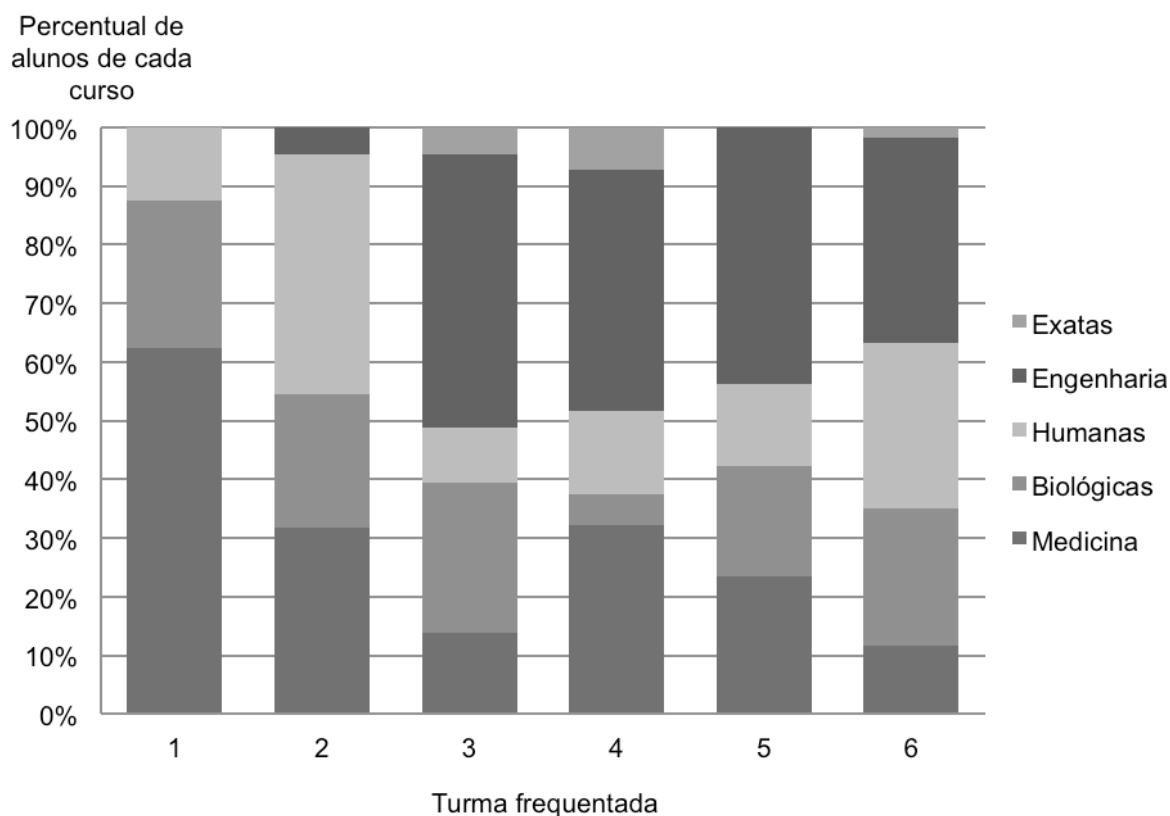


Gráfico 4 – Distribuição dos cursos cujos alunos participaram do projeto, por turma – IPPMG – AGO 2008 – DEZ 2011 (n = 262). Fonte: Coordenação do Projeto.

O gráfico 5 representa o percentual de alunos que, ao ingressarem no projeto, já haviam tido alguma experiência de atividade voluntária. Verifica-se que cerca de metade dos alunos que iniciaram o treinamento já haviam participado de algum tipo de ação solidária.

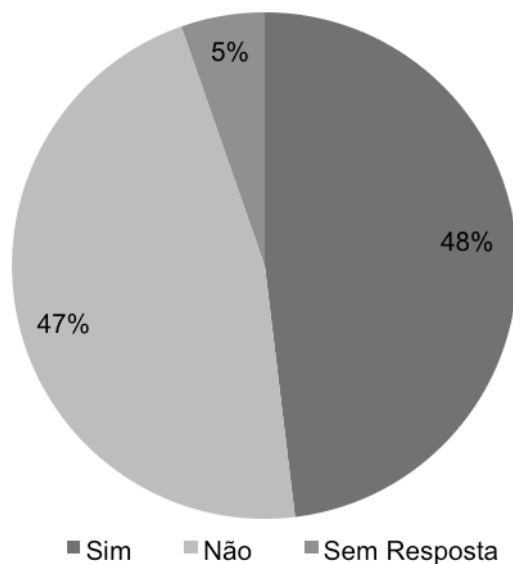


Gráfico 5 – Percentual de alunos participantes que referiram participação pregressa em atividade voluntária – IPPMG – Ago 2008 – Dez 2011 (n = 262). Fonte: Coordenação do Projeto.
Nota: Essa informação foi retirada do Instrumento 1, por meio da resposta à pergunta: “Você já participou de alguma atividade voluntária?”.

4.1.2 Avaliação da participação pelo Critério de Horas Atuadas

A coordenação do projeto utiliza o número de horas de “contação de histórias” dedicadas pelos alunos ao projeto como critério de avaliação para fins de Certificação da Participação. Uma vez que o compromisso assumido pelos alunos estabelece a atuação por duas horas por semana durante seis meses, estima-se que, a cada período, os alunos deveriam atuar de 36 a 40 horas, havendo certa variação decorrente de fatores alheios ao controle da coordenação. Definiu-se como adequada um percentual de participação maior ou igual a 75% do total de horas estimadas; como média uma participação entre 50% a 75% do total de horas estimadas; como baixa a participação entre 25% e 50% do total de horas estimadas e como evasão a participação por menos de 25% das horas estimadas, ou a saída do projeto já no segundo mês de atividades.

Para a descrição da avaliação de participação usando o critério número de horas atuadas, foram utilizados os dados registrados no Instrumento 2, dos 223 alunos que frequentaram o projeto nas turmas 3 a 6, ou seja, de fevereiro de 2010 a dezembro de 2011, uma vez que esse instrumento foi elaborado e passou a ser usado regularmente a partir da turma 3.

O gráfico 6 apresenta a distribuição do número de alunos que participaram das atividades nas turmas 3, 4, 5 e 6, em relação à frequência de sua participação. Verifica-se que dos 223 alunos incluídos nesta avaliação, 30% desenvolveram atividades de “contação de histórias” por mais de 30 horas junto às crianças e adolescentes e seus acompanhantes atendidos no IPPMG, durante o semestre no qual participaram do projeto, e 29% dos alunos dedicaram de 20 a 30 horas junto às atividades do projeto. A evasão foi de 19% do total. Esse percentual é alto, se considerarmos que são alunos que conseguiram se inscrever, foram selecionados e concluíram o treinamento em 100%. Não foi propósito desse estudo, porém seria interessante avaliar quais as dificuldades encontradas por esses alunos para desistirem do projeto após tal investimento.

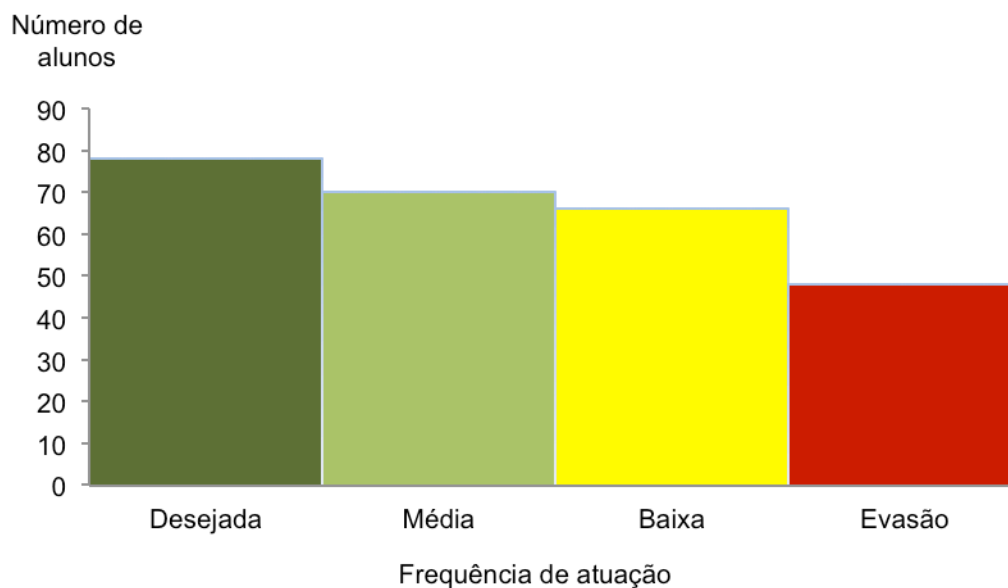


Gráfico 6 – Distribuição da frequência de atuação dos alunos das turmas 3 a 6 do projeto – IPPMG – Fev 2010 – Dez 2011 (n= 223). Fonte: Coordenação do Projeto.

4.2 Dados qualitativos

A análise qualitativa incluiu registros da coordenação do projeto (instrumentos 1, 3 e 4). Esses documentos oferecem informações sobre motivações, expectativas e sobre avaliação de participação no projeto. Foram analisadas as respostas às perguntas abertas do Instrumento 1, preenchido quando do início do treinamento e do instrumento 2, preenchido após participação no projeto, assim como os depoimentos enviados por correio eletrônico, durante ou após a participação no projeto. Além destes, utilizou-se os dados colhidos através da realização dos dois grupos focais.

4.2.1 Motivações e expectativas

O estudo das motivações referidas para participação no projeto, assim como das expectativas relacionadas à participação nas atividades, foi realizado pela análise das respostas às questões abertas dos 118 questionários – Instrumento 1 – dos alunos dos cursos da Área da Saúde, Serviço Social, Escola Politécnica, Matemática, Física e Arquitetura e Urbanismo, das turmas 5 e 6. Tais questionários não sofreram influência da palestra introdutória, nos treinamentos realizados em fevereiro e agosto de 2011, por terem sido preenchidos antes a mesma. Por se tratar de um número pequeno (6), foram excluídos os registros dos alunos dos cursos de Letras e de outros cursos de Ciências Humanas, exceto os do curso de Serviço Social, os quais foram incluídos no grupo de cursos da Área da Saúde, pela proximidade com as questões da saúde.

A análise das motivações foi complementada pelas falas dos participantes dos grupos focais, nos quais também foi trazida a questão sobre o que os mobilizou para procurarem o projeto.

O quadro 2 apresenta os resultados da classificação e agregação dos dados registrados no Instrumento 1 dos alunos definidos acima.

Quadro 2 – Distribuição dos códigos descritivos e categorias das respostas ao Instrumento 1 – IPPMG – FEV 2011 – DEZ 2011 (n = 118)

MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS		GRUPO A ⁽¹⁾	GRUPO B ⁽²⁾
Códigos descritivos	Categorias	Número de alunos	Número de alunos
I. MOTIVAÇÕES			
I. 1. Público Alvo			
“Facilitar Recuperação”	Implementar cuidado crianças	24	30
“Gostar de crianças”		23	22
“Lidar melhor com crianças”		5	0
I. 2. Solidariedade			
“Vontade de ajudar os outros”	Ajudar o próximo	11	23
“Realizar trabalho voluntário”		8	16
“Ser útil na sociedade”		1	13
1.3 Projeto			
“É um projeto interessante”	Oportunidade diferente/viável	18	11
“Facilidade de conciliar horários e acesso”		1	5
“Contar histórias”		3	2
II. INFLUÊNCIA NA VIDA PESSOAL			
“Adquirir maturidade”	Ampliar visão / crescimento	30	42
“Mudar minha maneira de pensar”		25	22
“Conhecer nova realidade”		8	18
“Me sentirei bem por estar ajudando”		9	15
“Melhorar timidez”		4	4
III. INFLUÊNCIA NA VIDA ACADÊMICA			
“Conhecer a forma de atuar no hospital”	Vivenciar relações hospital	25	0
“Humanizar relação médico-paciente”		16	0
“Poderá influenciar escolha profissional”	Experiências novas/diferentes	5	0
“Ajudar a ter uma formação mais humana”		0	9
“Irá me animar e renovar minhas forças”		3	12
“Atuar em diversas áreas/ trabalhar em grupo”		2	15
“Ampliar visão de mundo”	Valorização no currículo	6	8
“Valorização no currículo”		1	6
IV. EXPECTATIVAS			
“Alegrar crianças”	Implementar cuidado criança	15	13
“Melhorar momentos das crianças hospitalizadas”		15	23
“Compartilhar experiências”	Experiência prazerosa	18	12
“Ter momentos felizes”		6	9

Fonte: Instrumento 1 do Projeto Alunos Contadores de Histórias, preenchidos pelos alunos ao início dos treinamentos de fevereiro de 2011 e julho de 2011.

(1) Grupo A: alunos dos cursos da área da saúde e de serviço social (n = 56) .

(2) Grupo B: alunos dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo (n = 62)

Para preservar a identidade dos alunos, as falas apresentadas a seguir estão identificadas pelo número do questionário (instrumento 1 – “I1”) preenchido pelo aluno. Esses questionários foram organizados por ordem alfabética, inicialmente os da turma 5 seguidos pelos da turma 6, sendo numerados de forma sequencial.

Duas principais motivações estão presentes nas respostas: a) a atuação junto a crianças, em especial crianças em situação de sofrimento devido à doença e/ou internação; b) a procura pela atuação em um projeto que desenvolve uma atividade solidária.

A motivação ligada ao público alvo, caracterizada como a possibilidade de contribuir para o cuidado à criança, está presente em cerca de 80% das motivações alegadas em ambos os grupos.

É importante que elas se mantenham felizes e que exercitem a imaginação para poder superar a enfermidade mais rapidamente. (I1.1)

Assim a criança hospitalizada não sente que está perdendo parte de sua infância e as histórias podem ajudar seu psicológico em relação à hospitalização. (I1. 66)

No grupo focal com os alunos da área da saúde, aparecem ainda a oportunidade de ajudar pessoas (em geral) e a busca por uma boa qualidade na relação com pacientes.

Para preservar o anonimato dos alunos participantes dos grupos focais, as falas destes estarão identificadas pelo número que o aluno recebeu ao participar do grupo, tendo sido numerados de 1 a 6 os do Grupo I (alunos de engenharia), e de 7 a 13 os alunos do Grupo II (saúde).

Tem um projeto com crianças, aqui na universidade... E tudo o que eu quero na vida! (G.F.10)

Todo dia eu penso assim: o que eu posso fazer para ajudar alguém? (G.F. 7)

Fui motivada por uma amiga. Uma das primeiras coisas que você esquece é por que a criança está aqui. Você sempre lembra da criança pelo que ela gosta e não pelo que ela tem, acho isso fundamental na profissão. (G. F. 8)

Nas respostas ao Instrumento 1 ligadas à possibilidade de trazer ajuda ao próximo, ser útil, verificamos uma frequência maior no grupo B, dos alunos de engenharia, física, matemática e arquitetura e urbanismo.

Buscar um maior envolvimento com a sociedade... (I1. 25)

...me engajar em atividades humanitárias. (I1. 98)

Na reunião do grupo focal com os alunos do curso de engenharia, a valorização da atuação solidária foi trazida como motivação por todos os alunos, sendo citada a mensagem eletrônica de divulgação que é enviada aos alunos pelo diretor da Escola Politécnica de Engenharia, incentivando-os a participarem de atividades extracurriculares.

Sei que foi por causa do e-mail do professor,[...] mas o que me levou a começar o projeto, é o próprio nome do projeto - Alunos Contadores de Histórias - e o local dele. Contar histórias para crianças internadas... Além do mais porque é uma criança carente que está doente, está privada da família (G. F.1).

Sempre quis ajudar crianças e quando eu recebi o e-mail do professor, pela primeira vez, me interessei muito pelo projeto (G. F. 5).

O termo “trabalho voluntário” está em destaque para ressaltar que 24 alunos, ou seja, 20% dos participantes usaram este termo ao se referir ao projeto, o que revela o pouco conhecimento que têm da iniciativa ser um projeto de Extensão Universitária.

Queria participar de um projeto voluntário, porém, o tempo fica reduzido. Assim, o projeto surgiu como uma oportunidade perfeita (I1. 35).

Sempre tive vontade de participar de projeto voluntário, de ajudar... (I1. 40).

Queria muito participar de um projeto voluntário com crianças... (I1. 56).

O Instrumento 1 traz ainda perguntas sobre as expectativas sobre as possíveis influências para sua vida pessoal e acadêmica. Em relação a vida pessoal, as expectativas são de crescimento pessoal, amadurecimento e redimensionamento de valores pessoais. Verifica-se um reconhecimento de que a atividade em uma unidade hospitalar deva apresentar situações não habituais, possivelmente difíceis de lidar, não sendo observadas diferenças significativas entre os dois grupos.

Acredito que trabalhando com crianças, ainda mais em situação de doença, irá aumentar minha sensibilidade com os outros (I1. 75).

Me permitirá conhecer outras realidades e modos de lidar com situações nem sempre confortadoras (I1. 33).

Dar mais valor à vida e poder ver que nossos problemas são ínfimos perto do que essas crianças passam. (I1. 28).

Em relação às expectativas de influências para sua vida acadêmica, os participantes da área de saúde explicitaram expectativas (que provavelmente

também foram uma motivação) de vivenciar o ambiente hospitalar e aprender sobre a relação profissional de saúde-paciente.

Mostrar o que é a vida dentro de um hospital, as dificuldades, as perdas; isso é essencial para meu futuro (I1. 32).

Assistir mais perto o trabalho e postura dos profissionais de saúde para meu próprio aprendizado (I1. 33).

Fisioterapeutas precisam ter uma relação próxima e de confiança com o paciente, aprender a se colocar no lugar do outro e a se importar com o outro (I1. 9).

Ajudar a lidar melhor com o paciente o vendo não como uma doença mas como um ser humano (I1. 36).

As respostas dos alunos dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura apresentaram expectativas de influência na vida acadêmica decorrentes da oportunidade de conhecer outros espaços, travar contato com pessoas diferentes, atuar em grupo, questões estas que vão ao encontro da diretriz interdisciplinaridade e interprofissionalidade da Política Nacional de Extensão Universitária. Cerca de 10% destes alunos mencionaram a expectativa de valorizar seu currículo devido à participação em uma atividade solidária.

Como faço engenharia, quase não tenho contato com esse tipo de trabalho, acho que esse projeto vai me ajudar a ser mais humana (I1. 68).

Acredito que me ajudará a ser uma profissional mais humana e ter uma melhor visão sobre o mundo (I1. 99).

...desenvolvimento da visão social na minha carreira futuramente (I1. 69).

É sempre bom atuar em diversas áreas para ganhar experiências (I1. 5).

O trabalho em grupo sempre nos permite trocas e aprendizado de convívio (I1. 78).

Diversos depoimentos apresentam uma esperança de através da realização de uma atividade solidária poder contribuir para a melhoria da sociedade como um todo.

Todos podem contribuir para um mundo melhor (I1. 16).

Ajudar crianças é a melhor maneira de colaborar para a construção de um futuro promissor para toda a sociedade (I1. 69).

4.2.2 Percepções sobre a participação no projeto

O estudo da percepção dos alunos sobre como a participação no projeto contribui para sua vida pessoal e profissional foi realizada pela análise do Instrumento 3, pelos depoimentos existentes – Instrumento 4, sendo complementado pela análise da transcrição dos dois grupos focais realizados.

Foram analisados 68 questionários de avaliação de participação do projeto (Instrumento 3), sendo 29 questionários de alunos do Grupo A, da área da saúde e do curso de serviço social e 39 de alunos do Grupo B, dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo de um total de 70 questionários recebidos. Dois questionários foram excluídos por serem de alunos da área de ciências humanas. A coordenação reitera sempre a importância dessa avaliação, inclusive para parte alunos que, por ventura, apresentaram dificuldades e/ou abandonaram o projeto. Entretanto, apenas um questionário foi preenchido por um aluno cuja frequência de participação foi baixa (justificada por problemas de saúde na família).

Foi também realizada a análise e interpretação dos 81 depoimentos escritos e enviados pelos alunos durante o estágio supervisionado, ao longo das seis turmas, e dos quinze depoimentos livres enviados por alunos em outros momentos de sua participação no projeto (Instrumento 4), assim como da transcrição dos dois grupos focais.

Para preservar o anonimato dos respondentes, as falas citadas estão identificadas pelo número de ordem recebido quando de sua organização. Para identificação do documento do qual a fala foi retirada, os números de ordem estão precedidos de uma abreviação: I3, no caso de Instrumento 3; DE, no caso de depoimento de estágio; DL, no caso dos depoimentos livres e GF, no caso de serem falas retiradas da transcrição do grupo focal.

Inicialmente são apresentados dados do Instrumento 3 que falam a respeito de impressões sobre a participação no projeto, como o atendimento das expectativas, avaliação de pontos positivos e negativos, questões que dizem respeito à visão dos alunos participantes sobre o projeto em si. A seguir são apresentados e discutidos os resultados das percepções dos alunos sobre as contribuições para a vida pessoal e profissional.

O quadro 3 apresenta a distribuição dos códigos descritivos (ênfases principais) e das categorias definidas pela análise do Instrumento 3.

Quadro 3 – Distribuição dos códigos descritivos e categorias das respostas ao Instrumento 3 – IPPMG – FEV 2010 – DEZ 2011 (n = 68)

AVALIAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO		GRUPO A ⁽¹⁾	GRUPO B ⁽²⁾
Códigos descritivos	Categorias	Nº de alunos	Nº de alunos
I. EXPECTATIVAS ATENDIDAS?			
I.1 Expectativas			
“superou minhas expectativas”	Acima do esperado	16	23
“sim”	Positivas	9	9
“mais ou menos/não”	não atendidas	2	1
II. PONTOS POSITIVOS			
“ver a felicidade no rosto das crianças...”	Relacionados ao público / atividade fim / prazer	20	29
“a magia dos livros...”	Relacionados à gestão e organização do projeto	10	8
“ter os livros e datas organizados, sempre ser respondido em e-mails é muito bom!”	Relação com os pares	4	7
“fiz amizades que espero levar para sempre”	Relacionados ao ambiente	3	3
“oportunidade de fazer contato com rotina de hospital”	Benefícios para o próprio	4	8
“enxergar uma realidade diferente...”			
“alegria que sentia ao sair após a contação”			
III. PONTOS NEGATIVOS			
“dificuldade de compatibilização de carga horária”	Ligados à carga horária	14	9
“falta de recursos – giz, papel, livros –, má distribuição dos alunos”	Ligados à gestão do projeto	0	8
“dificuldade de controle das crianças; lidar com situações difíceis”	Ligados ao público	2	7
IV. INFLUÊNCIAS PESSOAIS			
“crescimento/ampliação da visão”		11	24
“satisfação pessoal / prazer”	Ganhos pessoais	8	12
“redimensionamento de valores”		2	11
“melhora da comunicação”		3	3
“solidariedade / ver possibilidade de poder ajudar”	Ganhos no olhar para os outros	3	17
“experiência para área profissional”	Ganhos para área profissional	10	0

Fonte: Instrumento 3 do Projeto Alunos Contadores de Histórias, preenchidos por alunos que participaram do projeto entre fevereiro de 2010 e dezembro de 2011.

(1) Grupo A: alunos dos cursos da área da saúde e de serviço social (n = 29) .

(2) Grupo B: alunos dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo (n = 39).

Em relação às expectativas, a quase totalidade dos respondentes referiu que estas haviam sido atendidas, e a maioria (80%) alega que a mesma foi muito significativa ou superou suas expectativas.

Foi um prazer enorme rir e me divertir com as crianças... não imaginava o quão abrangente é o projeto, é muito mais do que contar histórias, é vivê-las com as crianças (I3. 44).

... porém quando começava a contar histórias, a preguiça sumia. Aquelas crianças a roubavam de mim e me devolviam muita alegria. Eu voltava bem mais leve para casa (I3. 18).

Me surpreendi com a contribuição que pude oferecer às crianças e seus familiares (I3. 27).

Os principais pontos positivos levantados estão relacionados à interação com o público alvo (“aprender com a alegria de viver delas, mesmo diante das dificuldades que enfrentam” – I3. 56), ao desenvolvimento da atividade no contexto das demais obrigações acadêmicas (“permitia, por pelo menos alguns minutos, esquecer as provas e todas demais cobranças e preocupações do dia a dia” – I3. 10), aparecendo ainda a organização do projeto (“Chegar no hospital de jaleco... ter livros e datas de festas organizados... sempre ter seus e-mails respondidos... é muito bom!” – I3. 61).

A dificuldade de compatibilização de carga horária com as atividades curriculares foi o principal ponto negativo, apontado por 34% dos alunos.

Não sendo obrigatório, supõe-se que o questionário foi provavelmente respondido pelos alunos que gostaram de participar do projeto. Seus depoimentos sugerem um reconhecimento do significado da experiência, já que as expectativas têm sido atendidas (e até mesmo superadas). Foi destacado como positivo, de uma maneira geral, o desenvolvimento da atividade em si – a “contação de histórias” para crianças no ambiente hospitalar – e como ponto negativo basicamente a dificuldade de compatibilização de carga horária. Visto que a carga horária semanal exigida pelo projeto é relativamente pequena e que esta pode ser oferecida em horários diversos, pode-se inferir que a flexibilização curricular ainda é muito incipiente e que possivelmente haja pouco conhecimento por parte de alunos e professores das exigências de cumprimento de carga horária acadêmica em atividades de extensão universitária.

Com relação às experiências e vivências dos alunos durante a participação no projeto, o material analisado apresentou uma quantidade muito grande de informações. Estas foram agrupadas em grandes temas para possibilitar uma melhor reflexão sobre essas experiências.

Em se tratando de um projeto de Extensão Universitária, buscamos relacionar as vivências e os possíveis ganhos percebidos às diretrizes e aos objetivos da Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), em especial nas questões trazidas pelas diretrizes de interação dialógica, interdisciplinaridade e

interprofissionalidade, indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e impacto na formação do estudante, no intuito de validar o projeto como tal.

Além desses temas, incluímos como tema a flexibilização curricular pela sua relevância para a viabilização das ações de extensão.

O quadro 4 resume os principais temas de análise e as categorias gerais e específicas.

Quadro 4 – Temas de Análise e categorias gerais e específicas.

TEMAS	CATEGORIAS GERAIS	CATEGORIAS ESPECÍFICAS
Interação dialógica	Ampliação da visão social / troca de saberes	Contato com pessoas com realidades de vida diferentes; redimensionamento de valores.
Impacto na formação	Aprendizado / crescimento pessoal	Lidar e superar situações inusitadas, difíceis; ganhos profissionais para alunos de engenharia, matemática, física e arquitetura.
Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão	Protagonismo	Participação; formação cidadã; ganhos profissionais dos alunos da área da saúde e serviço social.
Interdisciplinaridade e interprofissionalidade	Observação da atuação das outras profissões / trocas	Contato com uma unidade e profissionais de outra área / alunos de cursos diferentes.
Flexibilização curricular	Desconhecimento da Política Nacional de Extensão.	Dificuldades de compatibilização de carga horária / pouco reconhecimento das atividades de extensão.

4.2.2.1 Interação dialógica

Contei a história e ele não estava olhando, mas estava ouvindo... Deve estar cansado... Depois me falaram que o garoto era cego, ele estava brincando comigo...

(G. F. 6)

A diretriz de interação dialógica incentiva o desenvolvimento de relações entre a Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, visando à superação do distanciamento existente entre estes (FORPROEX, 2012).

A atuação dos alunos desenvolvendo atividades junto a crianças, adolescentes e seus acompanhantes em uma unidade hospitalar pública, permite o contato com uma realidade muito diferente da qual esses alunos costumam conhecer. As famílias atendidas costumam ser de baixa renda, além de estarem vivendo uma situação de fragilidade devido à doença e necessidade de internação ou acompanhamento ambulatorial. A atuação no ambiente hospitalar permite ainda o contato com os profissionais da equipe de saúde.

Algumas falas demonstram a percepção da desigualdade existente, até dentro desse ambiente:

Tinha uma criança que tinha TV, outra TV e videogame e tinha criança que não tinha nada... (G. F. 1).

Aprendi a lidar com diferenças e problemas que são muito difíceis de aceitar (I3. 3).

O reconhecimento das dificuldades vividas pelas famílias, em especial dos pais, também é citado:

Tem mães que perguntam coisas... A mãe desiste da vida dela para ficar ali com a criança. Ela para de trabalhar... (G. F. 6).

Essa presença dos pais... ele estava aqui há um tempão, a mãe dele está ali sempre, o pai dele está ali sempre, sempre falam com ele, sempre estimulando... (G. F. 12).

Tinha um menino... Só que acho que ele não enxergava, tinha uma paralisia, fui contar história para ele... Não reagia... A responsável falou: ele não escuta, não percebe... Será que capta? Algum sentido dele vai ficar escutando? Eu falei para a mãe dele: então eu vou contar história para você... (G. F. 2).

A percepção de poder ajudar e de ser ajudado e das trocas e vínculos que se desenvolvem nessa relação:

Receber em troca um sorriso, uma experiência, me divertir com as crianças e aprender com elas foi muito positivo (I3. 28).

Eu saía de lá muito mais feliz e motivada para a vida. O projeto influenciou minha vida como um todo... Saber que eu ali naquele ambiente era uma pessoa super bem-vinda é muito gratificante (I3. 9).

O que se dá nem se compara com retorno que se tem... Isto acho que é o maior estímulo para continuar, o retorno é muito grande... Eles gostam mesmo, a gente está ajudando... (G.F. 5).

... a mãe me reconheceu, estava superfeliz, quis tirar foto... Ele está indo para casa (GF.1).

O desenvolvimento do respeito pela opinião dos outros:

Aprendi a ouvir mais – participantes e crianças –, aprendi a respeitar mais, tanto opiniões distintas, quanto o imaginário infantil... (I3. 48).

A atividade de “contação de histórias” permite ao aluno uma aproximação diferenciada com todas as pessoas envolvidas: pacientes, familiares e profissionais de saúde, já que não tem qualquer envolvimento com os problemas que geraram a necessidade de permanência no hospital. O aluno não representa outro profissional de saúde, mas alguém que se propõe a oferecer algo positivo num momento de sofrimento, favorecendo um contato muito próximo da população atendida. A capacidade das famílias e pacientes de aceitarem e lidarem com suas dificuldades e com o adoecimento surpreendeu os participantes. Os relatos dos alunos demonstram uma profunda mudança em sua maneira de avaliar o cotidiano.

...ter aprendido a dar mais valor à vida, após conviver com realidades tão difíceis... (I3. 32).

Mudei minha visão do ambiente hospitalar, bem como a visão dos pacientes... Essa compreensão de que, por trás de qualquer aparência ou ambiente, há alguém como nós foi o que mais me influenciou (I3. 38).

Você aprende a valorizar momentos felizes, através dos obstáculos enfrentados pelas crianças. Você percebe que pequenos problemas são facilmente resolvidos (I3. 41).

Se teve algo que aprendi foi de que quem mais vê tristeza nas coisas somos nós, as pessoas saudáveis, que estamos com medo de perder a nossa saúde, mas as crianças não, elas enfrentam, é incrível (D.L.14).

Vi que as crianças são muito fortes, passando por problemas muito grandes, que nós mesmos encararíamos de forma talvez pouca... e elas sorriam e deixavam a gente até feliz, a gente ficava acanhado pela situação delas... (G.F. 5).

Contar histórias para crianças é um importante incentivo para a leitura. As crianças podem se relacionar com os livros de diversas maneiras: olhando as figuras, folheando as páginas, ouvindo histórias até chegarem à leitura propriamente dita (MONFERRARI, 2011). A atividade de contação de histórias pode ser uma

maneira de apresentar o livro e a leitura para crianças e familiares, em especial sendo apresentada de forma lúdica e prazerosa.

Quando você entra aqui, perde um pouco essa visão de que você está fazendo pelo outro, a criança traz este retorno todo e você principalmente se diverte com as histórias. Eu tinha as histórias que eu gostava, tinha umas que eram tão bonitas... comprei alguns livros... (G.F. 13).

4.2.2.2 Impacto na formação do estudante

Vivi mais histórias do que contei... aumentou minha vontade de trabalhar e lutar por uma sociedade melhor e mais justa...
(I3.45)

A Política Nacional de Extensão Universitária ressalta que as atividades de Extensão Universitária contribuem para a formação do estudante, a partir da ampliação do universo de referência que possibilitam, ou ainda pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas. Espera que essas experiências contribuam para a materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública Brasileira (FORPROEX, 2012). Os relatos que se seguem descrevem as experiências de diversos alunos durante a sua participação, nos quais se verifica um aprendizado, um amadurecimento pela superação de dificuldades.

Acho que me superei... Algumas doenças de pele, eu realmente não consigo ver... Uma menina no ambulatório foi se aproximando, aí a mãe dela colocou a meia nela e ela veio e me deu um abraço... Aquela barreira que eu tinha de pele... (G.F. 7).

Eu já tive situação de entrar e achar [que não ia conseguir fazer o trabalho], aí falei: ah, eu vou lá buscar mais um livro... Saí, chorei, limpei a cara e voltei (G.F. 10).

...no CTI, eu achava que era mais importante de ir, então eu perdi esse... muito medo, no treinamento... Comecei a contar história para [uma criança] logo que comecei a entrar no CTI... Ela estava muito mal... Toda semana ia contar história... Quando cheguei na enfermaria, a criança estava lá... a cada semana contando histórias para ela, eu cheguei a ver ela recuperada... (G.F. 1).

Esse último relato é de um aluno do curso de engenharia, que nunca tinha entrado em uma Unidade de Tratamento Intensivo. Durante o grupo focal, relatou que, por saber que poucos alunos visitam os pacientes do CTI, todas as vezes em que vinha ao hospital, procurava inicialmente saber se lá havia alguma criança em condições de participar da atividade. Assim como nos relatos anteriores, os alunos

admitem suas dificuldades e como buscaram uma superação para concretizar o compromisso assumido junto ao projeto.

Nos dois depoimentos que se seguem, a influência da participação no projeto para as trajetórias profissionais de alunos não ligados à área da saúde é bastante evidente, sendo constatada uma ampliação de sua visão social.

Vou me formar em engenharia, trabalhar numa grande empresa, ganhar muito bem... Aí fico pensando muito é o fato de trabalhar com a população marginal, que às vezes precisa de uma ajuda, de atenção também... De uns dois meses para cá tenho pensado muito nisto... Aí, lembro do projeto... (G.F. 2).

Me animou a fazer vários projetos... quero muito continuar fazendo alguma coisa, porque me sentia muito bem no projeto... afetou bastante minha vida pessoal. Com certeza vai ficar marcado nas coisas que eu fizer (G.F. 3).

4.2.2.3 Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão

O projeto me ajudou a refletir sobre minha vida e sobre meu papel na sociedade.
(13.41)

Essa diretriz reafirma a Extensão como parte do processo de formação, ou seja, como um processo acadêmico. A vinculação das atividades de extensão ao ensino e à pesquisa possibilita a maior efetividade dessas ações.

Dentro dessa proposta, a relação da extensão com o ensino pressupõe o aluno como protagonista de sua formação técnica e cidadã. A formação técnica compreende a aquisição das competências necessárias para sua atuação profissional, enquanto a formação cidadã desenvolve a compreensão de sua responsabilidade na garantia de direitos e deveres e de transformação social (FORPROEX, 2012).

O termo protagonista tem origem na palavra grega *protagonistés*, que significa o “ator principal”, ou seja, o que ocupa o lugar principal (COSTA, 1999). Costa (2006) entende o protagonismo como um método de trabalho fundamentado na pedagogia ativa, cujo foco é a criação de espaços e condições que propiciem ao jovem empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais. Visa à construção da autonomia através da prática, da situação real, a partir de uma participação ativa, crítica e democrática em seu entorno social.

A relação entre extensão e pesquisa propõe metodologias participativas, no

formato investigação-ação, através de análises inovadoras e participação dos atores sociais. Segundo o FORPROEX (2012), é essencial que se tenha clareza dos problemas sociais sobre os quais se pretende atuar, do sentido e dos fins dessa atuação, da metodologia a ser utilizada e da avaliação dos resultados desta ação.

Após a capacitação e o estágio supervisionado, os alunos realizam a atividade de “contação de histórias” no horário mais conveniente, sendo realizada na maioria das vezes pelo aluno sozinho. Isto incentiva o aluno a ser autônomo nas suas decisões. Ele escolhe os livros que considera mais adequados, o local preferencial de atuação e a forma de contar histórias. Essas escolhas nem sempre são simples e exigem grande capacidade de adaptação, disponibilidade e criatividade.

Na sala de espera dos ambulatórios, as crianças não parecem tão doentes, mas o número e a vivacidade das crianças exige maior capacidade de controle.

Eu preferia o ambulatório, sabe... é mais proximidade da criança, você não tem que estar com tanta preocupação... é o calor humano (G.F. 7).

O ambulatório é bom para se contar, mas você tem que ter muito controle. O garoto não parava quieto e queria bater no outro menino, ninguém para ajudar... E eu não sabia mais o que fazia... (G.F. 11).

Eu adorava ir para a enfermaria, não gostava muito do ambulatório, porque tinha um monte de crianças, subindo em você... (G.F. 6).

Na sala de repouso da emergência, os pacientes e acompanhantes estão em uma situação aguda de adoecimento, os pacientes em geral muito irritados, dificultando a aproximação.

Na emergência, tinha uma que estava chorando, o médico perto... Pensei: vou embora, se não vou atrapalhar... Aí o responsável me chamou... Comecei a contar, ela parou de chorar. O médico continuou a fazer o exame, ela tranquila... Quando fui embora, a responsável agradeceu. Você vê como faz a diferença, até ajuda para o médico fazer o exame... (G.F. 2).

Já na Unidade de Pacientes Internos, há uma possibilidade de maior interação, além das atividades serem mais tranquilas. Entretanto, as situações vivenciadas são mais difíceis, os vínculos que se criam são mais intensos, o que pode gerar desgastes.

Ela estava chorando, e eu tentando contar história, mas ela estava chorando, chorando... Pensei em ir embora, mas fiquei lá... Ela foi acalmando, foi ouvindo, ficando quietinha na cama... Daqui a pouco ela dormiu! Ela deve ter ficado em paz, tranquila e dormiu! (G.F. 2).

Você cria uma ligação com a criança e, de repente, raspou a cabeça, não tem como você olhar e não ficar triste... Teve uma criança que estava internada há muito tempo e faleceu. Alguém comentou no Facebook – “perdemos um amiguinho...”-, fiquei desesperada... Entrar e perceber a falta de alguma criança que a gente conta histórias, fiquei morrendo de medo... (G.F.13).

... a morte, tive a infelicidade de presenciar uma. Sei que faz parte da vida e devemos estar dispostas a suportá-las, mas não deixa de ser um ponto triste... (13.33).

A atuação na Unidade de Tratamento Intensivo exige do aluno uma superação muito grande, já que as crianças estão em estado muito grave existindo pouca interação.

Na UTI, tinha uma menininha... Não sabia se gostava... Acabou minha hora, estava me afastando e ela começou a chorar... Peguei mais um livro, contei e toda hora que parava de contar ela chorava e aí fiquei meio angustiada... Aí a mãe chegou... Foi uma experiência muito bacana, eu fiz alguma diferença ali... (G.F. 3).

No CTI, a maioria das crianças está numa situação... Está muito mal, precisa mesmo alguém para contar. Teve uma menina, ela não estava se mexendo... Eu perguntei para os médicos... “Para que você vai contar? Não está ouvindo”... Comecei a contar e o olhinho dela começou a mexer! E a mãe falou: “Que bom que você veio!”. A mãe se beneficiou mais até do que a menina... Mas ela ficava acompanhando as páginas. E o olhinho, a gente vê que muda! O olhinho dela brilhou... Não sei se foi pequena ou grande, mas fez diferença... (G.F. 9).

Todas estas vivências relatadas demonstram as dificuldades, escolhas e a capacidade dos alunos das diferentes áreas de tomarem decisões pessoais na solução dos problemas enfrentados, desenvolvendo a capacidade de superar dificuldades no intuito de oferecer um alívio do sofrimento aos pacientes e familiares.

Para os alunos dos cursos ligados à área da saúde o projeto proporciona uma proximidade com as questões ligadas à aquisição de competências específicas para sua área profissional, em especial ligadas à relação profissional de saúde-paciente e à integralidade do cuidado.

Para que a gente consiga olhar o paciente como pessoa, acho que os “Contadores” ajuda... Você vê a criança por trás das síndromes todas... Uma criança que gosta de brincar, que gosta de ler, que gosta de rir, apesar de tudo... Você está acostumada a entrar no consultório e ser tratado como aquilo [o problema] que você tem. A pessoa chega, pergunta o que você está sentindo, passa o remédio e pronto acabou. Aprender a olhar as pessoas mais como um todo, saber o que tem por trás, porque a pessoa está triste, isso é um olhar mais geral... (G.F.10).

...é um olhar diferente que você tem, principalmente nesta área da saúde, você está muito voltado para a doença que a pessoa tem, o médico precisa de um olhar mais humano (G.F.10).

Tinha aquela enfermeira da enfermaria...ela estava ali. O médico consultava e ia embora... Elas têm uma relação com as crianças, devem sentir que as crianças e as famílias ficam mais felizes... O médico entrou, consultou e foi embora... (G.F.12).

As pessoas fazem muito preconceito com a figura do médico... tem que ser sério, impecável, branco, irrepreensível... A gente usa uma coisa que é a aproximação, o

jaleco colorido, a brincadeira e tira isso totalmente da nossa profissão depois... Meu sonho era poder atender com jaleco colorido... (G.F.10).

No grupo focal da área da saúde, foi dada grande ênfase a questões ligadas à formação acadêmica, com críticas ao excesso de carga horária, a existência de preceptores inadequados e a falta de preocupação com uma formação mais humana, voltada para o aprimoramento da relação profissional de saúde-paciente.

Eu sinto já assim, realmente embrutecei, não sou mais a mesma pessoa de quando entrei na faculdade, acho que sou muito mais dura com todas as coisas... Vou aproveitar para refletir, qual o caminho que estou tomando... (G.F. 13).

Vejo amigos preocupados porque tenho que evoluir, tenho que discutir o caso, o medcurso começa daqui a pouco... fico olhando... não posso ficar assim... (G.F. 8).

[Um professor me disse:] Quando o paciente morrer, você fala para ele que não sabe da aula, porque estava contando histórias quando a gente explicou... Como um professor que deveria servir de exemplo, de modelo de humanidade [fala algo assim]... (G.F. 10).

A relação do projeto de extensão com a pesquisa não faz parte do cotidiano dos contadores, entretanto a coordenação tem procurado incentivar os alunos apoiadores e bolsistas a desenvolverem esse olhar investigativo. Os sete temas livres apresentados nos Congressos entre 2010 e 2012 demonstram essa preocupação.

4.2.2.4 Interdisciplinaridade e interprofissionalidade

A realidade social é extremamente complexa e qualquer intervenção no intuito de alterá-la precisa levar em conta esta complexidade. A diretriz de interdisciplinaridade e interprofissionalidade propõe a interação das várias áreas e disciplinas, de modo que se desenvolvam novos modelos, conceitos e metodologias de intervenção para obter uma transformação social. Busca uma combinação da especialização e da compreensão da complexidade inerente às comunidades e grupos sociais com os quais se desenvolvem as ações de Extensão (FORPROEX, 2012).

A participação de alunos de cursos diversos como medicina, farmácia, odontologia, enfermagem, terapia ocupacional, fisioterapia, serviço social, engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo desenvolvendo atividades

junto a crianças, adolescentes e seus acompanhantes em uma unidade hospitalar pública, permite uma experiência muito rica dentro dessa visão de integração interdisciplinar e interprofissional, tanto para cada aluno dos diversos cursos, da área da saúde ou não, em relação à sua experiência no desenvolvimento de atividades em uma unidade hospitalar, vivenciando a rotina da equipe de saúde, quanto na experiência de contato entre alunos de diversos cursos e áreas.

Diversos depoimentos expressam esta oportunidade:

Aprendi a conviver com as diferenças e como trabalhar em grupo (I3. 4).

A interação entre alunos de diferentes áreas de formação que nos oferece uma formação mais multidisciplinar... (I3 53).

Nas experiências relatadas, verifica-se, como esperado, a percepção da atuação dos diversos profissionais:

Tinha uma enfermeira que falava: ele só deixa dar a medicação quando você começa a contar a história... Ela deve perceber que eles ficam mais colaborativos... (G.F. 10).

Segue o depoimento de uma aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo que desenvolveu um projeto de ambientação humanizada para a sala de espera do ambulatório geral, e utilizou esse projeto em um concurso para participar de projeto comunitário em São Paulo.

Com muita alegria compartilho com vocês a vitória no concurso! Será uma oportunidade incrível na minha vida acadêmica, profissional e pessoal... Essa conquista não é só minha. A vitória é coletiva! A conquista eu divido e dedico a vocês, que ofereceram o apoio, às amigas que estiveram comigo na realização das fotos, às crianças que ouviram a história... (D.L. 12).

Este é um bom exemplo de como a interprofissionalidade pode ser exercitada durante o projeto. As amigas às quais se refere são alunas do curso de Letras que desenvolveram junto com essa aluna a ideia para o projeto de ambientação de uma unidade hospitalar.

4.2.2.5 Flexibilização curricular

O principal motivo que me fez desistir do projeto foi o tempo. Muitas matérias, ficou muito cansativo... Tive que escolher alguma coisa para sair, eu precisei sair dos contadores... (D. L. 13)

Uma das questões a serem implementadas, para que se viabilizem as ações de Extensão, é a flexibilização curricular. O Plano Nacional de Educação 2001-2010 (Lei nº 10.172) institui que no mínimo 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior sejam reservados para atuação em ações de extensão (BRASIL, 2001). Na Política Nacional de Extensão Universitária, ressalta-se que a participação do estudante deve estar sustentada em iniciativas que viabilizem a flexibilização curricular e a integralização dos créditos (FORPROEX, 2012).

A dificuldade de compatibilização de carga horária com as atividades curriculares foi o principal ponto negativo, sendo referido por 23 (34%) dos alunos que responderam ao questionário de Avaliação de Participação no Projeto (Instrumento 3).

Durante o grupo focal a dificuldade de compatibilizar horários e o não reconhecimento do projeto como Projeto de Extensão Universitária foi trazido pelos alunos do grupo da saúde.

Pedimos para permitir que fossemos ao treinamento... Quando o paciente morrer, você fala para ele que não sabe da aula, porque estava contando histórias quando a gente explicou... (G.F. 10).

Ninguém pensa assim: vamos abrir um espaço para eles fazerem alguma coisa que não seja só morrer de tanto ter aula... A gente não tem horário para almoçar... (G.F.10).

Já em 2006, o documento sobre indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, o FORPROEX, reforça a importância da flexibilização curricular, visando à maior liberdade e autonomia do estudante para fazer suas opções (FORPROEX, 2006). Para que as ações de extensão possam ser desenvolvidas adequadamente, é essencial que isto se efetive.

Após as reuniões gerais durante o treinamento e os encontros em grupos durante oficinas e estágios, a impossibilidade de flexibilização curricular impede encontros sistemáticos entre alunos e com a coordenação, que acabam se

realizando apenas ao fim do semestre, no horário do almoço. No intuito de buscar alguma alternativa para proporcionar o encontro dos alunos, há dois anos são agendados encontros para comemoração de datas festivas (Páscoa, Dia das Crianças, Natal etc.) quando os alunos se reúnem, para sua organização e realização a depender das disponibilidades individuais.

5 DISCUSSÃO

A investigação realizada a respeito das motivações para participar e percepções de contribuições para vida pessoal e profissional dos alunos que participam do Projeto de Extensão Universitária Alunos Contadores de Histórias – IPPMG, analisou essa experiência para saber como o projeto está hoje, o que motiva os alunos a participarem e quais as contribuições advindas da sua participação, para compreender a adequação do projeto às propostas de Extensão Universitária e avaliar possíveis formas de implementar o projeto. Por se tratar de um projeto de Extensão Universitária, esse foi o foco principal de nossa análise.

Os elementos históricos analisados pretenderam conferir a contextualização necessária para entendimento dos caminhos percorridos pela Universidade Pública no Brasil, desde meados do século passado até o momento, assim como das mudanças ocorridas na concepção e nas propostas da Extensão Universitária até a definição da atual Política Nacional de Extensão Universitária.

Nessa perspectiva, o estudo permitiu a compreensão das possíveis contribuições da Extensão Universitária na superação de alguns dos problemas enfrentados da universidade pública hoje: seu distanciamento das necessidades da sociedade e a deficiência de produção de um conhecimento pertinente que contribua para uma transformação social. Possibilitou ainda uma análise crítica do projeto estudado pelo olhar dos participantes, permitindo uma reflexão sobre o que vem sendo proporcionado, através dessa iniciativa, a estes alunos.

Seguem-se algumas considerações gerais sobre os resultados analisados, relacionando-os aos objetivos traçados pelo estudo. Por fim apresentaremos as considerações finais sobre o mesmo.

5.1 Perfil demográfico e acadêmico dos alunos

Os dados levantados revelaram o predomínio de alunos da faixa etária entre 21 e 24 anos, do sexo feminino, concentrados entre o segundo e sexto períodos

acadêmicos, de 25 diferentes cursos da universidade. Predomina a procura por alunos do curso de engenharia. O aumento da demanda ocorreu na medida em que melhorou a divulgação, indicando a potencial disponibilidade e o interesse dos estudantes em participar de uma atividade solidária.

Metade dos alunos já havia participado de alguma atividade solidária, sugerindo que estes alunos já apresentam um interesse em participar de atividades solidárias independente do fato de estarem na universidade, ou dessa atividade ser ligada à universidade.

Pelo critério de horas atuadas junto ao projeto, 60% dos alunos desenvolveram a atividade de “contação de histórias” por, no mínimo 20 horas, o que significa pelo menos dez visitas ao hospital para esse fim, o que acreditamos ser bastante expressivo em se tratando de alunos com grande acúmulo de tarefas.

Para Manferrari (2011), as formas de viver a relação com a leitura e os livros durante a infância são muitas, desde o olhar as figuras, ouvir a história, até chegar à leitura autônoma das crianças. No segundo semestre de 2012, os alunos ofereceram 1.297 horas de atividades, com uma média de 3,6 crianças envolvidas a cada hora, demonstrando de maneira indireta o potencial do projeto em oferecer uma atividade lúdica, além de significar uma possibilidade real de incentivo à leitura.

A proposta inicial do projeto era oferecer o desenvolvimento da atividade para alunos dos cursos da área da saúde, acreditando nas possibilidades de promover o desenvolvimento de competências relacionais no futuro profissional de saúde. A diversidade de cursos e ampliação verificada nos treinamentos, a partir da maior divulgação da iniciativa na universidade, indica o interesse de alunos não ligados à área da saúde em vivenciar uma atividade junto a crianças hospitalizadas. A Política Nacional de Extensão traz como um dos objetivos a serem perseguidos pelas ações extensionistas o estímulo a atividades cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da universidade e da sociedade. (FORPROEX, 2012).

A demanda de alunos dos cursos não ligados à área da saúde nos fez repensar esta proposta, em função dos possíveis ganhos para os participantes pelas trocas com alunos de diversos cursos e áreas, em uma unidade de saúde, pela não restrição de participação para alunos apenas da área da saúde, indo ao encontro dos objetivos da política de Extensão Universitária.

5.2 Motivações referidas

Duas principais motivações são referidas pelos alunos para participarem do projeto, a atuação junto a crianças, que se apresentam em uma situação de sofrimento devido à doença e/ou internação e a busca pela participação em um projeto que desenvolve uma atividade solidária.

O grupo de estudantes que procura o projeto é um grupo diferenciado: são jovens indivíduos a procura de oportunidades de desenvolver uma atividade solidária. Muitos fazem parte de um estrato privilegiado da sociedade, e estão em uma das melhores universidades do país.

Destaca-se sua busca pela oportunidade de exercer uma atividade solidária junto a um grupo vulnerável e sofrido. Procuram o projeto dispostos a disponibilizar parte de seu tempo livre, sem menção à intenção de cumprir uma exigência acadêmica, parecem movidos pelo desejo de sentirem-se úteis e participantes.

Na revisão bibliográfica realizada, foi verificado que, nos últimos anos, o debate central sobre a participação dos jovens, na literatura nacional e internacional, gira em torno de duas percepções principais: a de que os jovens não participam das esferas políticas e sociais e a de que jovens participam em uma nova perspectiva. Abramo, em 1997, já citava a preocupação dos partidos políticos e outros entes políticos pela ausência dos jovens nos espaços de participação política, percebido através do distanciamento dos jovens para com suas proposições e formas de atuação, sendo essa ausência creditada a um desinteresse do jovem pela política e pelas questões sociais, resultante da acentuação do individualismo e do pragmatismo presentes na sociedade contemporânea.

A percepção de falta de participação dos jovens vem possivelmente de um entendimento inadequado sobre a realidade. Diaz (in: Costa, 2006) chama atenção para o fato de que os jovens têm grande interesse nas coisas públicas quando se refere à participação em organizações de cunho cultural, esportivo, religioso e ecológico. Ressalta que a não participação e desinteresse nas atividades desenvolvidas por partidos políticos, sindicatos e movimentos juvenis, entendidos por muitos como a essência da participação democrática, é resultante da grave crise de identidade e legitimidade que essas instituições estão passando. Gutierrez (in:

Costa, 2006) afirma que na realidade os jovens procuram novas formas de participação, em geral em torno de objetivos bem concretos.

Bogossian e Minayo (2009) apontam que um dos objetos de estudo dos trabalhos mais recentes tem sido compreender o surgimento das novas formas de engajamento em questões políticas e sociais, através de estratégias de participação mais difusas e menos formais. Acreditam que tais mobilizações têm contribuído para uma maior compreensão, por parte dos jovens, do mundo na condição de sujeito, ampliando assim a capacidade de estruturação de um agir coletivo.

Uma modalidade de experiência coletiva, identificada por Sposito (2000), que emerge com frequência, mas que ainda tem sido pouco investigada, é o associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade. São ações que envolvem o altruísmo e a responsabilidade de ofertar apoio a indivíduos ou grupos em situação de sofrimento, exclusão ou privação. Sposito apresenta duas dimensões destas ações que poderiam justificar o interesse dos jovens: primeiro, a possibilidade de “poder agir”, ir além da mera denúncia do que está errado, como se apenas denunciar não bastasse para exercer uma participação concreta na sociedade. Segundo: a possibilidade de atuar no presente, como se as ações solidárias contemplassem certa utopia e agir hoje antecipasse um futuro melhor, de vida em conjunto.

Rocha e Siqueira (2009) em estudo sobre aspectos da construção identitária de graduandos da Faculdade de Medicina/UFRJ em espaços não formais da universidade, verificaram que alguns alunos se ressentiam da pouca oferta de oportunidades oferecidas pela instituição para se engajarem em projetos nos quais percebessem estar contribuindo para mudanças sociais. Alguns dos alunos contadores de histórias, do curso de engenharia, se manifestaram nesse sentido, lastimando a falta de oportunidades desse tipo nos cursos da área tecnológica.

Sobre este anseio, identificamos, como Sposito (2000), o desejo dos jovens de exercerem uma atividade concreta, junto a uma população fragilizada, com a possibilidade de resultados positivos e, podemos dizer, imediatos, como a alegria percebida nos pequenos pacientes e familiares. Como se essa atuação demonstrasse o reconhecimento das desigualdades existentes e da possibilidade de uma participação mais efetiva do que apenas uma crítica ou um voto. Percebemos também nos depoimentos dos alunos a utopia, da esperança de obtenção de um

mundo melhor no futuro, através da solidariedade, do apoio a pessoas em situação desfavorecida no presente.

5.3 Percepções sobre contribuições para formação pessoal e profissional

Os alunos referiram a participação como uma experiência significativa, que superou as expectativas de muitos, demonstrando a satisfação em relação à vivência oferecida pela participação. Essa informação é importante para a coordenação, como indicador de que o projeto se adequa à procura dos jovens. Sem essa aprovação, certamente o número de pretendentes não estaria aumentando, já que atualmente os próprios alunos são os principais formadores de opinião sobre as ações não curriculares, com uma capacidade de divulgação desta opinião de maneira muito ampla e rápida através das redes de relacionamento eletrônicas.

Em relação a análise dos resultados sobre as percepções dos alunos participantes sobre a contribuição do projeto para suas trajetórias pessoais e profissionais, sob a ótica das diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária, o projeto parece ter atendido de maneira adequada as propostas de impacto na formação do estudante e de interdisciplinaridade e interprofissionalidade. Ressaltamos uma das recomendações:

Valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade (FORPROEX, 2012, p. 6).

Em relação à interação dialógica, a troca de saberes se dá num contexto mais amplo, no contato com uma outra realidade social com a qual é possível dialogar, não vinculado especificamente à formação técnica. Segundo essas diretrizes:

Para que esses atores possam contribuir para a transformação social em direção à justiça, solidariedade e democracia, é preciso que tenham clareza dos problemas sociais sobre os quais pretendem atuar, do sentido e dos fins desta atuação... (FORPROEX, 2012).

Em relação à indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, há uma contribuição mais evidente da participação na ação extensionista para a formação dos alunos vinculados à área da saúde. Entretanto, refletindo sobre a importância da

interdisciplinaridade e interprofissionalidade para a solução das complexas questões sociais, o projeto oferece aos alunos das outras áreas também uma oportunidade de expansão de horizontes para sua formação técnica.

Conforme já citado, a integração com a pesquisa se faz apenas no âmbito dos alunos apoiadores e bolsistas, junto aos quais há uma maior disponibilidade de tempo para dedicar a essa tarefa.

A dificuldade de compatibilização de carga horária é o principal ponto negativo trazido pelos alunos participantes. Esta pode ser um dos motivos de evasão de alunos, já que parece contraditória a saída do projeto após ter conseguido ser selecionado e ter participado de todo o treinamento. Nesse sentido, a flexibilização curricular é essencial para a viabilização das ações de extensão.

Além da flexibilização curricular, o conhecimento, a institucionalização das ações de extensão e a integralização dos créditos também são fundamentais. O reconhecimento formal da iniciativa por parte dos coordenadores das unidades acadêmicas é essencial para a implementação das atividades de extensão. O diretor da Escola Politécnica de Engenharia pode ser citado como exemplo, por enviar mensagem via correio eletrônico a todos os alunos dos cursos de engenharia, falando sobre o projeto e a importância dos alunos participarem deste tipo de atividade, ou seja, não só divulga o projeto junto aos alunos, mas também busca sensibilizá-los para esse tipo de atividade. Segundo a lembrança de um aluno durante o grupo focal, a mensagem cita que: “tem um lado mais humano da engenharia, não devem ficar apenas trancados estudando cálculos. A faculdade oferece estas oportunidades, para criar não só o profissional, mas uma pessoa boa, um cidadão exemplar...” (G.F. 6). Esse incentivo estimula a procura pela atividade, dando-lhe maior credibilidade. Entretanto, apesar de reconhecerem a importância dessa mensagem, isto não é reconhecido pelos alunos como a apresentação de uma atividade de Extensão Universitária, portanto atividade acadêmica. Provavelmente tal postura decorre do fato de não existir uma carga horária pré-determinada para estas atividades, nem liberação para elas.

Nesse contexto, a Extensão Universitária precisa ter maior visibilidade e reconhecimento por parte dos coordenadores, docentes, técnico-administrativos e corpo discente dentro da própria UFRJ.

Como uma das coordenadoras do projeto, o estudo me propiciou uma oportunidade ímpar de ter conhecimento, ler, estudar, tentar compreender e analisar

os registros existentes e as entrevistas em grupo realizadas. Nossa impressão foi muito positiva, uma vez que os relatos dos alunos participantes demonstram que a participação no projeto não só trouxe uma oportunidade de crescimento, de ampliação da visão e de redimensionamento de valores, mas também parece ter sido enorme fonte de prazer e de recompensa pessoal.

5.4 Diferenças identificadas nas motivações e contribuições entre os dois grupos

Em relação às motivações alegadas para procura pelo projeto, há uma frequência maior de falas ligada à solidariedade, ajudar os outros e ser útil, no grupo de alunos dos cursos de engenharia, matemática, física, arquitetura e urbanismo. Nos alunos nos cursos ligados à área da saúde, é trazida como expectativa pela participação no projeto a oportunidade de vivenciar as relações existentes dentro de um hospital – o que certamente também é uma motivação.

Em relação às expectativas para vida pessoal, as falas foram semelhantes, ligadas ao amadurecimento, crescimento e ampliação da visão social.

Como esperado, as expectativas dos alunos em relação a possíveis influências para vida acadêmica são diferentes nos dois grupos, com os alunos da área da saúde apresentando expectativas ligadas a oportunidade de conhecer o ambiente hospitalar, de observar as relações dos profissionais de saúde e de ajuda na escolha profissional. Para os alunos dos cursos de engenharia, matemática, física e arquitetura e urbanismo as expectativas de influência para a vida acadêmica são ligadas a oportunidade de conhecer outros espaços, travar contato com pessoas diferentes, favorecer o trabalho em grupo, questões essas que vão ao encontro da diretriz de interdisciplinaridade e interprofissionalidade.

Claramente, como referido no item anterior, há uma diferença na valorização e incentivo para a participação em atividades complementares pela coordenação para os alunos dos cursos de engenharia. Em nenhum dos outros cursos, parece haver tal incentivo, uma vez que isso não foi citado em nenhum momento.

A valorização do currículo foi citada por 10% dos alunos dos cursos não vinculados à área da saúde. É importante ressaltar que citam a valorização existente

pelo mercado da participação do jovem em atividades solidárias e não pelo fato de ser uma atividade de extensão ou mesmo uma atividade universitária complementar, demonstrando o provável desconhecimento também do mercado, das propostas da Extensão Universitária.

Em nenhum dos grupos, havia um entendimento adequado das propostas de Extensão Universitária. Nas duas reuniões de grupo focal, essa questão foi colocada, não havendo depoimentos que demonstrassem uma compreensão sobre a extensão. Dois alunos da Escola Politécnica possuíam algum conhecimento sobre a existência de uma carga horária obrigatória a ser exercida pelos alunos em atividades complementares.

No grupo focal da área da saúde, a participação no projeto permitiu uma vivência importante da atuação do profissional de saúde em uma unidade hospitalar, levando a reflexões significativas para a futura prática profissional.

O objetivo de identificar possíveis diferenças entre os dois grupos era poder refletir sobre a validade da participação e os ganhos pessoais percebidos pelos alunos de cursos das áreas não vinculadas à saúde no projeto. A proposta inicial do projeto intencionava oferecer o desenvolvimento dessa atividade para alunos dos cursos da área da saúde, acreditando nas possibilidades de humanização do futuro profissional de saúde, a partir de uma oportunidade de contato com a clientela ainda isentos de compromissos acadêmicos curriculares. A demanda espontânea de alunos dos cursos não ligados à área da saúde nos fez repensar essa proposta, em função dos possíveis ganhos para os participantes pelas trocas com alunos de diversos cursos e áreas, em uma unidade de saúde. Nesse sentido, o estudo permitiu avaliar melhor as diferenças de ganhos para os dois grupos possibilitando uma futura discussão da coordenação, se possível em conjunto com outros responsáveis na Pró-Reitoria de Extensão e coordenadores dos cursos participantes, a fim de definir essa questão para os próximos treinamentos.

5.5 Considerações finais

Para o FORPROEX (2012), as grandes transformações presentes no cenário atual, criando novos desafios e oportunidades, impõem a necessidade de uma nova diretriz que oriente a agenda de governos e a atuação de movimentos sociais, partidos políticos e organizações públicas e privadas, inclusive as instituições de ensino e pesquisa. Nesse contexto, a Extensão Universitária pode vir a ser um instrumento de mudança da universidade e da sociedade, visando à redução das desigualdades sociais e o aprofundamento da democracia. Ressalta que o mundo vive hoje mudanças que determinam diversas crises, que se inter-relacionam, como: a crise ambiental e urbana; a crise do emprego; a crise do Estado de Bem-Estar; a crise energética e a crise econômica. Acredita que, enquanto espaço de produção do conhecimento, a Universidade deve procurar oferecer à sociedade subsídios para a solução dos problemas, com garantia de um compromisso ético, na busca de um mundo melhor. Sem pretender superestimar a capacidade da universidade ou subestimar os desafios, propõe um papel ativo e positivo para a Universidade. Nesse espaço, reforça a importância da Extensão Universitária, como intermediadora entre a universidade e a sociedade, por meio de práticas inter e transdisciplinares, buscando a troca de saberes, integrando o corpo docente e discente, assim como os funcionários técnico-administrativos, preparando os estudantes para uma cidadania ampla que inclua as questões éticas, técnico-científicas, sociais e culturais.

A expectativa do FORPROEX é a de que, a partir da deliberação da Política Nacional de Extensão Universitária pelo Fórum de Pró-Reitores em junho de 2012, se amplie o debate sobre as possibilidades trazidas pela Extensão Universitária, visando assim “à promoção do desenvolvimento da sociedade brasileira, no sentido humano, ético e sustentável que esta Política Nacional de Extensão Universitária propugna” (FORPROEX, 2012).

Para Rocha (2001, p. 27):

É preciso repensar o extensionismo universitário em uma dimensão em que os discentes e a população sejam atores mais ativos e que o objetivo maior seja a construção de uma sociedade de paz, mais justa, mais humana e mais feliz. Certamente essa é a grande revolução de que se necessita hoje.

A Extensão Universitária tem como proposta propiciar o contato dos alunos com a comunidade, possibilitando a troca de saberes e o desenvolvimento de um conhecimento compartilhado. Os projetos de extensão universitária possuem características que, se desenvolvidas adequadamente, podem vir a contribuir para uma mudança no processo de ensinar e de aprender. Para Castro (2004), a Extensão possui um arsenal metodológico diferenciado a partir de encontros entre alunos, professores e comunidades, trazendo assim a possibilidade de que, nesses encontros, se incorporem outros saberes, criando um novo senso comum. Por ser desenvolvida através de experiências concretas, é capaz de oferecer uma compreensão mais ampla do processo de produção do conhecimento, incorporando nesse processo a preocupação com a solidariedade nas relações sociais e não somente da sua relação com a prestação de serviços em si. Essas experiências vivenciadas pelos estudantes podem vir a contribuir para a consolidação de uma cidadania participativa.

O presente estudo verificou que os alunos que participam do projeto são jovens que, como outros, conquistaram um espaço importante em suas trajetórias profissionais ao ingressarem na UFRJ e que estão ávidos por novas experiências, novos contatos, apresentando em comum o fato de procurarem uma oportunidade de poderem se sentir úteis, trazer alguma contribuição para pessoas em situação de sofrimento e para a sociedade. Como a maioria dos jovens, buscam desafios, querem conhecer outras realidades, aprender a lidar com o novo, superar dificuldades. A competição para se inscrever e ser selecionado não os intimida, pois estão mais do que habituados a ela, assim como com exigências de processos de capacitação e seleção final. Disponibilizam tempo de sua carga horária, sem intenção de cumprir uma exigência acadêmica, possivelmente por não terem um entendimento sobre as propostas da Extensão Universitária. Chegam ansiosos, porém decididos a oferecer algo de si para as crianças e seus familiares. Surpreendem-se com a acolhida, divertem-se com as crianças, interessam-se pelas histórias infantis, admiram o carinho e desprendimento dos acompanhantes. Perdem o medo desse “outro mundo”, criam vínculos, muitos vínculos, sofrem com o sofrimento do outro, superam suas dificuldades buscando amenizar o desconforto das famílias e se transformam nessa relação, na qual percebem receber mais do

que estão efetivamente dando, através do aprendizado sobre a capacidade de viver e de superar reais dificuldades.

Participar do projeto Alunos Contadores de Histórias – IPPMG tem sido mais um grande aprendizado em minha trajetória pessoal e profissional na UFRJ. A expectativa é, através do estudo realizado, contribuir para o entendimento de processos que envolvem a Extensão Universitária.

A oportunidade de compartilhar esse contato, de jovens alunos dos mais diversos cursos, não só do curso de medicina, com as crianças e familiares é extremamente gratificante e nos faz perceber as possibilidades da Extensão Universitária além de, sem dúvida nenhuma, renovar as esperanças de um mundo melhor. Concluo com um depoimento que reflete esse pensamento.

[...] Não tem preço que pague a satisfação de ser um Aluno Contador de Histórias, durante sua graduação. Até quando você chega cansado, exausto ou estressado por algum motivo ou excesso de tarefas, e você passa pela portaria, entra na salinha, veste seu jaleco e prepara os seus livros... e o que vem depois??

Você encontra com elas, as crianças hospitalizadas no IPPMG... E nós vamos, contando, aprendendo, lidando, com crianças que não prestam atenção, que preferem a televisão, o videogame, os bonecos, mas também aquelas crianças que ficam o tempo todo de olhos arregalados, ouvindo atentamente, participando, algumas já sabendo da história, contando o final, e que pedem, com um jeitinho impossível de recusar: “mais uma...”

Enfim... entre histórias que até mesmo nós nos identificamos, gostamos e viajamos, até o sorriso que ganhamos: tudo é muito gratificante, aprendemos muito... Desde a valorização da família, quando vemos aqueles pais, mães, tios, avós, dedicados acompanhando as crianças, até o brilho de alegria e esperança que observamos nos olhos de cada uma delas... (D L . 13)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In FÁVERO, Osmar et al. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. Cap.2, p.73-90.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009, 216 p. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. rev. e amp., São Paulo: Ed. 70, 2011, 279 p.

BOTOMÉ, Sílvio P. Extensão Universitária: Equívocos, Exigências, Prioridades e Perspectivas para a Universidade. In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p. 159-175.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF: 1996. Disponível em <<http://meclegis.mec.gov.br/index/busca?pesquisa=ldb+1996>>. Acesso em 30 de janeiro de 2012.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_21.01.2012/CON1988.pdf Acesso em 30 de janeiro de 2012.

_____. Congresso Nacional. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2001. Disponível em <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em 2 de fevereiro de 2013

BOGHOSSIAN, Cynthia O.; MINAYO, Maria C. S. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 Anos. **Saúde e Sociedade**. São Paulo: v. 18, n. 3, p. 411- 423, 2009.

CALDIN, Clarice F. A Leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**. Florianópolis: n. 12, p. 32-44, dez. 2001.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli**. Florianópolis: n. 14, p. 38-54, out. 2002.

CASTRO, Luciana M. C. **A Universidade, a Extensão Universitária e a Produção de Conhecimentos Emancipadores**. 2004. 189 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2004.

CHAUÍ, Marilena. A Universidade Pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n. 24, p.5-15, set./dez. 2003.

COELHO, Nelly C. **Panorama histórico da Literatura Infantil-Juvenil**. Das Origens Indoeuropéias ao Brasil Contemporâneo. 3. ed. ref. e amp. São Paulo: Quirón, 1985, 232 p.

COSTA, Antônio C. G. O Adolescente como protagonista. In SHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. T.; BRANCO, Viviane C. **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999, v.1., p. 75-79.

COSTA, Antônio C. G.; VIEIRA, Maria A. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. 2. ed. São Paulo: FTD; Salvador, BA: Fundação Odebrecht, 2006, 344 p.

DEMO, Pedro. Lugar da Extensão. In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p. 141-158.

FONSECA, Regina A. **O Imaginário dos contos infantis no espaço hospitalar**. 2007. 37 f. Monografia (Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão Universitária**, Ilhéus: Editus, 2001. (Coleção Extensão Universitária, v.1). Disponível em <<http://www.renex.org.br>>. Acesso em 21 de dezembro de 2011.

_____. **Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e a flexibilização curricular: uma visão de extensão**. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: Mec/SESu, 2006. 100 p. (Coleção Extensão Universitária) CDU -378.4. Disponível em <http://www.renex.org.br>. Acesso em 21 de dezembro de 2011.

_____. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus-AM, maio/2012. Disponível em <<http://www.renex.org.br>>. Acesso em 21 de dezembro de 2012.

FREITAG, Michel. Le naufrage de l'université. Paris: Editions de la Découverte, 1996 apud CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPEd, n. 24, p. 5-15, set./dez. 2003.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009, 189 p. (Coleção Pesquisa Qualitativa)

GROPPO, Luis A. Da universidade autônoma ao ensino superior operacional: considerações sobre a crise da universidade e a crise de Estado Nacional. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v. 16, n.1, p. 37-55, mar. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da Educação Superior**. Disponível em <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 30 de janeiro de 2012.

MANFERRARI, Marina. Histórias são naus que cruzam fronteiras. **Pró-posições**. Campinas, v. 22, n.2 (65), p. 51-62, maio/ago. 2011.

MATTOS, Ruben A. Os Sentidos da Integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. In: PINHEIRO, Roseni e MATTOS, Ruben A. (Org.). **Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde**. Rio de Janeiro: UERJ, IMS: ABRASCO, 2001, p. 39–64.

MENDONÇA, Ana W. P. C. A Universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPEd, n. 14, p. 131-150, maio/ago. 2000.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1993, 254 p.

_____. **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, 107 p.

MORGAN, David L. **Focus Groups as Qualitative Research**. 2nd ed., v.16, Thousands Oaks, London, New Delhi: Sage Publications, 1997, 79 p.

NOGUEIRA, Maria das Dores P. (org.) **Extensão Universitária no Brasil: diretrizes conceituais e políticas**. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987-2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000, 196 p.

_____. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p. 57-72.

_____. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, 135 p.

ROCHA, Glória W. F; SIQUEIRA, Vera H. F. Práticas sociais de estudantes de medicina na universidade pública: celebrações, eventos e cidadania. **Trab. Educ. Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.149-165, mar./jun. 2009.

ROCHA, Roberto M. G. A construção do conceito de Extensão Universitária na América Latina. In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p. 13-29.

ROMANELLI, Otaíza O. **História da Educação no Brasil**. 36. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, 270 p.

SANTOS, Boaventura S. Da Ideia de Universidade à universidade de ideias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1989. Disponível em <http://www.boaventurasousasantos.pt/media/pdfs./Da_ideia_de_universidade_RCCS_27.PDF> Acesso em 30 de janeiro de 2013.

SANTOS, Boaventura S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/auniversidadedosecXXI.pdf>> Acesso em 30 de janeiro de 2013.

SEVERINO, A. J. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

SOUSA, Ana Luiza L. Concepção de Extensão Universitária: ainda precisamos de falar sobre isso? In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p.107-126.
SOARES, Laura T. Extensão universitária na UFRJ: avanços e desafios no período 2006 – 2010. **Revista Extensão na UFRJ**. Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão UFRJ, n.0, p. 7-11, jul. 2011.

SPOSITO, Marília P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, ANPED, n. 13, p. 73-94, jan./abr. 2000.

TAVARES, Maria das Graças M. Os múltiplos conceitos de Extensão. In: FARIA, Dóris S. (org.). **Construção conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. Brasília: UnB, 2001, p. 73-84.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Pró-Reitoria de Extensão. **Relatório de Gestão – outubro de 2005 a junho de 2011**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em <<http://www.pr5.ufrj.br/images/stories/documentos/RELATORIO%20FINAL.pdf>>. Acesso em 30 de janeiro de 2012.

_____. Setor de Mídia Impressa Institucional da Assessoria de Comunicação. **PDI – Proposta de Plano Quinquenal de Desenvolvimento para a UFRJ**. Serie UFRJ – Debate. Rio de Janeiro, mar. 2006, 75 p.

_____. **UFRJ em Números**. Ano 2011. Disponível em <http://www.ufrj.br/docs/lai/ufrj-em-numeros.pdf> . Acesso em 18 de fevereiro de 2013.

WINNICOT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, 203 p.

APÊNDICE A - Normas e rotinas

Projeto Alunos Contadores de Histórias - IPPMG/UFRJ

Apresentar-se no hospital, no dia e horário pré-estabelecido, usando o avental e o crachá do projeto.

- ✓ Usar vestimentas adequadas ao ambiente hospitalar. É inadequado o uso de pulseiras, relógios, anéis, sandálias, perfumes fortes, cabelos soltos.
- ✓ Sempre apresentar-se ao Posto de Enfermagem, para obter informações sobre as crianças. Por exemplo: se há precaução de contato etc.
- ✓ Iniciar os trabalhos no Hospital lavando as mãos, com água e sabão, e secando-as com papel toalha. Fazer a higienização das mãos com álcool glicerinado, entre uma criança e outra.
- ✓ O telefone celular deverá estar desligado.
- ✓ Apresente-se para a criança/adolescente e para seu acompanhante, dizendo de forma clara o seu nome, sem intitular-se como “tio” ou “tia”, e que está no hospital para contar histórias. Pergunte se ela quer ouvir histórias e não insista se a resposta for “não”.
- ✓ Se você não tiver certeza, evite dirigir-se aos acompanhantes da criança, chamando-os de “pai” ou “mãe”.
- ✓ Trate a criança pelo nome, evite apelidos.
- ✓ Evite falar alto ou formar rodas de conversa nos setores do hospital.
- ✓ Manter sigilo dos aspectos da vida pessoal/doença/deficiência das crianças e adolescentes, quando deles tomar conhecimento; evite perguntas sobre o assunto, mesmo para a equipe hospitalar.
- ✓ As perguntas de caráter profissional devem ser somente respondidas pelos médicos, enfermeiros e / outros profissionais da área de saúde.
- ✓ É proibido aos alunos contadores de histórias ajudar a administrar medicação, alimentar ou oferecer balas e biscoitos para as crianças e os adolescentes internados.
- ✓ Se o acompanhante necessitar sair de perto da criança, enquanto você conta histórias, peça que avise a enfermagem, pois você não poderá, em momento algum, se responsabilizar pela criança.
- ✓ Observar com atenção as normas do Hospital de modo a não prejudicar ou perturbar as atividades e/ou rotinas diárias das enfermarias ou outras áreas no espaço hospitalar.
- ✓ Evite segurar a criança no colo, beijar ou abraçar. Nossa forma de dar carinho é contando histórias.
- ✓ É vetado o uso de livros infantis com histórias que contenham orientação religiosa e/ou política.
- ✓ Ler as histórias antes de contá-las.

- ✓ Atenção especial ao leito do paciente: é proibido sentar, encostar e/ou colocar objetos (livros; pranchetas etc.).
- ✓ As dependências restritas aos pacientes devem ser respeitadas: banheiro, toalha etc.
- ✓ As crianças quando estão internadas ficam mais sensíveis e observadoras, evite demonstrar preferências ou dar mais atenção a alguma em particular.
- ✓ Os livros e outros materiais emprestados às crianças ou acompanhantes, após o término do seu plantão, deverão ser recolhidos, limpos e guardados no lugar adequado; se houver um pedido por parte de uma das crianças para ficar com um deles, explicar de forma clara e carinhosa que tanto os livros como os outros materiais, são necessários ao trabalho que é realizado pelos Contadores com todas as crianças e adolescentes.
- ✓ Se você estiver com algum tipo de indisposição ou virose, avise ao coordenador do projeto e espere ficar bem para voltar à contação.
- ✓ Caso tenha qualquer tipo de dificuldade em desenvolver sua atividade de contador(a) dentro do hospital entre em contato com a coordenadora do projeto.

APÊNDICE B - Termo de compromisso

O Projeto de Extensão “Alunos Contadores de Histórias”, desenvolvido pelo Núcleo de Humanização do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), visa oferecer a alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) um espaço de aprendizado e de transformação, durante o desenvolvimento de um trabalho de **contação de histórias** para pacientes da instituição. Essas atividades são desenvolvidas nos diversos serviços e setores assistenciais da instituição, que faz parte do conjunto de unidades acadêmico-assistenciais da UFRJ, estando localizada no Campus Universitário da Ilha do Fundão.

ALUNO:

Nome: _____

RG: _____ CPF: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / ____

Nacionalidade: _____ Estado civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____ Nº _____ Apto. ____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Telefones: Res. _____ Cel: _____

Email _____

Por meio deste termo de compromisso, o **aluno** se compromete a doar, no mínimo, duas horas semanais ao Projeto **Alunos Contadores de Histórias** durante seis meses e, ao final, receberá um certificado com o número total de horas doadas como contador de histórias.

1. O ALUNO se compromete a observar e cumprir as normas do projeto anexadas a este termo.
2. O ALUNO em qualquer momento poderá rescindir a sua participação no projeto, mediante comunicação escrita aos coordenadores do projeto, justificando a sua decisão.
3. As faltas deverão ser avisadas, se possível com antecedência, aos coordenadores do projeto, para serem abonadas e deverão ser repostas na semana seguinte. O ALUNO que faltar duas semanas seguidas, sem avisar e ter as faltas abonadas pelo coordenador, será desligado do projeto.
4. Salvo autorização expressa dos Coordenadores do Projeto é vedado ao ALUNO:
 - a) utilizar o nome do projeto para captar recursos ou qualquer outro benefício em proveito próprio ou de terceiros;
 - b) utilizar o jaleco do **PROJETO** fora das imediações do IPPMG.
5. O ALUNO autoriza que os responsáveis pelo projeto utilizem e veiculem sua imagem, durante as atividades do projeto, em qualquer meio de comunicação, como revista, jornal, televisão, foto, carta, sites, livros, manuais, apostilas etc., com único intuito de divulgar o projeto.
6. O tipo de serviço que o ALUNO deverá exercer será de **Contador de Histórias**, no IPPMG em dia da semana e horário estabelecidos previamente e de comum acordo entre

as partes. A quantidade de horas estabelecidas para a atividade do contador de histórias é de, no mínimo, duas (2) horas semanais.

7. O(s) dia(s) da semana, horário(s) e/ou quantidade de horas são estabelecidos de pleno acordo entre as partes e poderá ser revisto e alterado a qualquer momento, por iniciativa de qualquer das partes, desde que conte com o expresse consentimento da outra.

Estando as partes plenamente de acordo com os termos acima expostos, subscrevem o presente em 02 vias de igual teor.

Rio de Janeiro,

Dra. Sonia Steinhauser Motta
Coordenadora do Projeto

ALUNO

APÊNDICE C – Tema livre

TÍTULO: PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA “ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS – INSTITUTO DE PUERICULTURA E PEDIATRIA MARTAGÃO GESTEIRA”.

AUTORES: Motta, S. S.; Fonseca, R. A.; **Monteiro, P. E.**; Moura, A. E. X

INSTITUIÇÃO: Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira / UFRJ

ÉTICA: Aprovado pelo Conselho de CCS em 16/11/09.

INTRODUÇÃO: O projeto visa oferecer a **alunos da UFRJ** um espaço de aprendizado e de transformação ao desenvolver um trabalho de **contação de histórias** para pacientes, ao mesmo tempo em que oferece às crianças a oportunidade de participar de uma atividade não relacionada à sua doença, amenizando o desconforto causado pela hospitalização e tratamento prolongado.

MÉTODO: O público alvo são alunos da graduação e pós-graduação. É exigida a participação integral na capacitação, que consta de três encontros de 4h, com apresentação de seis palestras, 2h de oficinas de **contação de histórias** e 4h de estágio prático supervisionado. Após a capacitação os alunos se comprometem a atuar 2 h/semana durante seis meses nos diversos setores do IPPMG. A avaliação é realizada através da análise dos registros efetuados em formulário próprio e dos relatos dos estudantes, das crianças e acompanhantes, assim como da equipe hospitalar.

RESULTADOS: Foram realizados quatro treinamentos, totalizando 145 alunos. Até abril/2011, 10.761 pacientes participaram das atividades nas 2.611 horas doadas. Os ganhos reais da atividade, percebidos nos relatos citados, reforçam a importância como Projeto de Extensão Universitária.

CONCLUSÕES: O período de adoecimento leva a muitas perdas e sofrimento. Participar de atividades lúdicas resgata o lado saudável das crianças, facilita o processo de elaboração da doença e possibilita a construção de melhor vínculo com a equipe de saúde. A participação em um trabalho de responsabilidade social permite ao aluno a possibilidade de tomar consciência do seu papel de cidadão. Entendemos que os alunos possam ganhar uma experiência rica em trocas, tanto com os pacientes e acompanhantes quanto com a instituição como um todo. Acreditamos que esse projeto represente uma estratégia de buscar a qualificação da assistência, oferecendo a alunos a oportunidade de exercerem uma atividade baseada na solidariedade, na troca de saberes e na responsabilização.

APÊNDICE D – Tema livre

“ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS NO IPPMG”

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R.A.; Monteiro, P.E.S.; Brandão, F.D.

O projeto **Alunos Contadores de Histórias**, desenvolvido pelo Núcleo de Humanização do IPPMG, visa oferecer a alunos da UFRJ um espaço de aprendizado e de transformação ao desenvolver um trabalho de **contação de histórias** para os pacientes, ao mesmo tempo em que oferece às crianças a oportunidade de participar de uma atividade não relacionada à sua doença, amenizando o desconforto causado pela hospitalização e/ou tratamento prolongado.

Como hospital de referência, o IPPMG presta atendimento hospitalar e ambulatorial a crianças e adolescentes com doenças crônicas e complexas que passam por muitas perdas e sofrimento durante o período de adoecimento. As atividades lúdicas geram prazer e divertimento. Participar destas, resgata o lado saudável dos pacientes, facilita o processo de elaboração da doença, além de possibilitar a construção de um melhor vínculo com a equipe de saúde.

A participação em um trabalho de responsabilidade social permite ao aluno a possibilidade de tomar consciência do seu papel de cidadão. No caso específico deste projeto, acreditamos que os alunos possam ganhar uma experiência rica em trocas, tanto com os pacientes e seus acompanhantes quanto com a instituição como um todo.

O primeiro treinamento foi realizado em agosto/08 e dezoito alunos passaram a frequentar o hospital, tendo presenças, dificuldades e envolvimento acompanhados. Em dezembro responderam a um questionário e participaram de uma reunião com os responsáveis pelo projeto. Os ganhos reais da atividade, percebidos nos relatos dos estudantes, dos pacientes e acompanhantes, fortaleceram a ideia da implantação formal da proposta como um **Projeto de Extensão Universitária**.

O público alvo são alunos da graduação e pós-graduação. A seleção é realizada através da participação em 100% das atividades de capacitação, a saber: três encontros de 4h cada, com apresentação de seis palestras; 2h de oficinas de **contação de histórias** e 4h de estágio prático supervisionado. Após esta capacitação os alunos se comprometem em atuar 2 h/semana durante seis meses.

Em 2009 e 2010, foram realizados dois treinamentos, totalizando 89 participantes. Até junho deste ano, 6399 pacientes haviam sido atendidos pelo projeto, nas 1669 horas doadas pelos alunos. Um quarto treinamento está em curso e, durante o período de inscrições, 240 alunos buscaram informações sobre a atividade, demonstrando o interesse em participar de atividades solidárias, não necessariamente ligadas a sua área acadêmica.

Ressaltamos que a melhoria do cuidado com os pacientes e seus familiares é um dos princípios da Política Nacional de Humanização do Ministério da Saúde. Acreditamos que o projeto **Alunos Contadores de Histórias** represente uma estratégia de buscar a qualificação da assistência na instituição, oferecendo aos alunos a oportunidade de exercerem uma atividade baseada na solidariedade, na troca de saberes e na responsabilização.

APÊNDICE E – Tema livre

“QUANTIFICAÇÃO DO TEMPO MÉDIO DE “CONTAÇÃO” DE HISTÓRIAS DOADAS AOS PACIENTES DA UPI/IPPMG.”

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R. A.; Brandão, F. D.; Torres, L.; Feijó, F.

A internação hospitalar apresenta desconforto e sofrimento. Para crianças e adolescentes significa o afastamento da rotina cotidiana que inclui brincadeiras, escola e convívio familiar.

O projeto “Alunos Contadores de Histórias” do IPPMG busca amenizar a permanência das crianças na instituição através da *contaço* de histórias, realizada por alunos da UFRJ. Objetiva oferecer um espaço de aprendizado prático-vivencial e de transformação, integrando o sentir, o pensar e o agir para estes alunos, buscando uma formação cidadã.

A cada semestre são abertas inscrições e os alunos passam por uma capacitação para poderem atuar por um mínimo de 2 h/ semana, durante seis meses, contando histórias para pacientes atendidos nos diversos setores do IPPMG. A *contaço* de histórias e a utilização do imaginário ajudam as crianças a elaborarem as perdas e oferecem um importante fator de aproximação e diálogo entre pacientes, familiares, contadores e profissionais. De agosto/08 a junho/11 os alunos doaram 3.537 horas desenvolvendo atividades junto a 14.207 pacientes nos diversos setores. Este semestre o projeto conta com 65 alunos contadores, 4 apoiadores e 6 bolsistas do PBIEX.

Objetivo: Mensurar o tempo médio de *contaço* de histórias recebido pelas crianças internadas na Unidade de Pacientes Internos durante o período de internação.

Metodologia: Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal. Foi utilizada uma planilha, desenvolvida para este fim, para a coleta do tempo de *contaço de histórias*. Todas as crianças, internadas nas enfermarias A, B, C, E e de Hematologia, foram incluídas no trabalho, com exceção das que eventualmente estavam sendo submetidas a algum procedimento, que impedisse a atuação do contador, ou que houvesse alguma solicitação de não *contaço* por parte da equipe de saúde. As planilhas foram analisadas e contabilizadas pelos bolsistas responsáveis pelo estudo. Considerou-se adequado o tempo mínimo de 20 minutos diários de *contaço* de histórias para cada criança, perfazendo 2h/semana.

Resultados preliminares: Foram acompanhadas 42 crianças em um período de quatorze dias. As crianças das enfermarias C, E e da hematologia receberam em média mais de 20

minutos de *contação* de histórias por dia. Na enfermaria B, a média foi de 17 minutos de histórias e, na enfermaria A, a média foi de 11 minutos.

Conclusão: Os resultados sugerem que a proposta de qualificação do tempo de permanência dos pacientes durante a internação, vem sendo adequadamente atendida em três das enfermarias. Nas enfermarias A e B a média ficou abaixo do desejado possivelmente por serem as enfermarias de bebês e pré-escolares, o que desestimula/dificulta a *contação* de histórias. Essas questões – assim como técnicas facilitadoras, como o uso de fantoches e sons – deverão ser discutidas com todos os participantes do projeto.

APÊNDICE F – Tema livre

“Avaliação do perfil dos alunos dos cursos de graduação em engenharia da UFRJ que participam do Projeto Alunos Contadores de Histórias”

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R. A.; Pereira, S. M. P.; Gonçalves, P.T.; Gussen, J.

O projeto *Alunos Contadores de Histórias*, do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), visa, ao oferecer um espaço de “contação” de histórias aos pacientes da instituição, criar um espaço de aprendizado prático-vivencial e de transformação, integrando o sentir, o pensar e o agir dos alunos de diversos cursos da UFRJ que participam do projeto. Dessa forma, pode ser compreendido como um local de formação de pessoas mais conscientes, que valorizem a importância do olhar e do aprender com seu entorno.

Observa-se que a procura pelo projeto cresce a cada semestre, sendo expressiva a demanda por alunos do curso de engenharia. Por esse motivo, resolveu-se investigar as causas dessa significativa demanda por parte de estudantes de um curso de ciências exatas, área de conhecimento distante da área da saúde.

Partindo do pressuposto de que existe uma relação entre o que ocorre nos espaços curriculares e os valores e atitudes assumidos pelos estudantes, levanta-se o seguinte questionamento: por que os alunos de engenharia saem em busca de projetos de caráter humanitário, como o projeto *Alunos Contadores de Histórias*?

O objetivo do estudo é avaliar e ter melhor conhecimento sobre a expressiva procura dos alunos dos cursos de graduação em engenharia da UFRJ em participar do projeto *Alunos Contadores de Histórias*.

A metodologia adotada foi uma pesquisa exploratória de tipo descritiva. Utilizou-se um questionário semiaberto, enviado por e-mail para todos os 70 alunos da graduação em engenharia que participam ou já participaram do projeto, que concordaram em participar do estudo através de consentimento informado. Além dessa avaliação, foi realizado um estudo com entrevistas abertas e em profundidade, de método qualitativo, sobre as experiências vivenciadas por três alunos desse grupo selecionados por se encaixarem nas seguintes situações: desistência, permanência por mais tempo do que os seis meses exigidos e doação de horas consideravelmente maior do que o exigido.

Analisando os dados levantados, através das pesquisas realizadas, os resultados informam que a maioria dos alunos de engenharia – isto é, mais de 50% de um universo de 70 alunos – relata que o principal motivo que os levaram a participar do projeto foi o de ajudar ao próximo, passando a ter um olhar menos rígido em relação às situações do cotidiano. Esses alunos também alegam ter sentido ou sentir falta de um caráter humanitário durante o decorrer do curso.

Através das respostas, podemos perceber que a procura desses estudantes em participarem de uma atividade solidária, não necessariamente vinculada a sua formação profissional, resulta em possíveis mudanças em sua vida pessoal.

APÊNDICE G – Tema livre

“CONHECIMENTOS E PERCEPÇÕES DOS MÉDICOS DA UPI E UTI / IPPMG SOBRE O PROJETO *ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS*”

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R. A.; Lima, P.; Moura, A. E. X.; Monteiro, P.E.S.

O Projeto *Alunos Contadores de Histórias* tem como um de seus objetivos oferecer a alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) um espaço de aprendizado e transformação durante o desenvolvimento de um trabalho de *contação de histórias* para pacientes atendidos no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG).

O IPPMG presta atendimento a crianças e adolescentes com doenças crônicas e complexas que passam por muitas perdas e sofrimento durante o período de adoecimento. As atividades lúdicas geram prazer e divertimento e participar destas resgata o lado saudável da criança, facilitando o processo de elaboração da doença.

A atuação em um trabalho de responsabilidade social permite ao aluno a possibilidade de tomar consciência do seu papel de cidadão. Nesse projeto, acreditamos que os alunos possam ganhar uma experiência rica em trocas, tanto com os pacientes e seus acompanhantes, quanto com a equipe de saúde.

De agosto de 2008 até junho de 2011, 214 alunos participaram desta iniciativa. Durante os seis meses de atividades no projeto, os alunos se comprometem a atuar por 2 horas por semana, contando histórias para pacientes nos diversos setores do hospital.

Entendemos que o bom desenvolvimento de qualquer projeto de extensão depende de uma adequada interação de todos os atores envolvidos; sendo assim, uma boa relação dos alunos com toda a equipe de saúde é necessária para que o projeto cumpra com seus objetivos. Para que essa interação se desenvolva, há a necessidade do conhecimento por parte da equipe de saúde dos objetivos do projeto, sem o qual não pode haver a compreensão das atividades. O objetivo geral desse trabalho é avaliar o conhecimento dos médicos que atuam na Unidade de Pacientes Internos e na Unidade de Tratamento Intensivo do IPPMG acerca do projeto e a percepção destes sobre quais os momentos nos quais a *contação de histórias* para os pacientes se faz realmente positiva, assim como sobre quais as dificuldades percebidas e sugestões a serem oferecidas.

A coleta de dados será realizada através de um questionário não identificado, entregue aos profissionais pelos participantes do estudo. Serão incluídos todos os médicos em atuação nos dois setores em agosto de 2011, que aceitarem participar do estudo através de concordância por escrito em termo de consentimento livre e informado. Foram inseridos

no questionário dados sobre o projeto para, ao mesmo tempo, já oferecer informações sobre o projeto para a equipe médica.

Os dados serão colhidos e analisados segundo cronograma pré-estabelecido para que os resultados e conclusões venham a ser apresentados no VIII Congresso de Extensão da UFRJ. Com este estudo, esperamos poder verificar quais as mudanças que devam ser efetuadas para promover o melhor desenvolvimento do projeto nestes dois setores de nossa instituição.

APÊNDICE H – Tema livre

“PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DO PROJETO ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS – IPPMG”

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R. A.; Pereira, A.C.P.; Silva, C. O.; Gonçalves, P.T.

O Projeto Alunos Contadores de Histórias oferece aos alunos da UFRJ um espaço de aprendizado e transformação durante o desenvolvimento de um trabalho de contação de histórias para pacientes atendidos no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). Durante o adoecimento, as crianças passam por muitas perdas e sofrimento. Atividades lúdicas geram prazer e divertimento, resgatando seu lado saudável, favorecendo sua recuperação.

A atuação em um trabalho com possibilidade de mudanças na realidade social de indivíduos em situação de sofrimento permite ao aluno tomar consciência de seu papel de cidadão, além de oferecer uma experiência rica em trocas com pacientes/acompanhantes e equipe de saúde. Após um treinamento teórico-prático de 20h os alunos contam histórias nos diversos setores do hospital, 2h por semana, durante seis meses.

Para acompanhar o desenvolvimento do projeto, percebemos a necessidade da sistematização dos dados, tais como: número de alunos, cursos que apresentam maior demanda, número de horas de atividades desenvolvidas e de pessoas beneficiadas.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar resultados do banco de dados desenvolvido pelos bolsistas. Esta iniciativa faz parte do plano de trabalho destes, por entendermos que é uma estratégia dos alunos utilizarem conhecimentos técnicos para desenvolver ferramentas que possibilitem a avaliação das atividades, assim como valorizar a importância da avaliação contínua, ao mesmo tempo em que busca motivar alunos a desenvolverem conhecimentos que possam sugerir modificações necessárias.

De agosto/08 a dezembro/11, 302 alunos participaram dos seis treinamentos realizados. 38% dos alunos vieram dos cursos de engenharia e 22% do curso de medicina. Em 2011, os 132 participantes e seis bolsistas, atuaram por 2.653 horas, desenvolvendo atividades junto a 11.785 crianças/adolescentes. Em fevereiro/12, alunos de 28 cursos diversos oferecidos pela UFRJ participaram do treinamento, o que vai de encontro à proposta de multidisciplinaridade.

Verificamos que o banco de dados permite uma informação adequada, servindo como importante ferramenta de avaliação do projeto.

APÊNDICE I – Tema livre

“COMEMORAÇÕES DE DATAS FESTIVAS – PROJETO ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS/IPPMG”.

Autores: Motta, S.S.; Fonseca, R. A.; Cêia, A.L.C.; Oliveira, C. M.; Silva, N.C.K.M.; / Duarte, P.R.A.

O Projeto Alunos Contadores de Histórias tem como um de seus objetivos oferecer um espaço de aprendizado aos alunos da UFRJ, durante o trabalho de contação de histórias para crianças/adolescentes atendidas no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG). A participação do aluno em um projeto desenvolvido numa unidade hospitalar permite vivenciar, durante sua formação acadêmica, uma atividade que envolve responsabilidade social e possibilita a conscientização do seu papel na sociedade. O treinamento é constituído por palestras com médicos, psicólogos do IPPMG e professores da Faculdade de Letras/UFRJ, oficinas de Contação de Histórias e duas semanas de estágio supervisionado nos diversos setores da instituição. Após o treinamento, o aluno dedica duas horas semanais, durante seis meses, à atividade de contação de histórias no hospital.

A “contação de histórias” para crianças hospitalizadas gera alegria e bem-estar. Através da narrativa e da utilização do imaginário infantil, pode-se resgatar seu lado saudável, o que ameniza o desconforto e o sofrimento causados pelo adoecimento e internação hospitalar. Em 2010, com o objetivo de estreitar o relacionamento entre alunos dos diversos cursos, foi inserida, nas atividades do projeto, a organização de eventos nas datas comemorativas: Páscoa, Dia das Mães, Festa Junina, Dia das Crianças e Natal, visando também introduzir no espaço hospitalar o clima festivo que caracteriza essas datas. Esses eventos foram realizados em 2011, durante três dias para cada uma dessas comemorações, com a participação de cerca de 10 a 15 alunos/dia. Os alunos bolsistas incentivam os demais alunos a participarem na organização de brincadeiras, caracterização das crianças, procura de músicas temáticas e, como um dos focos do projeto é incentivar o hábito de leitura busca-se oferecer livros infantis durante a realização desses eventos.

Os ganhos percebidos com esta nova atividade, junto aos alunos participantes, as crianças, seus responsáveis e também a equipe hospitalar, efetivou a introdução da organização e realização dessas datas festivas no calendário anual do projeto.

APÊNDICE J –Instrumento 1 - Questionário Pré-projeto**PROJETO ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS****Dados Pessoais:**

Nome: _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / _____

Nacionalidade: _____

Estado Civil: _____

CPF: _____

Identidade: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Tel: _____ Celular: _____

Mail: _____

Curso: _____

Período: _____

1. **Você já participou de alguma atividade voluntária? Se sim, qual?**

2. **Quais as razões que levaram você a se inscrever para participar do projeto Alunos Contadores de Histórias?**

3. **Em sua opinião, qual a importância de se contar histórias para crianças hospitalizadas?**

4. **Quando você era criança, ouvia histórias infantis? _____**
Quem as contava? _____
Que lembranças você guarda desta época?

5. **Você já fez algum trabalho que envolvesse crianças? _____**
Por quanto tempo? _____
Que tipo de trabalho? _____

6. **Você gosta de trabalhar em grupo? Por quê?**

7. **Como você acha que esse trabalho pode influenciar sua vida pessoal?**

8. **E sua vida acadêmica?**

9. **Quais as suas expectativas sobre o projeto?**

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE M – Instrumento 3 - Questionário pós-projeto**PROJETO ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS****Questionário de avaliação de participação no Projeto**

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Tel: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Curso: _____

Período: _____

Data de preenchimento: ____ / ____ / ____

Período no qual participou do projeto: ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

AS INFORMAÇÕES SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA EM PARTICIPAR DESTE PROJETO SÃO MUITO IMPORTANTES PARA QUE SE POSSA DESENVOLVER O SEU VERDADEIRO PAPEL DE PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. AGRADECEMOS ANTECIPADAMENTE SUA COLABORAÇÃO.

1. A participação no projeto atendeu as suas expectativas? Justifique, por favor.

2. Quais, no seu modo de ver, foram os principais pontos positivos?

3. Quais, no seu modo de ver, foram os principais pontos negativos?

4. Em que aspectos você acredita que o projeto possa ter te influenciado?

5. Quais seriam as suas sugestões ao projeto?

APÊNDICE N – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo intitulado “Motivações e experiências de alunos em Projeto de Extensão Universitária em hospital pediátrico: o projeto *Alunos Contadores de Histórias do IPPMG*” desenvolvido pelo Instituto de Medicina Social, coordenada por Sonia Steinhauser Motta. Este estudo tem por objetivo descrever e analisar a experiência de alunos da UFRJ que participam do Projeto de Extensão Universitária Alunos Contadores de Histórias do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG).

Você foi selecionado(a) por ter participado do projeto na turma 5, capacitada em fevereiro/11, ou na turma 6, capacitada em agosto/11 e ser aluno dos cursos de engenharia, medicina ou enfermagem.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não concordar com sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Sua atuação nesta pesquisa consistirá em participar de uma reunião em grupo a fim de expor a sua opinião. Nesta reunião, o pesquisador provocará um debate para recolher informações, sem realizar uma entrevista com perguntas diretas. Esta técnica permite a geração de ideias e opiniões espontâneas por meio da discussão entre os mesmos a partir de uma temática proposta pelo pesquisador. O conteúdo da reunião versará sobre os motivos e expectativas em participar do projeto “Alunos Contadores de Histórias – IPPMG” ao ingresso no projeto e sobre a sua avaliação quanto à participação no projeto. A reunião será realizada na sala 2 do Centro de Pós-Graduação do IPPMG, durando cerca de 60 a 90 minutos, sendo moderada pela psicóloga Maria de Fátima Oliveira Santos, contando com a presença da pesquisadora principal do estudo, Dra. Sonia Motta, e da orientadora da pesquisa, profa. Adriana Aguiar. A reunião será gravada em áudio para possibilitar sua reprodução e transcrição posterior, permitindo desta maneira a análise do debate. O material transcrito e a gravação em áudio serão armazenados, em arquivos digitais, mas somente terão acesso os pesquisadores envolvidos. O material será armazenado por cinco anos, sendo destruído após este período.

Os riscos decorrentes de sua participação no estudo são mínimos, visto que você já não está mais participando do projeto neste momento, não deixando margem a qualquer tipo de represália no caso de alguma atitude crítica em relação ao projeto, o que não faz parte da prática da gestão do projeto ao longo dos quatro anos de funcionamento.

Outro possível risco identificado é o de constrangimento durante a reunião, contudo nos comprometemos a intervir, mediando conflitos se necessário.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

O pesquisador responsável compromete-se a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final desse documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/ coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Sonia Steinhauser Motta, pediatra, coordenadora do Projeto de Extensão Universitária “Alunos Contadores de Histórias do IPPMG”, Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, ambulatório Materno-Infantil, Av. Bruno Lobo, 50 - Cidade Universitária, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, CEP 21.941-50, telefones: (21) 25626186 / celular: 91161567, soniasmotta@uol.com.br.

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Social da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524 – sala 7.003-D, Maracanã, Rio de Janeiro, CEP 20559-900, telefone (21) 2334-0235, ramal 108. E-mail: cep-ims@ims.uerj.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante _____

Assinatura da pesquisadora : _____